

Dag Norberg

MANUAL PRÁTICO
DE LATIM MEDIEVAL

(II – TEXTOS ESCOLHIDOS)

Tradução: *José Pereira da Silva*

Rio de Janeiro
CiFEFiL
2007

INTRODUÇÃO

.....

Nossa seleção de textos é mais passível de críticas. Alguns perguntarão por que não demos exemplos do estilo tão original de um São Bernardo ou de um Tomás Kempis, outros, por que não estudamos mais detidamente os traços locais dos textos medievais etc. Poderão ser preenchidos facilmente vários volumes sem se conseguir esgotar o assunto. Nossa finalidade foi mais modesta. Não nos propusemos a apresentar uma antologia da literatura medieval, mas a colocar em evidência as diversas fases da língua deste período e a apresentar ao leitor alguns conhecimentos gerais a partir dos quais poderá prosseguir com estudos especializados. Mesmo neste ponto de vista, aliás, todo manual continuará sempre mais ou menos imperfeito.

.....

II. TEXTOS ESCOLHIDOS

1. Cristianismo e paganismo na Gália (um sermão de São Cesário de Arles)

No início do século VI, as crenças pagãs estavam sempre vivas na Gália, sobretudo no campo. Os bispos se esforçavam para extirpar os antigos hábitos, instruir as massas urbanas e organizar as igrejas rurais.¹ Os sermões de São Cesário, bispo de Arles de 503 a 543, dão-nos preciosos ensinamentos a esse respeito.

Para ser compreendido pelo povo, São Cesário se exprime num estilo simples e claro. Ele mesmo diz sobre esse assunto: "Se quisermos expor-lhes a Escritura na ordem e no estilo dos Santos Padres, o alimento espiritual poderia chegar a alguns letrados, mas a grande massa ficaria faminta. Eu peço, pois, humildemente, que os ouvidos dos eruditos se contentem por suportar minhas expressões rústicas sem se lamentarem, para que todo o rebanho do Senhor possa receber o alimento celeste numa linguagem simples e familiar."² É necessário deixar claro que a população a que se dirigia São Cesário falava sempre latim e não uma língua românica ou proto-românica.

¹ Ver P. Riché, *Éducation et culture dans l'Occident barbare*, p. 131 e ss.

² Césaire, *Serm.*, LXXXVI, *Corpus Christianorum*, CIII, p. 353.

Certamente, esse latim não era mais aquele de Cícero e de sua época; além do mais, os textos escritos não podem dar uma idéia completa do que era a língua falada. Apesar de tudo, a estrutura dessa língua era latina. O latim que podemos estudar nos sermões de São Cesário é a última fase do latim vivo na Gália.¹ Nós, portanto, escolhemos o sermão vivo como ponto de partida para nossa excursão no domínio do latim medieval.²

Rogo vos, fratres carissimi, ut adtentius cogitemus quare christianiani sumus³, et crucem Christi in fronte portamus. Scire enim debemus quia⁴ non nobis sufficit quod nomen christianum accepimus, si opera christiana non fecerimus... Omni die dominico⁵ ad

¹ Cf. nosso artigo *A quelle époque a-t-on cessé de parler latin en Gaule?* *Annales*, XXI, 1966, p. 346 e ss.

² Césaire, *Serm.*, XIII, *Corpus Christianorum*, CIII, p. 64 e ss.

³ **quare... sumus.** SINTAXE - O latim arcaico emprega, freqüentemente, o indicativo nas interrogativas indiretas. Este uso ainda permanece vivo na língua falada, apesar das regras da gramática clássica e dos textos tardios que apresentam numerosos exemplos. Nesse sermão, Cesário escreve assim à linha 45 *videte qualis est* e à linha 47 *considerate si est*. (Nós nos referimos diversas vezes às linhas em que determinados fatos se documentam, mas isto só será possível determinar num texto formatado para edição impressa ou em formato protegido).

⁴ **scire... quia.** SINTAXE - A oração infinitiva, tão característica do latim clássico, foi cedo suplantada na língua falada por uma completiva introduzida por *quia* ou *quod* (por vezes também *quoniam*). Esse tipo de oração divulgada nos textos literários de uma época tardia, sob a influência da Bíblia, na qual os tradutores se apoiaram na construção grega correspondente. É assim que Cesário escreve aqui às linhas 26 *videte quia*, 55 *credam quod*, 61 *denuntiantes quod*, 68 *dicite quia*, 69 *audivimus quod*, 71 *contestamur quia*, a maior parte do tempo com o indicativo na oração subordinada. Em nosso texto, Cesário emprega a oração infinitiva somente após *agnoscitis* (linha 57), *videtis* (linha 64), *cognoveritis* (linha 77).

⁵ **die dominico.** SINTAXE - O uso antigo do adjetivo no lugar do genitivo possessivo se encontra em certas fórmulas como *erilis filius* = *eri filius* "le fils du maître de la maison". Do mesmo modo, no latim dos cristãos, *dominicus dies*, *dominica oratio*

ecclesiam¹ convenite: si enim infelices Iudaei tanta devotione celebrant sabbatum, ut in eonulla opera terrena exerceant, quanto magis christiani in die dominico soli Deo vacare et pro animae suae salute debent ad ecclesiam convenire? Quando ad ecclesiam convenitis, pro peccatis vestris orate: nolite rixas committere, nolite lites et scandala concitare; qui ad ecclesiam veniens haec fecerit, ibi se litigando vulnerat, ubi se orando sanare potuerat. In ecclesia stantes nolite verbosare², sed lectiones divinas patienter audite: qui enim in ecclesia verbosare voluerit, et pro se et pro aliis malam

etc. Para designar o domingo, emprega-se mais freqüentemente a expressão inteira *dies dominicus* ou *dies dominica*. Mas também se chega a suprimir o substantivo, dizendo somente *dominicus* ou *dominica*. A variação de gênero se reflete nas línguas românicas: francês *le dimanche*, espanhol *el domingo*, mas italiano *la domenica*. Emitiu-se a hipótese (G. Rohlfs, *Die lexikalische Differenzierung der romanischen Sprachen*, Munique, 1954, p. 25 e ss.) de que o feminino se reportou à vitória nas partes da Românica que estavam particularmente expostas à influência do grego, cujo vocábulo correspondente é sempre feminino.

¹ **ecclesiam.** LEXICOGRAFIA - É evidente que o sermão de Cesário apresenta um bom número de cristianismos lexicológicos. Alguns são empréstimos tomados da língua grega, como por exemplo, *ecclesia*, cuja acentuação latina (*ecclésia* e não *ecclesía*) parece indicar que o vocábulo passou ao latim antes do desaparecimento da quantidade das vogais. Podem ser destacados em nosso texto outros vocábulos de origem grega *presbyter*, *diabolus*, *baptismus* e *scandalum*, e é do hebraico que vem, por intermédio da Bíblia, *sabbatum*. Mas, mesmo os vocábulos latinos que encontramos aqui estão carregados de um novo conteúdo semântico. *Peccatum* não significa mais qualquer erro, mas uma falta contra a lei divina, um pecado, e podemos mesmo constatar uma modificação semântica devida à ideologia cristã em vocábulos como *infelix*, *miser*, *fideliter*, *paenitentia*, *oratio*, *indulgentia*, *devotio*, *salus*, *regnum*. O novo significado salta aos olhos nas expressões *corpus et sanguis Christi*, *oleum benedictum*, *baptismi sacramentum*, *crux Christi*, *lectio divina*, *verbum Dei*, que dizem respeito ao culto e aos ritos cristãos.

² **verbosare.** LEXICOGRAFIA - No latim tardio criou-se *verbosari* ou *verbosare* derivado de *verbosus* da mesma maneira que *anxiari* o é de *anxius*, e *iucundari* de *iucundus*. Já chamamos a atenção para o fato de que os depoentes foram eliminados da língua falada. Isto porque Cesário admite aqui a forma ativa, enquanto que manteve em outros lugares a forma passiva. *In ecclesia stantes... nolite invicem verbosari*, diz ele, por exemplo num outro sermão em que pretende que são sobretudo as mulheres que se dão a tagarelar.

redditurus est rationem, dum verbum Dei nec ipse audit, nec alios audire permittit. Decimas de fructiculis¹ vestris ad ecclesiam reddite. Qui fuit² superbus, sit humilis; qui erat adulter, sit castus; qui solebat furtum facere vel res alienas invadere, etiam de propria substantia incipiat pauperibus erogare. Qui fuit invidus, sit benignus; sit patiens, qui fuerat iracundus; qui fecit iniuriam, cito veni-

¹ **fructiculis.** LEXICOGRAFIA - *Fructiculus*, que parece ser uma criação de Cesário, significa "pequeno fruto". Mesmo a uma data mais tardia, os diminutivos conservaram freqüentemente seu sentido próprio, assim quando os ricos qualificam sua fortuna de *pecuniola*, *acquisitulum*, *sorticellula* etc., ou quando os grandes autores qualificam suas obras de *exiguitatis meae munusculum* (Cf. T. Janson, *Latin Prose Prefaces*, Estocolmo, 1964, p. 146). Por outro lado, podem ser encontrados exemplos desde a época clássica em que os diminutivos efetivamente perderam seu sentido original. Varrão, contemporâneo de Cícero, não faz diferença entre *auris* e *auricula* quando diz *auriculis magnis*. Esse é o uso do latim falado como o mostram, por exemplo, o francês *oreille* < *auricula*, *soleil* < *soliculus*, *oiseau* < *avicellus*.

² **fuit-erat-fuerat.** ESTILÍSTICA - Não se vê por que Cesário escolheu ora *fuit*, ora *erat*. O emprego do mais-que-perfeito no lugar do imperfeito - uso que já se encontra na época clássica - provém, entretanto, de uma tendência a terminar os períodos por certa cláusula rítmica: *fúerat iracúndus* dá um *cursus velox*. Com efeito, constata-se com espanto que o bispo de Arles, depois de ter declarado que não se ocupava da retórica dos letrados, procura exprimir-se numa prosa rítmica conforme as regras de sua época. Noutro texto, encontramos assim, diante de uma pausa marcada por uma pontuação forte, 16 vezes um *cursus planus*, 10 vezes um *cursus tardus*, 16 vezes um *cursus velox*. Duas vezes somente, o autor empregou formas não recomendadas: linha 38 *loqui studeant* e linha 68 *baptismi sacramentum*. Mas é bem possível que Cesário tenha pronunciado *loqui estudeant* e tenha acentuado *báptismi sacraméntum* e que se tratasse, em realidade, de duas formas regulares de *cursus tardus* e de *cursus velox*. Estudaremos mais adiante esses fenômenos lingüísticos.

De um ponto de vista acentual, as cláusulas de nosso sermão são, pois, todos ou quase todos irrepreensíveis. Mas Cesário observou freqüentemente a quantidade das cláusulas. Ele formou, por exemplo, 10 vezes as cláusulas de *cursus planus* de um crético seguido de um troqueu: *in fronte portamus* etc., 6 vezes ele ultrapassou as regras da quantidade: *observatione remansit* (cláusula heróica) etc. O *cursus tardus* é constituído 4 vezes regularmente de um dicrético, 6 vezes de formas amétricas, o *cursus velox*, 13 vezes de um ditroqueu precedido de um proparoxítono, 3 vezes de um dispondeu. Esses números são insuficientes para permitir uma conclusão segura. Mas uma estatística mais vasta - que não temos necessidade de fornecer aqui - conduz ao mesmo resultado: veríamos em Cesário os restos do sistema quantitativo em vias de substituição pelo sistema acentual ou rítmico da Idade Média.

am petat; cui iniuria facta est, cito dimittat. Quotiens aliqua infirmitas supervenerit, corpus et sanguinem Christi ille qui aegrotat accipiat; oleum benedictum a presbyteris humiliter ac fideliter petat, et inde corpusculum suum ungueat, ut illud quod scriptum est impleatur in eo: "Infirmitur aliquis? Inducat presbyteros, et orent super eum unguentes eum oleo: et oratio fidei salvabit infirmum, et adlevabit eum Dominus; et si in peccatis sit, dimittuntur ei." (Jac. 5,14 s.) Videte, fratres, quia qui in infirmitate ad ecclesiam currit, et corporis sanitatem recipere, et peccatorum indulgentiam merebitur obinere. Cum ergo duplicia bona possimus in ecclesia invenire, quare per praecantatores, per fontes et arbores et diabolica fylacteria, per caraios aut aruspices et divinos vel sortilogos multiplicia sibi mala miseri homines conantur inferre?

Sicut iam supra diximus, filios et omnes familias vestras admonete semper, ut caste et iuste ac sobrie vivant; nec solum eos verbis sed etiam exemplis ad bona opera provocate. Ante omnia, ubicumque fueritis, sive in domo, sive in itinere, sive in convivio, sive in concessu¹, verba turpia et luxuriosa nolite ex ore proferre: sed magis vicinos et proximos vestros iugiter admonete, ut semper quod bonum est et honestum loqui studeant; ne forte detrahendo, male loquendo, et in sanctis festivitatibus choros ducendon cantica luxuriosa et turpia proferendo, de língua sua, unde deberent Deum

¹ **in concessu.** LEXICOGRAFIA - Temos aqui duas antíteses: *in itinere* é o oposto de *in domo*, e *in concessu* deve, portanto, ser o oposto de *in convivio* e significar "na solidão". É um sentido desse vocábulo que não se encontra nos léxicos, mas que se explica facilmente, visto que o verbo *concedere* pode substituir *secedere*. Santo Hilário de Poitiers escreve, por exemplo, *in desertum concedit* explicando Mateus 14,13 *secessit inde in navicula in locum desertum seorsum*.

*laudare, inde sibi vulnera videantur infligere*¹. *Isti enim infelices et miseri, qui ballationes*² *et saltationes ante ipsas basilicas sanctorum exercere nec metuunt nec erubescunt et si christiani ad ecclesiam veniunt, pagani*³ *de ecclesia revertuntur, quia ista consuetudo ballandi de paganorum observatione remansit. Et iam videte qualis est ille christianus, qui ad ecclesiam venerat orare*⁴, *et neglecta ora-*

¹ **videantur infligere.** ESTILÍSTICA - Na prosa tardia, o passivo *videri* é, frequentemente, um auxiliar sem valor próprio, que é empregado para formar cláusulas. Aqui, os vocábulos *videantur infligere* dão uma excelente cláusula (um dicrético = *cursus tardus*), mas na qual consiste o sentido, pois *infligant* teria sido suficiente. Noutros sermões, Cesário prefere igualmente as cadências rimadas *successores esse videmur* e *similitudinem illarum molarum habere videtur* (dois casos de *cursus planus*) às expressões simples *successores sumus* e *similitudinem illarum molarum habet*. Noutros autores tardios se encontram, no mesmo emprego: *nosci, dinosci, cognosci, probari, comprobati, monstrari, inveniri* e ainda outros verbos.

² **ballationes.** LEXICOGRAFIA - O vocábulo *ballare* que é um empréstimo do grego BALLÍTSEIN apareceu pela primeira vez em Santo Agostinho, que se lamenta dos povos que vêm às festas dos mártires para "se embriagar, dançar, cantar canções indecentes e conduzir danças de roda à maneira do diabo" (Augustin, *Serm.*, CVI, 2). Vemos que estas são as próprias superstições que persistiam na Gália à época de Cesário.

³ **pagani.** LEXICOGRAFIA - Tentou-se explicar de várias maneiras a evolução semântica do vocábulo *paganus* que adotou o sentido de "pagão". Alguns sábios pensaram que era necessário partir do sentido de "camponês", que já é uma explicação de Orósio, que escreveu a Santo Agostinho, por volta de 418, que "os que não pertencem à cidade de Deus são chamados de pagãos (*pagani*) a partir das encruzilhadas e das aldeias do campo", *ex locorum agrestium compitis et pagis pagani vocantur* (Orose, *Hist.*, I, prol., 9). Outros pensam que é antes a oposição entre *milites Christi* e *pagani*, "os civis", que forma o ponto de partida - suposição bastante verossímil. Com efeito, *paganus* já é empregado com certo tom pejorativo em Tácito, que diz em suas *Histoires*, III, 24: *mox infensus praetorianis "vos" inquit "nisi vincitis pagani"*, "em seguida, ele se dirigiu aos pretorianos com censuras cruéis: se não alcançardes novamente a vitória, sereis pequenos burgueses". O vocábulo já tinha, portanto, um valor afetivo quando os cristãos começaram a empregá-lo para designar seus adversários (Ver E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 75 e ss.).

⁴ **venerat orare.** SINTAXE - Os verbos de movimento são seguidos, frequentemente, de um infinitivo na língua falada, fenômeno que aparece desde a época arcaica e subsiste ainda hoje como o mostra a frase de Plauto *venerat aurum petere* e sua tradução francesa "il était venu réclamer son or" (ele veio reclamar seu ouro). A prosa clássica recusava essa construção, mas em textos tardios são encontrados frequente-

tionem sacrilegia paganorum non erubescit ex ore proferre. Considerate tamen, fratres, si¹ iustum est ut ex ore christiano, ubi corpus Christi ingreditur, luxuriosum canticum quasi venenum diaboli proferatur. Ante omnia, quicquid vultis vobis ab aliis fieri², hoc aliis facile; quod vobis non vultis fieri, nulli alii feceritis. Quam rem si volueritis implere, ab omni peccato potestis vestras animas liberare: quia et qui litteras non novit, istas³ duas sententias memoriter tenere, et cum Dei adiutorio operibus et potest et debet implere.

Et licet credam quod illa infelix consuetudo, quae de paganorum profana observatione remansit, iam vobis castigantibus de locis istis fuerit Deo inspirante sublata, tamen si adhuc agnoscitis aliquos illam sordidissimam turpitudinem de annicula vel cervulo⁴

mente exemplos do tipo *vadam adhortare eos* ou *fuiumus* (isto é *profecti sumus*) *visitare Romam* (Lib. Hist. Franc., 15, MGH, Mer., II, p. 262,34, e *Vita Landiberti*, 24, *ibid.*, VI, p. 377,2).

¹ **Si** interrogativo. SINTAXE - *Considerate si iustum est* é uma construção absolutamente normal em baixo latim. Em Cícero, o emprego de *si* interrogativo é uma exceção, restrita a algumas frases particulares, sempre seguidas de um subjuntivo.

² **quicquid vultis vobis fieri**. ESTILÍSTICA - É no Sermão sobre a montanha que o autor recolheu esses vocábulos. As palavras de Jesus influenciaram, desse modo, o estilo de Cesário. A *beati pauperes* etc., correspondem em Cesário linha 74 *infelices et miseri* etc. Os preceitos de Jesus são expressos por imperativos ou por *nolite*, assim como em Cesário.

³ **istas**. SINTAXE - Sabe-se que havia no latim clássico uma diferença muito clara entre os pronomes demonstrativos. À época imperial, essas diferenças se tornam cada vez mais apagadas. *Hic* e *ille* se enfraquecem e tendem a substituir *is* como pronome anafórico; mais tarde, *ille* se torna pronome pessoal ou artigo definido na língua falada da Idade Média. *Iste* e *ipse* tomam, freqüentemente o sentido de *hic*, *ipse* pode também substituir *idem*. Em nosso texto, *iste* serve de demonstrativo da primeira pessoa às linhas 52 (*istas duas sententias = has duas sententias*) e 56 (*de locis istis = "de nossa região"*).

⁴ **turpitudinem de annicula vel cervulo**. LEXICOGRAFIA - A partir de *anus,us* "a velha", são criados os diminutivos *anula*, *anulla*, *anicula* e *anicilla*. Podem ser comparados os derivados correspondentes de *anus,i* "anel": *anulus* e *anellus*. Sob a in-

exercere, ita durissime castigate, ut eos paeniteat rem sacrilegam commisisse. Et si, quando luna obscuratur¹, adhuc aliquos clamare cognoscitis, et ipsos admonete, denuntiantes eis quod grave sibi peccatum faciunt, quando lunam, quae Deo iubente certis temporibus obscuratur, clamoribus suis ac maleficiis sacillego ausu se defendere posse confidunt. Et si adhuc videtis aliquos aut ad fontes aut ad arbores vota reddere, et, sicut iam dictum est, caraios² etiam et divinos vel praecantatores inquirere, fylacteria etiam diabolica, characteres aut herbas vel sucinos³ sibi aut suis adpendere, duris-

fluência de *annus*, i "ano" e do adjetivo *anniculus*, "de um ano", escrevia-se frequentemente *annulus*, *annellus* e mesmo *annicula*.

Compreendem-se melhor as palavras de Cesário, se se comparar um outro sermão sobre a festa de ano novo: "É possível crer que há homens de bom senso que se fingem de animais selvagens, tomando o aspecto de um cervo (*cervulum facientes*)? Uns se envolvem de peles, outros se cobre da cabeça dos animais... E há algo mais vergonhoso do que ver homens vestir túnicas de mulheres?" No final do mesmo século, foi decretado num concílio de Auxere: *Non licet kalendis Ianuarii vecola aut cervolo* (isto é *vetulam aut cervulum*) *facere* (⁴ *Corpus Christianorum*, CIV, p. 780 e ss., e CXLVIII A, p. 265,1. A leitura *vecola*, que o editor rejeitou, remonta ao arquétipo, sem dúvida alguma. Para o desenvolvimento *vetulus* > *veclus* > italiano *vecchio*, francês *vieux* etc., ver V. Väänänen, *Introduction au latin vulgaire*, p. 44). Ainda no século VII, Santo Elói pregou: *nullus in Kalendas Ianuarii nefanda et ridiculosa, vetulas aut cervulos vel iotticos* (talvez *idioticos*) *faciat* (*Vita Eligii*, II,16, *MGH, Mer.*, IV, p. 705,13. Ver o artigo *Romanischer Volksglaube um die Vetula* em G. Rohlfs, *An den Quellen der romanischen Sprachen*, Halle, 1952), e a repetição da mesma interdição em outros autores mostra que essas crenças populares estavam profundamente enraizadas.

¹ **obscuratur**. LEXICOGRAFIA - Não se trata do eclipse da lua, mas de seu declínio e dos ritos pagãos nas calendas para fazer voltar a nova lua.

² **caraios**. LEXICOGRAFIA - Não há etimologia segura desse vocábulo que se encontre em qualquer texto do fim da Antigüidade e da Alta Idade Média sob as formas de *caragius*, *caragus* e *caraius*. De qualquer modo, os *caraii* eram uma espécie de bruxos, como os *divini* e os *praecantatores*.

³ **fylacteria, characteres, herbas, sucinos**. LEXICOGRAFIA - Quando os padres pregam contra as superstições pagãs, eles falam, às vezes, do uso de amuletos e de sinais mágicos; Santo Ambrósio combate, por exemplo, os *qui confidunt in phylac-*

sime increpantes dicite quia, quicumque fecerit hoc malum, perdit baptismi sacramentum. Et quia audivimus quod aliquos viros vel mulieres ita diabolus circumveniat, ut quinta feria¹ nec viri opera faciant, nec mulieres laneficium, coram Deo et angelis eius contestamur quia, quicumque hoc observare voluerint, nisi per prolixam et duram paenitentiam tam grave sacrilegium emendaverint, ubi arsurus est diabolus, ibi et ipsi damnandi sunt². Isti enim infelices et miseri, qui in honore Iovis quinta feria opera non faciunt, non dubito quod ipsa opera die dominico facere nec erubescant nec metuunt. Et ideo quoscumque tales esse cognoveritis, durissime castigate; et si se emendare noluerint, nec ad conloquium nec ad convivium vestrum eos venire permittite: si vero ad vos pertinent, etiam flagellis caedite, ut vel plagam corporis timeant, qui de animae suae salute non cogitant. Nos enim, fratres carissimi, cogitantes periculum nostrum paterna vos sollicitudine admonemus: si nos liben-

tertiis et characteribus. Contra as doenças diversas, serviam-se também de talismãs confeccionados com ervas ou âmbar, como podemos ver em Plínio, o Velho.

¹ **quinta feria.** LEXICOGRAFIA - Na época imperial, os dias da semana eram chamados *dies Solis, Lunae* (ou *Lunis* por analogia com os outros nomes; cf. por exemplo, o espanhol *lunes*), *Martis, Mercuri* (ou *Mercuris*; cf. espanhol *miércoles*), *Iovis, Veneris, Saturni* (ou *Saturnis*), como podemos ver nas inscrições (Ver E. Diehl, *Inscriptiones Latinae Christianae Veteres*, III, p. 311) e em outras fontes. Os bispos faziam grandes esforços para extirpar este costume. "Não digamos jamais 'mardi', 'mercredi' ou 'jeudi', mas o primeiro, segundo e terceiro dia da semana (*primam feriam* etc.)", escreve Cesário num sermão. Mas seu sucesso foi apenas parcial. Eles foram bem sucedidos em substituir o primeiro e o último nome por *dominicus* (*dominica*) e *sabbatum*, mas os outros nomes permanecem ainda em toda a România, exceto em Portugal.

² **dammandi sunt.** SINTAXE - No latim tardio e medieval, a paráfrase *dammandus sum* tomou o sentido de um futuro passivo. Esse uso pode ser ilustrado por um refrão de um *Versus de poenitentia*, em que se diz da alma do pecador: *aeternis es torquenda cruciantibus*. Às vezes, o adjetivo em *-ndus* serve também de participio presente passivo. Isto porque se diz num outro refrão *in terra ponendus eris* para exprimir o sentido de futuro. (*MGH, PAC, IV*, p. 605,1 e p. 496,2).

ter auditis, et nobis facitis gaudium, et vos feliciter pervenietis ad regnum. Quod ipse praestare dignetur, qui cum Patre et Spiritu sancto vivit et regnat in saecula saeculorum. Amen.

[TRADUÇÃO]

Rogo-vos, caríssimos irmãos, peçamos-nos com mais insistência porque somos cristãos e levamos na frente a cruz de Cristo. Devemos saber que não basta termos recebido o nome de cristãos, se não nos comportamos como cristãos... Todos os domingos, deveis ir à igreja. Se os miseráveis judeus celebram seu sábado com uma devoção tão grande que não fazem nada de material naquele dia, não é com que mais forte razão os cristãos devem, no dia do Senhor, se consagrar unicamente a Deus e se reunirem na igreja para a salvação de sua alma? Quando vindes à igreja, pedi por vossos pecados. Não provoqueis discussões, não vos disputeis, não deis maus exemplos. Quem faz isto quando vem à igreja, fere-se a si mesmo com suas querelas, quando poderia ter-se curado por suas preces. Quando estiverdes na igreja, não sejais indiscretos, mas ouvi com paciência o texto da Escritura: porque o que tiver preferido tagarelar na igreja levará a responsabilidade disso por si mesmo e pelos outros, porque não escuta a palavra de Deus nem permite que os outros a escutem. Pagueis à igreja os dízimos de vossos ganhos. Que o orgulhoso seja humilde e a adúltera casta. Que aquele que gostava de roubar e apoderar-se dos bens de seu próximo, meta-se a tirar de sua própria fortuna para fazer generosidades aos pobres. Que o invejoso seja cordial e o irascível paciente. Quem cometeu injustiça deve logo pedir perdão, quem sofreu uma injustiça, logo perdoar. Em caso de má saúde, o doente deve receber o corpo e o sangue de Cristo e pedir aos pa-

dres, com humildade e fervor, o óleo bento para ungir com ele seu corpo, para que se cumpra em si a palavra: *"Alguém entre vós está doente? Chame os anciãos da igreja e lhes peça para si, que seja ungido com o óleo. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantará; e se tiver cometido pecados, eles lhe serão perdoados"*. Vede, meus irmãos, que o doente que se empenha em ir à igreja ganhará a saúde do corpo e a remissão de seus pecados. Portanto, já que podemos encontrar duas espécies de bens na igreja, por que há miseráveis que tentam atrair a si mil sortes de infelicidades por meio de encantadores, mágicos, arúspices, adivinhos e feiticeiros?

Como já dissemos acima, admoestai sempre vossos filhos e todas as vossas famílias para que vivam casta, justa e sobriamente, instigai-os às boas obras por meio de vossos exemplos e exortações. Sobretudo, onde estiverdes, em vossas casas ou em viagem, num festim ou na solidão, não tenhais jamais na boca palavras indecentes ou obscenas, antes, convideis incessantemente vossos vizinhos e vossos próximos a procurar a correção e a honestidade em seus propósitos, de modo que sua língua, que deveria louvar a Deus, não lhe inflija ofensas, se caluniam e maldizem, dançam e entoam canções impudicas e obscenas durante as festas sagradas. Porque os que dançam sem crença e sem se enrubescer justamente diante das igrejas dos santos são uns infelizes, uns miseráveis. Se eles próprios vêm cristãos à igreja, voltam dela pagãos, porque o costume de dançar é um resíduo do culto pagão. Vede já o que vale esse cristão que, veio à igreja para rezar, renega a oração e não hesita em proferir as fórmulas sacrílegas dos pagãos; considerai do mesmo modo, meus irmãos, se é justo que dessa boca cristã em que penetra o corpo de Cristo, saia uma canção obscena, uma espécie de veneno diabólico. Sobretudo, fazei aos outros o que quereis que vos seja feito e não façais a ninguém o que

não quereis que vos seja feito. Praticando esse mandamento, podeis libertar vossa alma de todo pecado, porque mesmo aquele que não sabe ler pode ter esses dois preceitos presentes no espírito e, com a ajuda de Deus, pode e deve realizá-los em sua vida.

Eu estou bem persuadido de que, guiados por Deus, vós tendes sabido corrigir e fazer desaparecer desses lugares este costume funesto, resto do culto ímpio dos pagãos, todavia se vós ainda conheceis pessoas que se acusam da mais repulsiva das manchas, disfarçando-se em mulher velha ou em cervo, reservai-lhes um corretivo tão severo que eles se arrependam de ter cometido um sacrilégio. E se vós sabeis que alguém tem conservado o hábito de uivar quando a lua está em seu declínio, repreendei-os a eles mesmos, mostrando-lhes que eles cometem um pecado grave, ao imaginarem que podem, por seus uivos ou seus malefícios de uma audácia sacrílega, socorrer a lua que se obscurece em seus tempos próprios, segundo a vontade de Deus. E se vós virdes ainda alguém dirigir votos às fontes ou às árvores ou interrogar, como dissemos, aos mágicos, adivinhos ou encantadores, ou dependurar em seu pescoço ou ao pescoço de seus próximos, amuletos diabólicos, caracteres mágicos, ervas ou peças de âmbar, censurai-os com a maior severidade, dizendo-lhes que todos os que cometem esse pecado perdem o sacramento do batismo. Pretendemos também dizer que há homens e mulheres deslumbrados a tal ponto pelo diabo que no quinto dia da semana os homens não trabalham nos campos e as mulheres não fiam a lã, e afirmamos diante de Deus e seus anjos que todos esses que agem assim serão, se não se corrigirem dessa idolatria tão grave por uma longa e dura penitência, condenados a queimar-se lá onde o diabo se queimou. Porque esses infelizes, esses miseráveis que em honra de Júpiter se abstêm de trabalhar no quinto dia, entregam-se, certamente, aos mesmos

trabalhos no domingo, sem vergonha e sem inquietude. Castigues pois, muito severamente, todos os que em vosso conhecimento, vivem assim. Se eles não querem se corrigir, não lhes faleis nem façais refeições com eles. Se eles vos pertencerem, vós mesmos deveis chicotear, para que os que não pensam na salvação de sua alma creiam ao menos na contusão de seu corpo. Nós vos advertimos, caros irmãos, com a solicitude de um pai que conhece bem nosso próprio perigo. Se quiserdes nos escutar, nos causareis uma grande alegria, e conseguireis felizmente o reino dos céus. Porque aquele que vive e reina com o Pai e o Santo Espírito pelos séculos dos séculos dignese de nos conceder esse dom. Amém.

2. Duas cartas da Gália merovíngia

A. Santo Elói

Um século depois de São Cesário, a situação lingüística havia mudado muito na Gália. A língua falada apresentava mais traços românicos do que latinos e, sob sua influência, a língua escrita havia perdido sua estrutura clara e bem organizada. Para dar uma idéia, escolhemos duas cartas, das quais a primeira, escrita por Santo Elói, mostra ainda alguns traços da antiga educação. Encontramos nela os nomes de três célebres bispos da época merovíngia: São Didier, bispo de Cahors (630-655), Santo Elói, bispo de Noyon (641-660) e Santo Ouen, cujo nome secular era Dadon, bispo de Rouen na mesma época. Todos os três ocuparam postos importantes na corte dos reis Clotário II e Dagoberto, seu filho: Didier como tesoureiro, Elói como ourives e intendente das moedas e Dadon como referendário. Em 630, Dagoberto enviou Didier, na qualidade de bispo, a Cahors para reprimir um motim e pacificar a região. Após a morte de Dagoberto, em 639, Elói e Dadon abandonaram também a corte para se consagrarem à instrução religiosa do povo. Nossa carta deve ter sido

escrita entre 641, data em que Elói e Dadon se tornaram bispos, e 655, ano em que morreu Didier.¹

*Damno semper suo atque apostolico patre² Desiderio papae
Elegius³ servus servorum Dei.*

*Quociens⁴ aditum scribendi gratiae vestrae⁵ repperimus⁶, to-
tiens nobis comolum¹ gaudii videtur adcriscere². Quapropter cum*

¹Didier entretinha uma correspondência constante com os grandes homens de sua época, e possuímos uma coleção de cartas, extraída dos arquivos de Didier à época carolíngia. A compilação é composta de dois livros, o primeiro dos quais contém dezesseis cartas da mão de Didier, e o segundo vinte e uma endereçadas a ele por seus amigos. A carta que publicamos a seguir encontra-se no segundo livro.

² **Patre.** MORFOLOGIA – As terminações em *-i* e em *-e* são confundidas no latim merovíngio frequentemente. Assim o dativo da terceira declinação termina frequentemente em *-e*, o ablativo, ao contrário, em *-i*: *patre* por *patri*, *priori* por *priore* etc. Como o *m* final havia caído, chegou-se mesmo a escrever-se *maiolem domus* por *maiori domus* ou *tenuem sermonem* por *tenui sermone*. (Cf. o índice da edição sobre *Casuum formae*).

³ **Elegius.** FONÉTICA - As grafias *Eligius* e *Elegius* são ambas frequentes. Em sílaba aberta e acentuada, o *i* breve tinha tomado o mesmo timbre que o *e* longo; cf. na coleção a que pertence nossa carta, *antestitem*, *iteneris* I, 13,3 e II, 8, 9.

⁴ **quociens.** FONÉTICA - *Quociens*, *gracia* etc., são grafias que encontramos por volta de 50 vezes em nossa coleção de cartas. O erro inverso, *benefitium*, *pertinatia* etc., é muito mais raro; nossa coleção apresenta somente 11 exemplos dessa natureza.

⁵ **graciae vestrae.** ESTILÍSTICA - *Gratia vestra* é aqui um título honorífico, assim como *almitas*, *caritas*, *dignatio*, *magnitudo*, *pietas*, *sanctitas* e, para os reis e os ministros dos reis merovíngios (*maires du palais*), *excellentia*, *eminentia*, *dominatio*, *celsitudo*, *culmen* etc. Por outro lado, havia certo gosto em se designar por expressões como *nostra parvitas* (veja-se aqui à linha 7), *exiguitas*, *extremitas* etc.

⁶ **repperimus.** FONÉTICA - Aqui *repperimus* é um perfeito, como o mostra a cláusula *véstrae reppérimus*. Entretanto, o latim tardio possui também uma forma do presente *repperio* com dois *p*, devida à analogia com o perfeito *repperi*. A maior parte do tempo, a geminação das consoantes, como em *ingerrere* à linha 11, *prae-*

*salutationis officia³ illud propensius⁴ pre¹ cunctis conditionibus
deposco ut, quotienscumque inter mundanas sollicitudines mens ad*

summo, possitus etc. noutras cartas, provém de uma reação contra a tendência da língua falada a simplificar as consoantes dobradas, tendência de que encontramos freqüentemente exemplos do tipo *sumus, misus, efectus* etc.

¹ **comolum.** FONÉTICA E MORFOLOGIA - O *u* breve é representado pela letra *o* porque o *u* breve e o *o* longo são confundidos na língua falada nas mesmas condições que o *i* breve e o *e* longo. Confira em nossas cartas *copio, Bitorige*. Aqui *cumulus* se tornou neutro. O fenômeno inverso é mais freqüente: os textos atestam a regressão do neutro na língua falada; confira, por exemplo, *synodalis concilius* numa carta do rei Sigeberto, II, 17, 12.

² **adcriscere.** FONÉTICA - Na Itália e na Gália, as formas incoativas em *-isco* substituíram, em geral as formas em *-esco*. De fato, encontramos em nossas cartas *adcriscere, floriscat* e *innotiscere*. Freqüentemente há mais diferença entre o incoativo e o verbo simples; confira linha 10 *feniscere*, isto é *finiscere*, no lugar de *finire*.

³ **cum salutationis officia.** MORFOLOGIA - No latim da época merovíngia, encontramos freqüentemente, por exemplo, *a plures, cum exemplaria, de litteras, de pueros, pro condiciones nostras* e, por outro lado, *ad ipsa civitate, adversus domno Desiderio, ante ipso domno, per vestro consilio* etc. As expressões do tipo *cum eum, de salutem* são bastante raras e, no plural, os erros *praeter his feminis, per omnibus* etc., faltam totalmente em diversos textos. Como as terminações em *-m* e, no plural, em *-is* e *-ibus* desapareceram cedo da língua falada, são, portanto, preferentemente, as formas do caso regime, conservadas no antigo francês e no antigo provençal, que encontramos nos textos latinos após as preposições.

ESTILÍSTICA - Nossa carta está cheia de traços da retórica empolada da Baixa Antigüidade. A fraseologia de Elói, de Didier e de outros bispos do século VII é mais ou menos a mesma que a de Sidônio, no século V. Realmente, nossa carta não contém senão belas palavras e é necessário supor que o mensageiro de Elói tenha sido encarregado de expor em viva voz uma tarefa que era, certamente, muito importante e muito delicada para ser confiada a uma carta que podia cair nas mãos de um inimigo. À fraseologia epistolar pertencem as palavras *cum salutationis officia* que, noutras cartas, são substituídas por expressões como *salute humillima effusa, salutationis obsequia praelata* (acasutivo absoluto), *officia salutationum persolvens, salutationum iura persolvens* etc. (Ver a edição, p. 14).

⁴ **propensius.** - SINTAXE - O comparativo tem aqui o sentido de possessivo. Nos textos tardios, encontram-se, deste modo, freqüentemente, os advérbios *citius, celerius, frequentius, attentius, diutius, nuperius, subterius, superius, subindius* etc., uso que arrastou até os comparativos *postius* e *antius*. *Postius* que é atestado nos textos é o ponto de partida do francês *puis*, *antius* deu o antigo francês *ainz*. (Cf. E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 50, e meus *Syntactische Forschungen*, p. 242 e 245)

statum quietis praevallet adtingere, memoriam parvitatís nostrae sacris precibus vestris subiugere non omittatis.

*Quod nequaquam credo² ut nostra (memoria) in oblivio ulla-
tenus apud vos cadat, ut nec vestra apud nos umquam feniscere
novit. Sed non incongrue arbitravi rediviva commonitione eadem
ingerrere, cum nimirum constet quod nulla in praesenti seculo
causa ita mentem stimulet, quemadmodum vitae perpetuae et beata
iustorum patria Desiderii immensitatae viscera mentemque sollici-
tet³. Quamobrem congruit ut, unde quisque adtencius cogitat, inde
frequentius et loqui studeat. Proinde, mi unanimes⁴ pia viscera De-
siderii, memento semper Elegii tui, cum preces Domino fundes. Et
quamvis nos terrarum interpositio longe ab alterutrum separet, nec
queat nos subinde corporalis coniunctio⁵ sociari, spiritu semper*

¹ **pre.** FONÉTICA - Como o ditongo *ae* se havia simplificado em *e* aberto, depois de muito tempo, nada é mais comum do que a grafia *e* por *ae*. O erro oposto também é freqüente; cf. linha 14 *immensitatae* por *immensitate*.

² **quod nequaquam credo.** SINTAXE - Pode-se parafrasear esta expressão em latim clássico: *Atque hoc quidem nequaquam credo, scilicet memoriam nostri in oblivium apud vos cadere posse, sicut ne memoria vestri quidem apud nos occidere potest.* Teremos aqui, portanto, uma oração introduzida por *ut* no lugar de *quod* ou *quia* substituindo uma oração infinitiva depois de *credo*, construção que se encontra, às vezes, nos textos tardios (Cf. *mes Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 114.).

³ **vita perpetuae** etc. ESTILÍSTICA - Nessa frase, Elói dispõe os vocábulos de um modo afetado: o ablativo *immensitatae* (= *-tate*) vem intercalar-se entre o genitivo *Desiderii* e os substantivos *viscera mentemque*, dos quais aquele é o complemento. Elói tentou, sem dúvida, dar alguma elegância a seu estilo por meio dessa ordem rebuscada das palavras. O pensamento mais claro é: "Nada estimula tanto o espírito como a pátria feliz da vida eterna e dos justos estimula o coração e a alma de Dider."

⁴ **mi unanimes** etc. SINTAXE - Como *pia viscera Desiderii* é aqui uma paráfrase de *pie Desideri*, Elói colocou no masculino singular *mi unanimes* (isto é, *unanimis*), por uma espécie de *constructio ad sensum*.

⁵ **corporalis coniunctio.** ESTILÍSTICA - Nas cartas tardias, encontramos as noções *absentia corporis* e *praesentia spiritus* mil vezes opostas. São Paulino de Nola es-

*simul versemur et ita vivere elaboremus, ut non post longum spacium anima simul et corpore sociemur sociatique in aeternum vivamus. Quod exoratus fideliter ac frequenter prestabit, credo, nobis clementissimus Dominus Deus noster Iesus Christus, cui gloria in aeterna secula. Amen*¹.

*Saluto te supra modum sincerissimo affectu*², *salutat et Dado, fideles utrorumque sodales*³.

[TRADUÇÃO]

Ao bispo Didier, seu senhor para sempre e seu pai apostólico, Elói, servo dos servos de Deus.

creve, por exemplo, em sua *Epist.*, 18: *etsi regionum intervallis corporaliter disparemur, spiritu tamen domini... coniuncti sumus.*

¹ **quod exoratus fideliter** etc. ESTILÍSTICA - Elói abandonou aqui o estilo epistolar e tirou da eloquência do púlpito a frase que termina os sermões. São Cesário dizia no sermão que apresentamos aqui: *quod ipse praestare dignetur, qui cum Patre et Spiritu sancto vivit et regnat in saecula saeculorum. Amen.*

² **Saluto te** etc. ESTILÍSTICA - Mesmo na época merovíngia, as cartas parecem ter sido escritas, freqüentemente, por um secretário, mas o remetente acrescentava sempre, ele mesmo, uma última frase, diante da qual encontramos, de vez em quando, nas cópias, os vocábulos *manu propria* (Ver a edição das cartas de Didier, I, 2,20 e II, 1,30). Essa frase era, quase sempre, estilizada a partir de certas fórmulas, como *Incolumem excellentiam vestram superna pietas tueatur, Annis multis vobis servire mereamur, beatissime papa* ou *Oratio me vestra sublevet, beate et venerabilis papa*. Os reis podiam contentar-se com as palavras *Syggibertus rex subscripsi*. Quando encontramos em Palácio de Auxerre, um dos colegas de Didier, a frase final *Palladius peccator hunc mandatum meum relegi et subscripsi*, isto é um sinal da decadência da cultura: Paládio confundiu os diversos gêneros e imitou o fim de uma carta do rei. Aqui, Elói parece ter empregado uma frase mais livre, porque ele queria apresentar simultaneamente as gentilezas de Dadon (Cf. a edição, p. 11 e 73.).

³ **fideles utrorumque sodales.** FONÉTICA E SINTAXE - A terminação *-es* substitui aqui *-is*. *Utrorumque*, à semelhança de *amborum*, no lugar de *utriusque*, é um erro que aparece de tempos em tempos desde a época clássica.

Cada vez que temos a ocasião de escrever a Vossa Graça, nossa alegria atinge seu ápice. Porque, apresentando-vos nossas melhores soluções, desejamos de vós instantemente, antes de tudo, outra coisa, que não vos esqueçais de mencionar nossa humilde pessoa em vossas santas orações, todas as vezes que puderdes encontrar a paz interior entre os cuidados desse mundo. Estamos perfeitamente persuadidos de que não nos deixareis jamais soçobrar no esquecimento, assim como vossa lembrança não se abrandará jamais em nós. Mas não nos encontramos impedidos de voltar a fazer este pedido e de volta fazer novamente presente: sabe-se que nada neste mundo pode estimular tanto um espírito quanto a vida eterna e a pátria dos bem-aventurados (que), por sua imensidão, põe em comoção o coração e o espírito de Didier. Portanto, é fácil compreender que se tenta exprimir o que se tem freqüentemente no pensamento. Queirais, pois, meu sincero e caro amigo Didier, lembrar-vos sempre de vosso Elói, quando dirigirdes vossas preces ao Senhor. Embora estejamos separados um do outro por um grande espaço e não possamos nos encontrar materialmente com freqüência, estamos sempre juntos em espírito e vivemos de tal maneira que nos reuniremos cedo em carne e espírito e viveremos juntos para sempre. Se o pedirmos com fé e insistência, estou seguro de que o obteremos de nosso dulcíssimo Senhor e Deus Jesus Cristo, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Minhas saudações mais sinceras e mais devotadas, assim como as de Dadon, nosso fiel amigo.

b. Uma carta rimada de Frodeberto

Na carta seguinte, escrita por Frodeberto, bispo de Tours de 663 a 682, a seu colega Importuno, bispo de Paris de 664 a 666, encontramos um estilo completamente diferente.

Em 665, a colheita parece ter sido fraca no norte da Gália. Uma entrega de trigo que Importuno devia ter efetuado a um convento de religiosos em Tours era de tão miserável qualidade que Frodeberto devolveu o lote acompanhado de uma carta irônica. Seu confrade não tardou a responder. Fora de si, insultou Frodeberto em duas cartas em que lhe fez censuras incrivelmente duras. Dessas cartas pode-se concluir que Frodeberto tinha sido monge na Austrásia, ou seja na parte do reino merovíngio em que a população era em geral de língua germânica e em que o antigo tipo de educação havia desaparecido há dois séculos. Ele havia tido por mestre o ministro Grinvaldo. Este foi deposto de seu cargo em 662 pelos Grandes da Austrásia e parece que Frodeberto tenha sido aliado dos revoltosos. Em todo caso, no início de seu episcopado, aprisionara a mulher de Grinvaldo num convento em Tours, e esta, caso se dê crédito a Importuno, para fazer dela sua amante e se apoderar de sua fortuna. A calúnia de Importuno era tão grave que Frodeberto se viu obrigado a

dirigir duas cartas aos religiosos de Tours, cartas nas quais faz o melhor que pode para denegrir por sua vez o seu adversário.

Essas cartas são redigidas em prosa rimada. É na poesia irlandesa que se encontram, nesta época, rimas tão aperfeiçoadas. Como Frodeberto diz de seu adversário que ele "mente como um irlandês", é possível que tenha utilizado essas rimas para parodiar o estilo de Importuno. Seja o que for, é sem dúvida por causa das rimas que essas cartas foram tidas como dignas de ser conservadas.

Como se pode prever, o estilo das cartas mostra que os autores tinham recebido certa formação religiosa e literária. Eles citam a Bíblia, parodiam o estilo epistolar e se servem de certas figuras de retórica. Mas seu conhecimento de gramática latina é pouco seguro e eles empregaram freqüentemente palavras, formas e construções pertencentes à língua falada. Diversos desses torneios já não são conhecidos por outros lugares e apresentam um interesse especial. É que os dois adversários escrevem sob a influência de uma emoção muito grande e tiram algumas de suas invectivas da linguagem da rua.

Contentamo-nos por reproduzir aqui a primeira dessas cartas>¹

¹ Essas cartas estão conservadas no manuscrito 4627 do fundo latino de Biblioteca Nacional de Paris, aos fólhos 27v.-29r., que foram reproduzidas em fac-símile por G. J. J. Walstra, que dá também uma edição crítica, uma tradução e um comentário histórico e lingüístico em *Les cinq épîtres rimées dans l'appendice des formules de Sens*, Leide, 1962. O sábio holandês fornece também todos os esclarecimentos necessários para um estudo aprofundado. Nossa interpretação não concorda sempre, entretanto, com a do Prof. Walstra; cf. nosso artigo *Quelques remarques sur les lettres de Frodebert e d'Importun*, *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, XCII, 1964, p. 295 e ss.

***Sanctorum meritis beatificando*¹ *domno et fratri Inportune*².
/ *Domne dulcissime et frater carissime Inportune, / quod*³ *recipisti*⁴**

¹ **sanctorum meritis beatificando.** ESTILÍSTICA - As cartas que datam da época merovíngia começam freqüentemente por fórmulas do tipo seguinte: *Domino sancto et meritis apostolico...* Eufronio papae Fortunatus ou *Domino sancto mihi que in Deo peculiari patrono Eufronio papae Fortunatus* (Veja-se Fort., *Carm.*, III, 1 e 2.). São fórmulas desse gênero que Frodeberto parodia, dizendo que a salvação de Inportuno dependia dos méritos dos santos.

² **domno et fratri Inportune.** FONÉTICA - No latim tardio e medieval há duas formas do vocábulo *dominus*: a forma original, empregada sobretudo para designar Deus, e a forma sincopada *domnus*, freqüente como título honorífico. É necessário, entretanto, observar que o uso das duas formas não está submissa a regras rigorosas.

Na língua falada da Gália, as sílabas finais tendiam a desaparecer nessa época, e a pronúncia fraca contribuiu para a confusão dos finais nos textos. Aqui, escreveu-se *Inportune* no lugar de *Inportuno*, assim como na linha 5, *tale anonae* no lugar de *talem annonam*. Nesses dois casos, é possível que o final das palavras precedentes, *fratri* e *tale*, tenha tido alguma importância e que se tratasse, no texto, de uma espécie de assimilação das desinências, ajudada pelo enfraquecimento da pronúncia.

³ **quod** = "quanto ao fato de que". ESTILÍSTICA - As cartas começavam, por vezes, por uma subordinada em *quod*, que expunha o motivo da missiva. Cf. o início da carta que São Didier remete ao rei Sigeberto por volta do ano 647: *Quod nos pia sollicitudine litteris dignati estis consolare, insufficiens est mens nostra gratiarum iura persolvere*, "quanto ao fato de que tivestes tido a cortesia de nos reconfortar por uma carta, não sabemos como exprimir bem o nosso reconhecimento" (*Epistulae Desiderii*, I, 4,6.).

⁴ **recepisti.** LEXICOGRAFIA - É difícil precisar aqui o sentido de *recipere*, mas um exemplo medieval, citado por Du Cange em seu *Glossarium*, VII, p. 43, pode nos ajudar: *propter hoc debet recipere monachos in refectorio de pane et vino et fabis et piscibus et pimento in festivitate omnium sanctorum*. Aqui, *recipere* parece ter aproximadamente o mesmo sentido e a mesma construção que *reficere*. No latim medieval, freqüentemente se tem estabelecido uma relação entre as palavras cujos sons se assemelhavam. Assim é que o rei Chilpérico empregou *salim* no sentido de "por saltos", aproximando este vocábulo do verbo *salire*, num hino escrito por volta de 575: *Armatus salim currit aulis undique coetus gentium*, "a multidão de pessoas armadas saltou de todos os lados contra a fortaleza" (*MGH, PAC*, IV, p. 455.). Num diploma de 775, Carlos Magno escreveu: *sub Deo in rege manet potestas quomodo cuncta terribilia debeant ordinari*, "é o rei que, depois de Deus, tem o poder de organizar todas as coisas desse mundo" (*MGH, Dipl. Karolin.*, I, p. 146,23). Evidentemente, ele fez *terribilis* derivar de *terra*. Do mesmo modo, pode-se encontrar *irritare* = *irritum, facere, iterare* = *iter facere*, *rogus* = *rogatio*, *mentio* = *mendacium*, *ianuarius* = *ianitor*, *penetrare* = *perpetrare*, *properare* = *propinquare* etc. (Ver E. Löfstedt,

tam dura, / estimasti¹ nos iam vicina morte de fame perire, / quando talen annoram voluisti largire². / Nec ad pretium³ nec ad donum⁴ / non¹ cupimus tale anonae. / Fecimus inde comentum²; / si

Late Latin, p. 157 e ss., que dá também algumas informações bibliográficas.) Deste modo, Frodeberto confundiu aqui *recipere* "receber" e *reficere* "reconfortar". A construção é *recepisti nos* (acusativo) *dura annona* (ablativo instrumental), "tu nos alimentaste com trigo duro". Pode-se tirar sem dificuldade o objeto direto *nos*, assim como o substantivo *annona*, da oração seguinte.

¹ **estimasti.** LEXICOGRAFIA - Desde a época imperial, empregava-se *aestimare* por *existimare*, "acreditar", mas aqui *estimasti* significa de preferência *voluisti*. É uma mudança de sentido dos *verba sentiendi* que pode ser constatada freqüentemente no latim tardio. Cf. *vita Aniani*, 1, *MGH, Mer.*, III, p. 108, 21 *illud... arbitrator non tacere*, "eu não quero silenciar isto"; *Vita Desiderii*, 13, *ibid.*, IV, p. 571, 21 *ideo credimus eum merito ad sacerdotium provehere*, "por causa disso, queremos promovê-lo, com razão, ao episcopado"; *Vita Trudonis*, 8, *ibid.*, VI, p. 281, 21 *vos autem ob vestimentorum ipsius qualitatem eum iudicare putastis*, "mas vós quisestes julgá-lo pela qualidade de suas vestes"; Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, 2, 3 *caecaverat eum cupiditas et virtutem Dei omnipotentis inridere per pecuniam aestimabat*, "a avareza o cegou e, por dinheiro, ele se deliciava em rir da força de Deus onipotente" (cf. mais adiante: *Deum per pecuniam inridere volui*); Gregório, *Glor. conf., praef., O rustice et idiota, ut quid nomen tuum inter scriptores indi aestimas?*, "A ignorante, sem cultura, por que queres tu que teu nome seja inscrito entre os dos escritores?".

² **largire.** MORFOLOGIA - Sabe-se que os depoentes desapareceram cedo do latim falado. É por isso que os textos apresentam freqüentemente formas ativas, como *largire* e *dignētis* em nossa carta, e *mentis*, *mentit*, *sequis*, *gloriare* nas outras cartas de Frodeberto e de Importuno. Os depoentes que ainda podem ser encontrados, como *morimur*, à linha 11 de nossa carta, são muito freqüentemente reminiscências da língua literária: dizia-se sem qualquer dúvida, muito tempo depois, *morire* e *nascere*; cf. *PAC*, IV, p. 497 *vide ne male morias*; *ibid.* p. 576 *melius fuisset quod homo numquam nasceret*.

³ **ad pretium.** SINTAXE - A preposição *ad* pode servir, na Idade Média, para introduzir o complemento de preço. Cf. *Capitula Remedii Curiensis*, *MGH, Leg.*, V, p. 184, 5 *fiat battutus aut redemat suum dossum ad VI solidos*, "que ele seja batido ou livre suas costas por seis soldos" (Para um uso semelhante da preposição *in*, ver J. Bastardas Parera, *Particularidades sintácticas*, p. 52).

⁴ **ad donum.** SINTAXE - O latim clássico já conhecia o emprego da preposição *in* diante do atributo; lemos, por exemplo, em Tito Lívio, IV, 61, 10 *proditori... duarum familiarum bona in praemium data*. Na época imperial, podem ser encontradas frases como *habere aliquam in coniugem*, *dare aliquam in mulierem*, *eligere aliquem in regem*. Nos textos da Idade Média, a preposição *ad* substitui, às vezes, *in* nesta função; nota-se, por exemplo, *habere aliquam ad mulierem*, *donare aliquid ad pro-*

*Dominus*³ *imbolat formentum*⁴. / *Aforis turpis est crusta, / abintus*⁵
*miga*¹ *nimis est fusca, / aspera est in palato, / amara et fetius*² *odo-*
*ratus. / Mixta vetus apud*³ *novella, / faciunt inde oblata*⁴ *non bella.*

prium, suscipere aliquid ad beneficium (Cf. E. Löfstedt, *Date Latin*, p. 36, J. Bastardas Parera, *op. cit.*, p. 41, *Lex Alam.*, 2,1). Aqui, *ad donum* é o mesmo que "de presente".

¹ **nec... nec... non.** SINTAXE - A regra segundo a qual duas negações reunidas na mesma proposição se destroem não era válida na língua falada, menos preocupada com a lógica do que com a ênfase, e este uso se introduziu frequentemente nos textos (Ver Hofmann-Szantyr, p. 803 e ss.). Cf. Gregório, o Grande, *Epist.*, V, 4 *reliquis numquam praeponi non debuit; Vita Galli*, 9, *MGH, Mer.* IV, p. 255, 12 *non remansit eis nihil*; Concílio de Châlons-sur-Marne (por volta de 644), 13, *Corpus Christ.*, CXLVIII A, p. 306,1 *ut nullus alterius clerico (= clericum) retinere non praesumat*; Concílio de Auxerre (entre 561 e 605), 10, *ibid.*, p. 266,35 *non licet super uno altario in una die duas missas dicere nec in altario, ubi episcopus missas dixerat, presbyter in illa die missas non dicat.*

² **comentum.** LEXICOGRAFIA - Se o vocábulo *comentum*, ou melhor, *commentum* (normalmente "comentário") não está aqui devido a um erro de escriba, deve ser explicado como fizemos acima em relação a *recipere = reficere*. Frodeberto aproximou o vocábulo de *comedere* e lhe deu o sentido de "pão".

³ **si Dominus = sed Dominus.** FONÉTICA - Na língua falada, a conjunção latina *si* não tinha acento, passando a *s`i* (com *i* breve) e, em seguida, a *se*. Importuno escreve, por exemplo, *se vidis amico* por *si vides amicum*, e em outros textos se encontram muitos exemplos desta forma que sobrevivem na maior parte das línguas românicas. Entretanto, os escritores têm tido conhecimento, em geral, da diferença entre a língua falada e a língua escrita com relação a isto, tentando representar *se* pela grafia *si*. Em nossa passagem, Frodeberto pronunciou *sedominus* (= *sed dominus*), mas, num enorme cuidado para reencontrar o bom uso, ele escreve *si dominus*.

⁴ **imbolat formentum.** FONÉTICA - *Imbolare* é, como o mostra o antigo francês *emblar*, a forma da língua falada para *involare*, "sobrevoar", "apoderar-se, roubar, tirar". Quanto a *formentum*, esta forma parece ser um cruzamento de *fermentum*, "fermento", com *frumentum*, "trigo". Na verdade, o português "formento", assim como algumas formas dialetais, exigem o desenvolvimento *fermentum* > *formentum*. (NOTA DO TRADUTOR: A palavra "formento" não é corrente na língua portuguesa nem consta de seus principais dicionários. "Frumento" é palavra que significa "trigo selecionado").

⁵ **aforis, abintus.** LEXICOGRAFIA - Os latinos da época imperial gostavam das expressões compostas do tipo *abante*, "antes", *depost*, "desde", importantes para as línguas românicas. É Plínio, o Antigo, quem primeiramente emprega *a foris*, expressão que em sua obra significa "de fora": *in ulcus penetrat iniuria omnis a foris*. Mais

Semper habeas gratum / qui⁵ tam larga manu voluisti donatum, / dum Deus servat tua potestate⁶, / in qua cognovimus tam

tarde, *a foris* pôde ter também o sentido de "externamente". Esta mudança se operou de maneira semelhante àquela que fez com que *a fronte*, *a tergo* etc. respondam frequentemente à pergunta "*ubi?*". Em nosso texto, a preposição *ab* perdeu todo o valor de separação. Cf. o mesmo emprego de *de foris* e *de intus*, *Vitae patrum* 3,92: *sicut sum de foris, ita sum de intus* (Tratamos desse problema em *Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 76 e ss.).

¹ **miga.** FONÉTICA - A sonorização de *c* entre duas vogais se encontra também nos vocábulos *parisiaga*, *iogo*, *pliga* na correspondência de Frodeberto e de Importuno.

² **fetius.** FONÉTICA - Tentou-se explicar a forma *fetius* pela queda do *d* intervocálico (*fetius* por *fetidus*. Cf. G. J. J. Walstra, *op. cit.*, p. 100), mas esta interpretação é duvidosa, visto que já no século IV, Fírmico Materno emprega o adjetivo *oriputius* no lugar de *oriputidus* sob o modelo de outros adjetivos em *-ius* (Ver T. Wikström, *In Firmicum Maternum studia critica*, Upsala, 1935, p. 118 e ss.).

³ **apud.** SINTAXE - Na Gália, a homonímia entre *quomodo*, tornado *com*, e a preposição *cum* provocou o abandono de *cum* que foi substituído pela preposição *apud*. Desde o século VII, encontram-se exemplos desse uso. Cf. Fredegaire, 2,40 *apud eam* (= *cum ea*) *demicavit Pompegianus*; *Vita Goaris*, 5, *MGH, Mer.*, IV, p. 415,21 *apud ipsud lacte linebat membra illorum*; *Passio Praeiectionis*, I, 12, *ibid.*, V, p. 232, 11 *cumque eum...* *Preiectus apud multa dolore tumulasset, cum merore redit* (Cf. G. A. Beckmann, *Die Nachfolgekonstruktionen des instrumentalen Ablativs im Spätlatein und im Französischen*, p. 216 e ss., J. Bastardas Parera, *Particularidades sintácticas*, p. 95).

⁴ **oblata.** LEXICOGRAFIA - *Oblata*, *ae*, *f.* (isto é, *hostia*) ou, raramente, *oblatum*, *i*, *n.* "pão oferecido pela eucaristia", "oferenda", emprega-se aqui no sentido geral de "pão".

⁵ **qui.** MORFOLOGIA - Na língua corrente, *qui*, caso sujeito masculino, e *quem*, caso regime, tendiam a desbancar as formas femininas correspondentes, *quae* e *quam*. Lemos, por exemplo, nas fórmulas de Angers, p. 15,15 *carthola qui*, p. 15,9 *epistola quem*. Ao neutro subsistia uma única forma pronunciada *ke*, mas transcrita de vários modos: *que*, *quae*, *quem*, *quid*, *quod*. O dativo *cui* também se conservou e concorreu com *quem*. Assim é na segunda carta de Importuno: *cui amas*, e provavelmente aqui, onde *qui* é a grafia de *cui* e a construção deve ser: *habeas gratum quem... voluisti donatum*.

⁶ **tua potestate.** LEXICOGRAFIA - *Potestas* é, aqui, um título honorífico "vossa autoridade".

*grande largitatis*¹. / *Vos vidistis in domo, / quod de fame nobiscum*²
*morimur, homo*³. / *Satis te presummo*⁴ *salutare / et rogo ut pro no-*
*bis dignetis orare. / Transmisimus tibi de illo pane*⁵; / *probato*¹ *si*

¹ **grande largitatis.** FONÉTICA - Nessas cartas, há alguns casos em que o *s* final foi suprimido: aqui, na linha 15, *congregatio puellare*, ao invés de *congregatio puellaris*, e na segunda carta de Frodeberto *bracco tale* para *bracco talis*. Isso não está de acordo com o desenvolvimento geral na Gália, onde o *s* final não caiu. Mas algumas inscrições e alguns textos fazem supor que, mesmo na Gália, em pontos esparsos, houve uma tendência ao enfraquecimento do *s* final (Ver B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*, p. 128 e ss.). Certamente, é por causa dessa tendência que encontramos aqui, por uma grafia inversa, *largitatis* por *largitatem* (ou *largitate*). Mas é possível também que estejamos diante simplesmente de um erro de copista.

² **nobiscum.** SINTAXE - Observamos acima que se trocava a preposição *cum* por *apud* na língua corrente da Gália. Aqui, é por reação a este uso que Frodeberto escolheu *cum*, numa fase em que a língua literária se serve de *apud*. Cf. a antítese entre *vos in domo* et *nobiscum* (= *apud nos*).

³ **vos... homo.** LEXICOGRAFIA - Nos textos cristãos, o vocativo *homo* é empregado muito freqüentemente para pôr em destaque a condição da vida humana. Assim, Cesário de Arles, num sermão, p. 614,14, diz o seguinte: *O homo, audis... quia refugium non habet qui pauperi non dedit*. Aqui, talvez Frodeberto se lembre de Mateus, 7,9 *quis est ex vobis homo, quem si petierit filius suus panem, numquid lapidem porriget ei?*.

SINTAXE - O emprego freqüente de *nos* no lugar de *ego* e de *vos* no lugar de *tu* traz numerosas inconseqüências gramaticais, mesmo em escritores eruditos. Em nossa carta, a mudança de número nada tem de espantoso, nem aqui nem na frase seguinte: *te rogo ut dignetis orare*.

⁴ **presummo.** FONÉTICA - *Presummo* por *praesumo* representa uma reação à simplificação das consoantes dobradas bem atestada na Gália.

ESTILÍSTICA - Nas cartas da época merovíngia, pode-se encontrar a frase *salutare non praesumo* (isto é *audeo*) por exprimir a maior diferença; cf. na correspondência de São Didier II,14,5 *salutare quidem non praesumo*: II,3,13 *salutare quidem non audeo sed deprecor sanctitatem vestram ut pro me, umillimum vestrum, in sacris orationibus vestris memores esse dignemini*. É a esta frase que Frodeberto faz alusão quando diz ironicamente: *satis te praesumo salutare* etc.

⁵ **de illo pane.** SINTAXE - No latim tardio, já se exprimiu a noção partitiva com a preposição *de* em frases do tipo *da mihi de drapo sancti Caesari* (*Vie de saint Césaire*, II,42. Cf. Löfstedt, *Syntactica*, I, p. 145 e ss.). *Ille* se tornou aqui um pronome anafórico com o mesmo valor enfraquecido que *is* tinha no latim clássico. Esse en-

*inde potis² manducare. / Quamdiu vivimus, plane / liberat³ nos
Deus de tale pane. / Congregatio puellare⁴ sancta / refudat⁵ tale
pasta.*

fraquecimento do demonstrativo é a origem do desenvolvimento do artigo definido. Desde a época imperial há exemplos mais ou menos isolados que anunciam a evolução futura. Assim está em *Vitae patrum*, 6,3,4: *Macarius ille Aegyptius* (Ver E. Löfstedt, *Syntactica*, I, p. 358 e ss.). Mas não é somente no século VIII que encontramos textos que, embora reflitam imperfeitamente o estado da língua falada, fazem suspeitar que esta possuía um artigo. Cf., por exemplo, *Vita Trudonis*, 29, *MGH, Mer.*, VI, p. 297,1 e ss.: *dixit: "Ille peregrinus qui me persequitur scit quis ille sit qui illum thesaurum de hac ecclesia furatus est." Ille vero peregrinus cum constrictus esset indicavit illum latronem... ergo... ille latro suspensus est in patibulo, et illum thesaurum.. restitutum est. Maximam autem partem illius thesauri ille fur in terra recondidit.*

¹ **probato.** MORFOLOGIA - O imperativo em *-to*, que é característico do estilo das leis, emprega-se à época imperial somente nas frases feitas. Nas línguas românicas, nem traços dele existem.

² **potis.** FONÉTICA - Nada é mais comum nos textos merovíngios do que a confusão de *e* e *i* nas terminações. Encontramos na correspondência de Frodeberto e de Importuno *fratre* por *fratri*, *vidit* por *videt* e *vidis* por *vides*.

³ **liberat.** SINTAXE - É evidente que *liberat* tem aqui o sentido de um subjuntivo, "que Deus livre". Do mesmo modo, Frodeberto escreve em sua segunda carta *numquam respondes ei in mutto* "nunca é necessário que respondas", e seu adversário, no início de sua segunda resposta: *qui mihi minime credit, factu tuum vidit* "que esse que não acredita em mim, veja seus feitos". Em outros textos, é sobretudo na segunda pessoa do plural que o subjuntivo ou o imperativo é substituído pelo indicativo, como na célebre inscrição de Pompéia: *itis, foras rixsatis*, "Saí, tagarelai fora". Sabe-se que o imperativo francês *chantez* deriva da forma latina *cantatis*, [enquanto que o nosso provém diretamente do imperativo latino *cantate*].

⁴ **puellare.** FONÉTICA - O adjetivo *puellare* concorda freqüentemente com *monasterium* ou *coenobium* e *puellare* pode ser empregado também sozinho como substantivo com esse sentido. É possível que a forma *puellare* no lugar de *puellaris* se explique por esse uso, mas não se pode mais excluir a possibilidade de um erro de copista.

⁵ **refudat.** FONÉTICA - Encontram-se outras palavras nesta correspondência em que o *t* intervocálico tenha sido sonorizado, como em *digido* e *putore* por *digito* e *putore*; exemplos de grafia inversa são *cauta* e *rotore* por *cauda* e *rudore*.

*Nostra privata stulticia*¹ / *ad te in summa amicitia*². / *Obto te semper valere*³ / *et caritatis tue iuro*⁴ tenere.

¹ **nostra privata stultitia.** ESTILÍSTICA - Já assinalamos que os bispos que ditavam suas cartas a um escriba tinha o hábito de acrescentar ao fim uma saudação de próprio punho. As saudações são frequentemente precedidas de frases como *Subscriptio domni episcopi* ou *Manu propria*, e é uma frase desse gênero que Frodeberto substitui pelas palavras irônicas: *Nostra privata stultitia ad te in summa amicitia*, evidentemente *scribit hanc salutationem*.

² **amicitia.** ORTOGRAFIA - Esta grafia deve ser comparada com *amittias* na segunda carta de Frodeberto. O final *cia* por *-tia* provém da assibilação de *ci* e de *ti* diante de uma vogal, de que já tratamos suficientemente. É mais difícil compreender por que *ci* é substituído por *ti* diante de uma consoante: *amiti-cia* (pronunciado /amitsitsia/). Isto vem, sem dúvida, da incerteza dos escribas em relação ao emprego das letras *c* e *t*, cuja pronúncia era semelhante diante de *i* + vogal.

³ **Obto te semper valere.** ESTILÍSTICA - Vem em seguida a saudação que Frodeberto escreveu de seu próprio punho. Mencionamos acima algumas fórmulas que encontramos nas cartas de São Didier e de seus correspondentes. Frodeberto se serve primeiramente de uma fórmula usual, mas acrescenta com a ironia característica de sua carta a proposição: *et caritatis tue iuro tenere* "e espero que não te esqueças de teus sentimentos de amizade".

⁴ **caritatis tue iuro.** FONÉTICA - *Iuro* no lugar de *iura* pode ser explicada pelo enfraquecimento da vogal final, mas é possível que se trate apenas do erro de um copista.

LEXICOGRAFIA - Na língua epistolar, eram preferidas frases rebuscadas e preciosas. Ao invés de "minhas saudações", dizia-se *salutationis officia* (ou *obsequia* ou *iura*) *persolvere*, ao invés de "muito obrigado", podia-se escrever como o faz São Didier I,1 *multiplices et ineffabiles vestrae beatitudini... gratiarum iura* (= *gratias debitas*) *persolvimus*, falava-se também de *caritatis iura*, como Didier em sua carta I,13 *vicissim iura caritatis glutinantur*. Aqui Frodeberto quer dizer: *opto te caritatem quam mihi debes tenere*.

ESTILÍSTICA - Feita a abstração do endereço, Frodeberto redigiu sua carta em membros, ou *cola* de desigual duração, cujos finais são claramente postos em relevo por uma rima ou uma assonância dissilábica (uma vez trissilábica: *stultitia* : *amiticia*). As duas sílabas finais dos vocábulos rimados são quase sempre idênticas: *perire* : *largire*, *comentum* : *formentum*, *novella* : *bella* etc. (do mesmo modo, sem dúvida, *potestate* : *largitate*, escrita *largitatis*). Por três vezes há identidade de duas vogais, mas não de todas as consoantes: *crusta* : *fusca*, *pane* : *manducare*, *sancta* : *pastia*. Às vezes, apenas as vogais acentuadas que são as mesmas: *Inportune* : *dura*, *donum* : *anonae*, *palato* : *odoratus*, fato que o último editor atribui com razão ao enfraquecimento das finais na língua falada.

[TRADUÇÃO]

Ao Senhor Importuno, nosso irmão, bem-aventurado pelos méritos dos santos.

Senhor e caro confrade Importuno:

A propósito do trigo tão duro com que nos alimentas, tu bem nos desejais fazer morrer logo de fome, quando tiveste a bondade de nos fornecer esse trigo. Nós não queremos desse trigo, qualquer que seja o preço, nem mesmo gratuitamente. Fizemos pão dele, mas Deus impediu a fermentação. Por fora, a casca é repugnante, por dentro, o miolo é completamente negro, é áspero e de gosto amargo, o cheiro é repugnante. Misturou-se a farinha antiga à nova, fazendo-se dela pães que não são bonitos. Terás sempre o direito a minha gratidão por esse presente que quiseste oferecer-me, e que Deus conserve tua grandiosidade, na qual encontramos tanta liberalidade. Tu, um homem mortal, vivei em teu palácio, enquanto que nós em nossa casa morreremos de fome. Eu ousou tomar a liberdade de te saudar e te pe-

É curioso constatar que as cadências das cola formam 14 vezes um *versus planus* regular: *recepísti tam dura, de fáme períre, voluísti largíre, tále anónae, índe coméntum, túrpis est crústa, nímis est fúsca, ápud novélla, obláta non bélla, voluísti donátum, vidístis in dómo, dignétis oráre, sémpér valére, iúro tenére*; 4 vezes a estrutura desta cláusula é anormal: *ést in paláto, hábeas grátum, mórimur hómo, vívumus pláne*. Encontramos ainda 1 vez o *versus tardus*: *priváta stultítia* e 3 vezes o *versus velox*: *caríssime Inportune, prétium nec ad dónum, fétius odorátus*. As outras formas rítmicas são: *ímbolat forméntum, túa potestáte, gránde largitátis, presúmimo salutáre, pótis manducáre* (estas são as formas que se chamarão mais tarde de *versus trispondaicus*) *súmma amitíficia, de íllo páne, de tále páne, puelláre sáncta, tále pásta*. Nessa carta, Frodeberto empregou, portanto, 22 vezes os *versus planus, tardus* ou *velox* e 10 vezes outras formas. Isto quer dizer que parece ter tentado terminar os membros dos períodos pelas cláusulas recomendadas, embora não o tenha conseguido sempre. Mas as cláusulas são rítmicas; imediatamente se vê que ele não se preocupa demasiadamente com a quantidade das sílabas: *Inportune* = ---, *recepísti tam dura* = ----, *fáme períre* = ---- etc., são formas que a prosa métrica evita.

ço que rezes por nós. Nós te enviamos desse pão, experimenta comer dele se puderes. Que Deus nos livre e nos preserve de um pão desses enquanto vivermos. A santa comunidade dos monges recusa esta pasta. Quero terminar pessoalmente por estas palavras simples e absolutamente amigáveis: Recebe meus melhores votos por tua saúde e pela afeição que nos deves.

3. A crônica de salerno

Na Itália, a reforma escolar inaugurada por Carlos Magno não deixa muitos traços. Os italianos permaneceram fiéis a sua própria tradição e consideraram sempre o latim como a forma escrita de sua língua. Os laços entre a língua escrita e a língua falada permaneceram mais estreitos até o final do século X. Desta época data a *Crônica de Salerno*, escrita depois de 974 por um monge desconhecido de Salerno. O autor conta a história de seu país com destreza admirável e certa cultura, que transparece aqui e ali em seu estilo, mas no conjunto ele se preocupa tão pouco com a gramática latina que podemos fazer uma idéia da língua que ele falava. O texto que apresentamos expõe os acontecimentos do ano de 843.¹

¹ O texto foi publicado por U. Westerbergh, *Chronicon Salernitanum*, p. 73 e ss. Nessa excelente obra encontra-se um comentário sobre todos os traços medievais, com informações bibliográficas detalhadas.

Dum¹ talia peracta fuissent, idipsum² eminentissimum suum germanum Sikenolfum Beneventani concusare³ ceperunt, addentes quia omnimodis satagens⁴, quatenus honorem principalem arripiat. Qui⁵ dum huiusmodi dicta princeps Sicardus audisset, immo¹

¹ **dum.** SINTAXE. – Desde a época imperial, *dum* substitui freqüentemente *cum historicum*.

² **idipsum.** SINTAXE. – A forma fixa *idipsum* de que provém o italiano *desso* é empregada na Crônica como objeto direto, p. 35,20 *ingenti cursus (= cursu) idipsum nunciare studuerunt abbati*. Mas o mais freqüentemente, *idipsum* é um advérbio que pode ser traduzido por "assim mesmo", "além do mais" e põe em destaque a identidade das pessoas, como aqui, ou das ações, como por exemplo, à p. 151,30 *dum hec et hiis similia presul predictus verba repeteret, idipsum et Beneventani exinde inter se susurrarent, patricius ille nefandiximus metu percussus ceterique Argivi in fugam conversi sunt*.

³ **concusare.** LEXICOGRAFIA. – Freqüentemente podemos constatar nos autores medievais uma incerteza, às vezes surpreendente, no emprego dos prefixos. Aqui *concusare* substituiu *accusare*, assim como escreveu *aggregare* por *congregare*, *comperire* por *reperire*, *incumbere* por *occumbere*, *omittere* por *dimittere*, *proiectus* por *subiectus*. Confira p. 92,33 *cunctos suos optimates agregari iussit in unum*; p. 138,15 *Deus delicta illorum... omisit*; p. 9,27 *sibi proiectas provincias*. Certos tipos de confusões são especialmente interessantes. Quando lemos na Crônica, p. 59,7 *disponsavit puellam*, trata-se de uma permuta dos prefixos *de-* e *dis-* que podemos observar desde a época clássica até o nascimento das línguas românicas que também ocorrem por causa do parentesco de sentidos entre os prefixos e do desenvolvimento fonético do latim tardio (Ver B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der Langobardischen Gesetze*, p. 294 e ss.). A expressão *fortitudinem obmiserat* por *amiserat*, p. 20,29, pode ilustrar a confusão de *ab-* e de *ob-* que, ela também, deixou traços nas línguas românicas (Cf. *Recueil Max Niedermann*, Neuchâtel, 1954, p. 45 e ss., onde encontramos também exemplos demonstrativos de que os prefixos *prae-* e *pro-* foram confundidos). É por causa da semelhança dos sons que o autor (ou o escriba) representou *enormiter* pela grafia *innormiter*, p. 106,30, *adlata* por *ablata* e *abdica-* por *addicabat*, p. 30,5 e 130,6.

⁴ **satagens.** SINTAXE. – O participio presente tem aqui a função de uma forma pessoal, traço característico do estilo de numerosos autores medievais.

⁵ **qui.** SINTAXE. – Na Crônica, é freqüente o emprego pleonástico do pronome relativo. Cf. p. 11,18 *Quod ille predictus rex Karolus talia cognoscens* e, em nosso texto, l. 39 *Quem cum eum vidissent*, onde *quod* está representado por *talia* e *quem* por *eum*.

incuntanter² talia credit et omnimodis conabatur, qualiter eum de iam dicta gloria deviare. Quid multa dicam? Eum complehendi³ iussit atque eum invitum clericum fecit; feruntque alii ut⁴ dyaconatum honorem⁵ eum per vim silicet⁶ sublimasset, necnon et euangelium in ecclesia eum legere fecisset, et postremum vinctum illum

¹ **immo.** LEXICOGRAFIA. – *Immo* tem perdido de vez em quando o seu sentido original por ser empregado como partícula de ligação. Aqui *immo* é apenas um ornamento do estilo.

² **incuntanter.** FONÉTICA. – O grupo *nct*, após longo tempo, havia sido reduzido a *nt*, o que se reflete freqüentemente no texto da Crônica. *Tentoria* por *tentoria*, à linha 25, é uma grafia inversa.

³ **complehendi.** FONÉTICA. – As formas *comprehendere*, *platum*, *fletum* que encontramos na Crônica por *comprehendere*, *pratum fretum* são típicas do dialeto da Itália meridional.

⁴ **feruntque alii ut.** SINTAXE. – O autor da Crônica usou um estilo literário, empregando freqüentemente uma proposição infinitiva após os verbos que exprimem uma declaração ou uma opinião. Mas, por vezes, ele se equivoca e escreve, contra o uso clássico, *dicere ut* e *credere ut*, hiperurbanismo de que temos aqui um exemplo; cf. ainda linha 19 *cognovisset ut*. Entretanto, tem-se podido constatar que seu uso é diferente quando ele faz os personagens falarem. Neste caso, ele prefere *quia* seguido de um indicativo, que é, de fato a construção empregada ainda hoje no sul da Itália, onde *quia* sobrevive sob a forma de *ca* (Ver a edição de U. Westerbergh, p. 279 e ss.).

⁵ **dyaconatum honorem.** SINTAXE. – A construção clássica teria sido *ad diaconatus honorem*, mas nosso cronista que encontrou em suas leituras acusativos do tipo *Romam* ou *domum* omite a preposição *ad* ou *in* mesmo noutras expressões, talvez sob a influência do uso mais livre da poesia (cf. Virg. *Lavinaque venit litora, ibimus Afros* etc.). Encontram-se nele expressões como *propria reverti*, *palacium venire*, *stabulum properare*, *urbem regredi*, *imperium elevare*.

FONÉTICA. – O fato de que as consoantes finais *m*, *t* e *s* tinham desaparecido na língua falada na Itália por essa época ocasionaram uma incrível confusão de terminações nos autores que não tinham aprendido sua gramática clássica. Aqui parece que o cronista tenha desejado dizer *diaconatus honorem*.

⁶ **silicet.** FONÉTICA. – As grafias *silicet*, *sedula*, *asenderat* assim como as hipercorreções *abscente*, *scitus* etc., nos convencem de que, diante de *e* e *i*, *sc* e *s* eram pronunciadas quase da mesma maneira.

Tarentum misit et in ardua custodia retrudi iussit, qui¹ fuit holim ad receptum pluviale aqua² constructa, que nos cisternam nuncupamus.

Hiis ita patratris, princeps idem cum non paucis suis fidelibus ludus causa seu arte venacionis in predio Labellaniensi devenit. Qui dum ibidem morarentur atque sua coniuge ibidem ascire fecisset atque seperrime³ exercitandum cum suis iret⁴, una die accidit ut

¹ **custodia... qui.** MORFOLOGIA. – *Qui* e *quod* parecem poder substituir qualquer forma de relativo. Cf. *monasterium qui, ecclesia quod, semones quod, verba quod* etc.

² **ad receptum pluviale aqua.** SINTAXE. – O autor poderia ter escrito *ad recipiendum pluvialem aquam* e é por analogia com esta construção que acrescentou um objeto direto ao substantivo verbal *receptus (pluviale aqua = pluvialem aquam)*.

³ **seperrime.** LEXICOGRAFIA. – Na Crônica, encontramos as formas regulares *sepissime* e *creberrime*, alternando com *crebrissime*. Além disso, o autor contamina essas formas, quando escreve frequentemente *seperrime* e *crebissime*.

⁴ **exercitandum... iret.** SINTAXE. – Nos textos da alta Idade Média, de vez em quando é encontrado o acusativo do gerundivo ou o adjetivo em *-ndus* com sentido final. Cf., por exemplo, *Vita Gaugerici*, 11, *MGH, Mer.*, III, p. 656,6 *contigit ut curtis, quas ecclesia sua in terraturium Petracorico habebat, accederet visitandum; Cod. dipl. Long.*, 114, a.754 *directus sum in exercito ambulandum cum ipso*; Gregório, o Grande, *Epist.*, X, 14 *cum sacerdos perscrutanda mysteria ad sancta sanctorum intrat*. Cremos que esta construção testemunha uma reação contra o uso da língua falada em que tinha sido substituído *venio ad petendum, dare ad manducandum* por *venio ad petere, dare ad manducare*. Este infinitivo preposicionado era sentido de novo como um vulgarismo que era necessário evitar a qualquer preço num texto, e é o que explica que se tenha chegado a escrever *venio petendum, dare manducandum*. É necessário buscar uma explicação semelhante para a construção surpreendente *licentia ambulandum* que encontramos de vez em quando nos textos da mesma época; cf. o *Édit de Rothari*, 186 *mulier ipsa licentiam habeat... elegendum*; *Lois de Liutprand*, 12 *pater autem aut frater potestatem habeant... dandum aut spunsandum filiam aut sororem suam*. No lugar de *habeo licentiam ad ambulandum* dizia-se *habeo licentiam ad ambulare*, mas por medo do infinitivo preposicionado, tem-se caído no erro oposto, escrevendo *habeo licentiam ambulandum* (Cf. meus *Syntaktische Forschungen*, p. 223 e ss.).

principissa¹ sub tentorio resideret atque in conca argentea pedes lavaret. Factum est ut² ante iam dictum tentorium quidam vir nobilissimus cum famulum suum transiret, atque verso capite eam denique³ vidit. Dum illa denique cognovisset ut eam nudis pedibus vidisset, mox talia⁴ suo viro intimavit, adnectens: "Si ilico exinde me non vindico, morti incumbo." At princeps ait: "Exinde⁵ fac, ut comparet voluntati tue." Illa, potestate accepta, statim famulos suos clam Beneventum misit, quatenus iam dicti viri uxorem cum verecundia ad eam assciret. Dum famuli eius talia fecissent atque usque ad suras vestimenta abscidissent, eamque⁶ aduxerunt ubi tenc-

¹ **principissa.** LEXICOGRAFIA. – O sufixo *i\|-issa* é empregado na Idade Média para formar substantivos femininos como *comitissa*, *ducissa*, *principissa*, *abbatissa*, *condessa*, *duquesa*, *princesa*, *abadessa*.

² **factum est ut.** ESTILÍSTICA. – É da Vulgata que o cronista tomou emprestado este torneio; cf. *Lucas*, 2,1 *Factum est autem in diebus illis exiit edictum a Caesare Augusto*; *Gêneses*, 4,3 *Factum est autem post multos dies ut offerret Cain de fructibus terrae munera Domino*.

³ **denique.** LEXICOGRAFIA. – Nosso autor gosta de inserir partículas como *denique*, *quippe*, *nempe*, *nimirum*, *scilicet* em sua narração, partículas que, freqüentemente, perderam aqui e ali o sentido original.

⁴ **talia.** ESTILÍSTICA. – O emprego freqüente das expressões *talia intimavit*, *promisit talia dicta* etc., indubitavelmente provém do ensino escolar em que se tinha aprendido este torneio, caro aos poetas; cf., por exemplo, *Virgílio*, *Aen.*, IX, 431 *talia dicta dabat*.

⁵ **exinde.** SINTAXE. – *Inde* e *exinde* substituem freqüentemente a preposição *de* seguida de um substantivo ou de um pronome demonstrativo. Cf. na *Crônica*, p. 130,10 *exiguam exinde sumpsit*, p. 16,2 *quid faciam exinde*. É curioso que desses dois advérbios *exinde* seja muito mais freqüente nos textos, enquanto que a língua falada preferiu *inde*; cf. italiano *ne*, francês *en*.

⁶ **eamque.** SINTAXE. – Os autores medievais abusam freqüentemente do emprego da conjunção *que* que, depois de muito tempo, desapareceu da língua falada. Aqui *eamque* tem o sentido de *eam*, isto quer dizer que o uso da partícula é absolutamente pleonástico. Semelhantemente, encontramos na *Crônica* *idemque*, *ipseque*, *suusque*, *nullusque*, *omnisque*, *ceterique*, *ibique*, *moxque*, *simulque* por *idem* etc. Parece evidente que a analogia dos pronomes *quicumque*, *uterque*, *quisque* contribuiu para esse uso.

toria ficta debebant; dum eam cernisset¹ principissa, ipsa statim per tota castra deportare iussit. Cum deportata fuisset ad locum ubi vir eius manebat atque cum suis coetaneis ad tabulam ludebat², protinus suus germanus huiusmodi³ ei adlocutus: "Mi frater, aspice et dedecus tue coniugis cerne!" At ille nil ei respondit; erat enim ardens in animo suo, atque ipsum⁴ ad tabulam ludebat et minime

De fato, o fenômeno oposto existe também no latim tardio e medieval. O rei lombardo Liutprand se serve assim de *unusquis* no lugar de *unusquisque* em sua lei, parágrafo 85, *prospeximus ut unusquis iudex et sculdahis faciat mittere preconem. Quicum* no lugar de *quicumque* se encontra, por exemplo, num poema merovíngio, *MGH, PAC, IV, p. 646 Nec pavescant firma corda quecum hec audierint*, e no historiador de Ravena, Agnello, 60 *Quibuscum vero secularis cumversationis hominibus ecclesiastici iuris praedia... data sint, ...ad dominium revocet ecclesiae* (Ver meus *Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 92 e ss.).

¹ **ficta, cernisset.** MORFOLOGIA. – *Ficta* é empregada aqui por *fixa*, na frase seguinte *cernisset* é derivada de *cerno*. O autor tem empregado frequentemente o radical do presente para formar o perfeito; cf. *depromi* por *deprompsi*, *sumerunt* por *sumpserunt*, *rumperunt* por *ruperunt*, *deluderunt* por *deluserunt*, *aurisset* por *hausisset*. Mas também acontece que se adapte o radical do presente; *annexere* por *annecere*, *poposcere* por *poscere*, *prostore* por *prosternere*, *attributione* por *atterere* (Ver U. Westerbergh, *op. cit.*, p. 324 e ss.).

² **ad tabulam ludebat.** SINTAXE. – Para o emprego instrumental da preposição *ad*, cf., por exemplo, *Liber pontif.*, 134 b 1 *voluit totam Italiam ad gladio exstinguere* (Ver G. A. Beckmann, *Die Nachfolgekonstruktionen des tinstrumentalen Ablativs*, p. 75 e ss.).

³ **huiusmodi.** SINTAXE. – No lugar do genitivo que não se prende mais aqui a um vocábulo principal, prevê-se um ablativo *hoc modo*. Mas esse genitivo se fixou logo cedo na língua literária. Cf. Gregório, o Grande, *Epist.*, II,30 *huiusmodi innocentia eius evidenter enituit*, Jordanes, *Getica*, 280 *istiusmodi fluvius ille congelascit ut in silicis modum pedestrem vehat exercitum*.

⁴ **ipsum.** MORFOLOGIA. – Já acentuamos a confusão dos casos proveniente da queda das consoantes finais. O autor está acostumado, em sua língua falada, ao novo sistema casual do italiano, mas tem, ao mesmo tempo, certa imagem visual das formas latinas e uma idéia muito vaga de seu emprego. Ele pode, por exemplo, dar aos antigos acusativos e ablativos a função de caso sujeito ou nominativo. Cf. p. 147,13 *ne unam quidem stillam cecidit*; p. 93,3 *meum infantulum Siconem fiat (= sit) vobis commendatum*; p. 159,27 *immensam multitudinem Agarenorum... venerunt*; p. 171,17, *multos... interempti sunt*; p. 44,28, *famulis nostris illum sequantur*; p. 98,21 *statim calcaribus qui in pedibus episcopi erant innexi protinus in terra proiecti sunt*.

eam videlicet vidit. Alia nempe die princeps idem, ut mos est, cum suis optimatibus cum accipites¹ iuxta aquosa loca gradiebant, quatenus quaslibet² aves caperent. Qui dum accipitem suum, ut fama est, micteret³ et una cruribus longibus avem captasset, ad castra reversi sunt. Dum temptorium⁴ ipse princeps adisset, vir ille cuius uxore fedata fuit, hac illac discurrebat, quatenus invenire⁵ virum qui eum adiuveret ad vindicandum suum dolorem. Sed cum non

Esta confusão de formas se choca também quando o nome tem outras funções. Notar-se-ão os exemplos seguintes, em que o caso regime é expresso de um modo ambíguo: p. 165,17 *Dum Salernitanis locus ille liquisset* (= *dum Salernitani locum illum liquissent*); p. 79,19 *idipsum Sikenolfus valido exercitu* (= *validum exercitum*) congregans; p. 31,14 *Grimvald... undique muniri civitas ista* (= *civitatem istam*) cepit; p. 59,28 *ipsum Greculum ibidem negaverunt* (= *necaverunt*) ceterisque (= *ceterosque*) illius sequaces. Esta confusão dos casos reto e oblíquo (ou regime) não se encontra nos textos latinos escritos na Gália, onde um sistema de dois casos é conservado na língua falada da Idade Média.

¹ **cum accipites.** FONÉTICA. – Prever-se-ia *cum accipitribus*. O desaparecimento de *r* é comparável com *plausta*, p. 141,3 por *plaustra*, *sepulchum*, p. 29,4 por *sepulchrum*.

² **quaslibet.** LEXICOGRAFIA. – *Quaslibet* tem aqui o sentido de *aliquot*. Pode-se notar que o cronista se serve, por vezes, de formas pronominais fixas; cf. p. 97,29 *preclarissimum quidam* (= *quendam*) *Alonem episcopum elegerunt*; p. 104,28 *pro nullius* (= *nulla*) *alia re*.

³ **micteret.** FONÉTICA. – Na Crônica, encontramos frequentemente as grafias inversas *mictere*, *lictera*, *actrivit* assim como *factus* por *fatus*. A assimilação que se operou no grupo *pt* causou a grafia *inclipta* por *incliyta*, mas também as mudanças entre *ct* e *pt*; cf. *correctus* por *correptus*, *aptum* por *actum* em textos da Itália. A redução de *ks* em *ss* ou *s* apareceu nas formas *luxtris* = *lustris*, *fexus* = *fessus*, *vidixet* = *vidisset*, *excitatione* = *haesitatione* (Cf. U. Westerbergh, *op. cit.*, p. 226.).

⁴ **temptorium.** FONÉTICA. – O desenvolvimento de uma consoante transitória nos grupos *ms*, *mt* e *mn* encontra-se na Crônica em vocábulos como *dampnare*, *dompnus* etc. (mas cf. a assimilação característica da língua falada em *contennissimus* p. 114,34). Daí a confusão de vocábulos como *contemptus* e *contentus* ou a grafia *temptorium* por *tentorium*.

⁵ **invenire.** FONÉTICA. – Lemos aqui *invenire* e, mais adiante, *transire* por *inveniret* e *transiret*. Na Crônica, as formas *amare*, *amarem*, *amares*, *amaret*, *amarent* foram confundidas, de modo que só o contexto pode ajudar-nos a interpretar o seu sentido.

paucis de ipsa re ad illum adnecteret et vicissim inter se exinde sermocinaret, factum est ut Nanningo inde transire. Quem cum eum vidissent, protinus eum vocaverunt atque ei omnia intimaverunt. Ille ut talia audiens, nimis gavisus est, adnectens: "Nisi extimplo¹ talia commictimus, statim eius dictioni² illud videlicet intimabo." Illi vero statim ad eius tentorium venerunt atque, abstracto gladio, non paucis plagis eum videlicet peremerunt. Ferunt namque nonnulli quod, dum ipsi tentorium introyissent et ipse princeps Nannigonem ibidem cernisset, taliter fertur dedisset responsum: "Misericordiam, ait, Nanningo nunc mihi facite." Ille denique respondit: "Mihi minime mea facinora Deus indulgeat, si ego indulsero tibi!" Et sic evaginato gladio, eum penitus sauciavit atque nimirum de hac vita extinxit³. Suam coniugem, Adelchisam nomine, de qua iam supra diximus, cum verecundia consanguineos suos Beneventum deducunt. Et merito; per vim illa suumque virum mul-

¹ **extimplo.** FONÉTICA. – *I* por *e* numa sílaba tónica só se encontra, segundo a sábia editora do texto, nos vocábulos *extimplo*, *signiter* e *dinique*.

² **dictioni.** FONÉTICA. – O vocábulo latino que o cronista tem em mente é *dicio*, "poder", "soberania". Cf. as grafias *ecciam*, *donaccionem*, *monitionem*.

³ **extinxit.** FONÉTICA. – Como *x* era pronunciado *s*, era necessário inserir um *c* para tornar a pronúncia escolar *ks* em vocábulos do tipo *strucxit*, *extrucxit*.

ta incomoditatem aliorum¹ intulerunt; necesse fuit ut quandoque et ipsi peiora horum² perciperent.

[TRADUÇÃO]

Feito isto, os habitantes de Benevento se comprazem também em acusar seu eminente irmão Siquenolfo, dizendo que ele queria apoderar-se, a qualquer preço, de seu principado. Quando o príncipe Sicardo entendeu este boato, imediatamente acreditou nele e tentou por todos os meios impedir que seu irmão chegasse a esta dignidade. Não temos necessidade de contar os detalhes. Sicardo mandou prender Siquenolfo e o obrigou a se tornar padre. Outros pretendem que ele o elevou à força à dignidade de diácono e o fez pregar o Evangelho na igreja; enfim, que ele o enviou acorrentado a Tarento, onde

¹ **aliorum.** SINTAXE. – No latim tardio, o dativo era substituído, por vezes, por um genitivo, ligado de uma maneira bastante livre a um substantivo principal. Cf. *Vita Aniani*, 10, *MGH, Mer.*, III, p. 116,18 *multorum Chunorum dederunt interitum*, onde, do ponto de vista clássico, teria sido mais natural escrever *multis Chunis*, dativo complemento do verbo. Em nosso texto, o genitivo *aliorum* é empregado desta maneira livre. Noutros lugares, são principalmente os pronomes *eius, huius, illius, eorum* e *illorum* que encontramos na função de um dativo. Cf. na Crônica, p. 28,11 *per omnia illius fidem servaret*; p. 14,15 *quidam homo eorum dixit*; p. 163,9 *iuraverunt quatenus illorum preesset*. Sabe-se que os descendentes românicos de *illorum* (italiano *loro*, francês *leur*) tanto desempenham a função de dativo quanto a de genitivo.

² **peiora horum.** SINTAXE. – O genitivo de comparação desenvolveu-se no latim tardio sobretudo sob a influência do grego. Expressões do tipo *maius omnium, minus omnium, peiora priorum, maiora horum* são freqüentes nas antigas traduções da Bíblia, e daí se expandiram na literatura cristã. De outro modo, o ablativo de comparação segue por vezes um superlativo. Auspício de Toul exorta assim o conde de Trêves Arbogaste, no século V: *sanctum et primum omnibus nostrumque papam Iamblichum honora*; na *admonitio Basilii ad filium spiritualem* lemos *ultimum se esse iudicat cunctis hominibus*, e assim é freqüentemente no latim medieval (Cf. Hofmann-Szantyr, p. 111 e 169, *ALMA*, XXII, 1951-1952, p. 15; P. Lehmann, *Erforschung des Mittelalters*, V, p. 233, linha 317).

mandou jogá-lo num horrível calabouço que tinha sido construído para receber a água de chuva, o que chamamos cisterna.

Depois o príncipe retornou com bom número de seus fiéis a seu domínio de Lavelo para se divertir e ir à caça. Eles permaneceram lá embaixo; ele tinha feito vir sua mulher e ia muito amiúde fazer exercícios com seus serviçais. Ora, chegou um dia que a princesa, sentada em sua tenda, lavava os pés numa pequena bacia de prata. A sorte quis que um homem muito nobre passasse diante da tenda com seu servidor e que, voltando a cabeça, visse a princesa. Quando ela percebeu que ele havia visto seus pés nus, disse a seu marido: "Eu morrerei se não me vingar disso imediatamente." O príncipe lhe disse: "Faça o que quer." Obtida esta permissão, ela enviou imediata e secretamente seus servidores a Benevento para trazerem em situação vergonhosa a mulher do homem de que falamos. Feito isto, os servidores lhe arrancaram as vestes até à barriga da perna e a conduziram ao lugar em que as tendas eram levantadas. Quando a princesa a viu, ordenou logo que a obrigassem a circular pelo campo. Quando ela foi levada lá onde seu marido estava ocupado em jogar dados com seus colegas, seu irmão lhe disse logo isto: "Meu irmão, veja a desonra de tua mulher!". Mas ele não respondeu nada, porque estava completamente absorvido pelo jogo de dados e não a viu. Um outro dia, o príncipe saiu como de costume com seus cortesãos, levando consigo uns falcões e atravessou vários pântanos para caçar passarinhos. Diz-se que ele soltou seu falcão e surpreendeu um pássaro de longas patas; depois do que, retornou-se ao campo. Quando o príncipe entrou em sua tenda, o homem cuja mulher tinha sido humilhada corria de um lado para outro para encontrar alguém que o ajudasse a vingar seu ultraje. Muitos estavam juntos a ele e debatiam o assunto entre si, quando eis que Naningo passou. Quando o viram, chamaram-no e lhe

contaram tudo. Este ficou muito contente por entender isso e disse: "Se não realizarmos o plano imediatamente, vou contá-lo a Sua Majestade." Logo eles seguiram para sua tenda, desembainharam da espada e o trespassaram de todos os lados. Alguns dizem que o príncipe gritou, quando viu Naningo entre os homens que entraram em sua tenda: "Tenha misericórdia de mim, Naningo!" Mas este respondeu: "Que Deus não me perdoe jamais meus pecados se eu te fizer alguma concessão!" Dito isto, tirou sua espada e lhe desferiu um golpe profundo e mortal. Eles conduziram sua mulher Adelquisa, de que falamos, coberta de vergonha, a seus pais em Benevento. E com razão. Ela e seu marido tinham, por sua violência, cometido muitas injustiças contra os outros. Era inevitável que cedo ou tarde eles próprios caíssem numa infelicidade ainda maior.

4. Um hino composto por Paulo Álvaro de Córdoba

Na metade do século IX, os cristãos da Espanha foram perseguidos por seus senhores muçulmanos. A resistência espiritual foi organizada pelo arcebispo de Córdoba, Santo Eulógio, morto em 859, assim como por seu amigo Paulo Álvaro. Possuímos diversas obras escritas pelos dois amigos. Elas nos mostram que os espanhóis viviam ainda da herança de Isidoro e conservavam sua própria tradição, embora a decadência do ensino escolar fosse manifesta. Escolhemos aqui um hino em honra de São Jerônimo para ilustrar a latinitude espanhola dessa época. O hino foi atribuído recentemente, por razões convincentes, a Paulo Álvaro.¹

<i>1. Christus est Virtus</i>	<i>Patris, Sapientia²,</i>
<i>Cunctos qui replet</i>	<i>spiritali gratia,</i>
<i>Ut possint probe</i>	<i>digerere normulam</i>
<i>Et proximorum</i>	<i>illustrare opaca,</i>
<i>Ut digne queant</i>	<i>fruere celestia³.</i>

¹ Ver a obra erudita de B. Thorsberg, *Études sur l'hymnologie mozarabe*, em que o hino é publicado e comentado às páginas 107 e ss.

² **Christus est virtus patris, sapientia.** FONTES. – O autor tomou emprestados esses vocábulos à Vulgata, *1 Coríntios*, 1,24 *praedicamus... Christum Dei virtutem et Dei sapientiam*.

³ **fruere celestia.** SINTAXE. – O emprego de *utor*, *fruor* e de outros verbos com um objeto direto no lugar de um ablativo já se encontra no latim arcaico e se torna muito freqüente depois da época clássica. No início da Idade Média, muitos verbos ordina-

- | | |
|--|---|
| <p>2. <i>Ipsius dono</i>
 <i>Olim hic vates</i>
 <i>Omnibus notus</i>
 <i>Cunctos inrigans</i>
 <i>Ut sol resplendet</i></p> | <p><i>perflatus egregius</i>
 <i>nomine Iheronimus</i>
 <i>doctrinarum fontibus</i>¹,
 <i>ex almis dogmatibus</i>
 <i>in ortu ignicomus</i>².</p> |
| <p>3. <i>Hic procul cuncta</i>
 <i>Precalcans</i>³ <i>pede</i></p> | <p><i>seculi negotia</i>
 <i>velut spurcissima</i></p> |

riamente intransitivos foram utilizados com um acusativo. Segundo o modelo de *regere*, *iuvare* e *docere*, os verbos *praeesse*, *subvenire* e *praedicare* também receberam freqüentemente um objeto direto. Cf. *Vita Richarii* 11, *MGH, Mer.*, VII, p. 451,14 *praeerat suos*; *PAC*, IV, p. 487: 11,1,4 *Iesus, clementer tribulantes subveni*; *Analecta Hymnica*, XXIII, n° 133,2 onde se lê sobre os santos mártires: *Qui in pace ecclesiae florentes more lilii praedicaverunt populum, ut replerent paradisum*. Ainda mais surpreendente, do ponto de vista clássico, é a construção transitiva de verbos como *crescere*, *perire*, *navigare*, dos quais daremos alguns exemplos: *Carmen ad regem*, *MGH, PAC*, IV, p. 136:6 (*Omnes sancti*) *regnum praesens vobis crescent, adquirent perpetuum*; *Fredegário* 2,36 *Felice raenante in Iudaeam, sedicio in Caesariam Palistine orta magna Iudaeorum multitudinem perit*; *Vita Honorati*, *Beiheft 32 zur Zeitschrift für romanische Philologie*, p. 1,25 *Formidabat itaque mater plurimum, que virum induxerat ad errorem, ut infantulum deperiret*; *Vita Landiberti*, 1,17, *MGH, Mer.*, VI, p. 370,17 *navigaverunt eum ad civitatem eius* (Para outros exemplos, confira meu livro *Syntaktische Forschungen*, p. 132 e ss.).

¹ **omnibus notus doctrinarum fontibus**. SINTAXE – *Notus* seguido de um ablativo tem aqui um sentido ativo como *ignotus* nos exemplos seguintes: *Ildefonso de Toledo*, *De virginitate*, 1 *Ignota semper coniugio, ignota amplexu, ignota tactu, ignota maritali collegio*; *Bráulio de Saragoça*, *Renotatio librorum Isitori*, *Migne, Patr. Lat.*, LXXXII, col. 67 C *Quod opus... quisquis crebra meditatione perlegerit, non ignotus divinarum humanarumque rerum scientia merito erit*. Cf. também *cognitus alicuius rei* ao invés de *peritus alicuius rei*, *Eulógio*, *Memoriale sanctorum*, II,1,1 *venerabilis memoriae Perfectus presbyter... plenissime ecclesiasticis disciplinis imbutus et vivaci educatione litteraria captus, nec non ex parte linguae Arabicae cognitus* (*Ver B. Thorsberg, op. cit.*, p. 117 e ss.).

² **ignicomus**. LEXICOGRAFIA – Virgílio parece ter forjado *ignipotens*, *Ovídio ignipes* e *ignifer* e os poetas do baixo-império contribuíram para esta formação de adjetivos: *ignicolor*, *ignicomans*, *ignicomus*, *ignifluus*, *ignivagus*, *ignivomus*.

³ **precalcans**. LEXICOGRAFIA – Nos textos de origem espanhola, tem-se notado, entre outras palavras, *prespicere*, *prespicuus*, *prestrepere*, *prescrutator* por *perspicere*, *perspicuus*, *perstrepere*, *perscrutator* e é este o mesmo fenômeno que encontramos aqui (Cf. *B. Thorsberg, op. cit.*, p. 65 e ss.).

- | | |
|---|--|
| <p><i>Dedecorosa
Alens inopum
Sibi eterna</i></p> | <p><i>respuitque¹ rescula²,
egenaque viscera
adquirens stipendia.</i></p> |
| <p>4. <i>Hic quoque vitam
Et sese valde
Parentes, domos
Bethlem invenit³
In qua peregit</i></p> | <p><i>appetit monasticam
strinxit ad regulam.
omittens et patriam
rura beatissima,
consummata opera.</i></p> |
| <p>5. <i>Dum esset ferbens⁴
Gentiliumque
Pro elegante
Opusculorum⁵
Tali meretur</i></p> | <p><i>calensque ingenio
summo cum studio
lepore prosatico
reconderet animo,
corrige oraculo:</i></p> |

¹ **respuitque.** SINTAXE – Os poetas medievais se servem freqüentemente da partícula *-que* para completar o número de sílabas do verso; assim ocorre aqui e no verso seguinte *egenaque*.

² **rescula.** LEXICOGRAFIA – O diminutivo *rescula*, *ae f.* não é desconhecido dos autores tardios. Cf. Paulo Álvaro *Epist.*, XIII,3 *super solis sacerdotibus rescule dispartuntur ecclesie*. Mas, temos aqui, com a mudança do gênero *resculum*, *i n.* Cf. no latim dos moçárabes os neutros *contumelium*, *infamium*, *copulum*, *excubium* etc. (Ver M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica*, p. 172; B. Thorsberg, p. 25 e 160.).

³ **invenit.** LEXICOGRAFIA – *Invenit* está empregado aqui por *advenit*. Já assinalamos a confusão dos prefixos que é característica dos autores medievais.

⁴ **ferbens.** FONÉTICA – Nada mais comum no latim tardio do que a confusão de *b* e *v*. No *Appendix Probi* se prescreve *baculus non vaclus* e, noutro lugar, *vapulo non baplo*. Esta confusão é atestada muito freqüentemente nos textos espanhóis (cf. mais adiante, na estrofe 9, *negabi* por *negavi*), onde o *f* intervocálico também é sonorizado: cf. *reveratur*, *provano* etc., ao invés de *referatur*, *profano* e, com uma ortografia hipercorreta, *profeant*, *adprofemus* etc. por *provehant*, *adprobemus* (Cf. B. Thorsberg, p. 76 e ss.).

⁵ **gentiliumque... pro elegante lepore prosatico opusculorum.** SINTAXE – "Por causa da elegância e da sutileza da prosa das obras pagãs" é uma expressão muito fácil de compreender. É necessário tirar o objeto direto subentendido do verbo *reconderet*, isto é *hoc* ou *haec opuscula*.

6. *Nam, ecce, morbus invadit corpusculum¹,
Iamque reclinis dolore in ferculo
Ex more quippe funerum vulgali²
Obsequiorum, tantum ut spiritum
Redderet polo et membra in tumulo*
7. *Reconderetur³ repente, set concito
Alta penetrans ducitur in spiritu;
Sistitur nempe Principi ethereo,
Cui adstabant miliarum legio
Exequitantum illi⁴ absque numero.*
8. *Mox Tonans verba feriendo⁵ conquerit⁶,*

¹ **corpusculum.** LEXICOGRAFIA – É evidente que *corpusculum* perdeu completamente seu valor de diminutivo. Do mesmo modo se lê num hino pascal, *Analecta Hymnica*, LI, n° 83: (*Christus*) *cuius sacrum corpusculum in ara crucis torridum* (evidentemente *est*).

FONTES – O sonho de São Jerônimo, que Paulo Álvaro conta na parte central do hino é tomado da famosa carta de Jerônimo a Eustáquio (*Epist.* 22,30, *Corpus Scrip-tor. Eccl. Lat.* 54).

² **vulgali.** LEXICOGRAFIA – *Vulgalis* ao invés de *vulgaris* não é um erro eventual, mas um uso bastante difundido, sobretudo na Espanha, na Idade Média.

³ **membra... reconderetur.** SINTAXE – Na Idade Média, quando o sujeito é um neutro plural, o verbo vai, muitas vezes, para o singular. Cf. Gregório de Tours, *Mart.*, 4,45 *quae nuper gestum fuit, edicam*; Paulo Álvaro, *Epist.*, IV,21 *tanta est... eloquia*; *Carm.*, IX,114 *secla recurrit* e em nosso hino, 10: *milia..., orat.*

⁴ **miliarum legio exequitantum illi.** LEXICOGRAFIA – O particípio *exequitantum* (*Exequitantum* é uma conjectura infeliz de B. Thorsberg por *exercitantum* ou *exercitatum* dos manuscritos; vide sua edição, p. 123.) se refere a *miliarum*, genitivo plural de *milia*: "uma legião de milhares de homens, louvando a Deus. Encontra-se frequentemente *sequitare* e seus compostos no latim dos moçárabes.

⁵ **verba feriendo.** LEXICOGRAFIA – De *verba ferire*, "falar", pode-se conferir em Isidoro, *Etym.*, IX,1,8 *omnes mediterraneae gentes in palato sermones ferunt.*

⁶ **conquerit** etc. LEXICOGRAFIA – Paulo Álvaro toma aqui a célebre passagem de São Jerônimo: *Interrogatus condicionem, Christianum me esse respondi. Et ille qui residebat: Mentiris, ait, Ciceronianus es, non Christianus.* Ele deu, portando, o sentido de "perguntar" ao verbo *conquerere*, sentido que encontramos também em suas cartas, por exemplo IV,25 *ad ea de qua conquereris nihil confirmativa respondes.*

<i>Christique servum Non ita, verbis Cordis thesaurum Tullianumque</i>	<i>mox ut esse comperit, ut testatur, asserit. iudicando aperit veraciter protulit.</i>
9. <i>Verbera iubet Corpore² densa Propere lingua Cepit, testare: Ausus fuero,</i>	<i>per membris¹ inducere, flagella ingerere. ululando gemere Si umquam hunc legere te negabi, Domine.</i>
10. <i>Tunc Angelorum Supplici prece Ut tribuatur Sicque reversus Cunctis ostendit,</i>	<i>Adstantium milia flexa orat genua³, postulanti venia. dissicata corpora ut gesta veracia</i>

SINTAXE – Se compararmos as fontes, veremos também que é necessário subentender o acusativo sujeito de infinitivo: *Christi servum mox ut esse* (evidentemente *eum*) *comperit*. É uma elipse que já se encontra nos autores clássicos. Do mesmo modo, a omissão de *esse* no terceiro verso da estrofe não dificulta o entendimento da frase: *non ita* (evidentemente *esse*)... *asserit*.

¹ **per membris**. SINTAXE – Em nosso poeta, a preposição *per* é seguida frequentemente de um ablativo; assim *toto per mundo, longo per tempore, per seculis*. Por outro lado, ele pode escrever *pro nostras noxas, cum vetera (mella)* etc. (Ver. MGH, PAC, III, p. 794.).

² **corpore**. MORFOLOGIA – Na Idade Média, as terminações *-i* e *-e* do dativo e do ablativo da terceira declinação são trocadas frequentemente uma pela outra.

³ **flexa genua**. SINTAXE – *Flexa genua* é um nominativo absoluto ou um acusativo absoluto, construções cujo emprego é muito difundido desde o fim da Antigüidade. O nominativo absoluto se apresenta assim: *Lex Visigothorum, V,14 si quid exinde libertus libertave distraxerit vel donaverit, modis omnibus invalidum erit, patronus eius scilicet aut patroni filii omnia sibi vindicaturi*; Teofrido de Corbie, MGH, PAC, IV, p. 560:3 *Adam plasmatus, prima aetas incipit*; p. 633:14 *Fortis in bello Iesus Neve filius rompheas iactans, civitates corruunt*. Como exemplos do acusativo absoluto pode-se citar, entre outros, *Analecta Hymnica, XII,486,3 Quem superatum* (texto dos melhores manuscritos), *fortiter tecum regnant feliciter*; *ibidem, XXVII,153,8 Episcopatum accepit, nolentes multos invidos*; PAC, IV, p. 459:3 *Debellatas multas gentes, venit ad Bethuliam*.

- | | |
|---|---|
| <p>11. <i>Hoc probaretur,
De quibus sepe
Sicque correctus
Ambit precelsa,
Nec sibi affectat</i></p> | <p><i>non falsa somnifera¹,
includimur, inproba.
a divina gloria
celestia, deifica,
ultra mundalia.</i></p> |
| <p>12. <i>Tanto doctrine
Tanto corusco
Instructu ut suo
Plebs Christi que est
Ipsius dono</i></p> | <p><i>fulget exhinc lumine,
iubar pollet floride,
rutilet splendide
redemta a sanguine.
refice nos, Agie.</i></p> |
| <p>13. <i>Tu noster splendor,
Per te clarescit
Tu preliator
Aries ingens,
Hereticorum</i></p> | <p><i>tu nobisque destina²,
ubique Ecclesia;
in fide catholica,
fortis es in dogmata
dextruens maceriam.</i></p> |
| <p>14. <i>Te invidorum
Te criminatur
Tibique cedit
Minime valens
Fribola quia</i></p> | <p><i>insequitur actio,
stultorum factio,
falsa commentatio,
lubrica intentio,
revertit in nicilo³.</i></p> |

¹ **falsa somnifera.** LEXICOGRAFIA – Estas palavras correspondem à frase *Nec vero sopor ille fuerat aut vana somnia, quibus saepe deludimur* de São Jerônimo, com o que se conclui que o poeta se serve de *somnifera* no lugar de *somnia*. Confirma num outro hino moçárabe *gubernans dicitur* (evidentemente São Mateus) *cuncta polifera = cunctum polum* e num hino nupcial também composto na Espanha *usurpant* (evidentemente *Adam et Eva*) *vetita ligni pomifera = vetita ligni poma* (O problema foi tratado de modo detalhado por B. Thorsberg, p. 125 e ss.)

² **destina.** LEXICOGRAFIA – O sentido do substantivo *destina* é "coluna", "apoio". Cf. Bráulio de Saragoça, *Renotatio* (Migne, *Patr. Lat.*, LXXXII, col. 67 C): *Quem* (evidentemente *Isidorum*) *Deus post tot defectus Hispaniae novissimis temporibus suscitans, credo ad restauranda antiquorum monumenta, ne usquequaque rusticitate veterasceremus, quasi quandam apposuit destinam.*

³ **nicilo.** FONÉTICA – *Nicilum* é uma grafia que se encontra frequentemente na Espanha, assim como *mici*, *arcivum*, *macina* etc. (Ver J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 268).

15. <i>Tibi resistens</i> <i>Moxque reiectus</i> <i>Annuens tibi</i> <i>Noscitur fore</i> <i>Idoneus, probus</i>	<i>probatur hereticus</i> <i>deputatur inscius.</i> <i>quisquis¹, hic catholicus</i> <i>confestim, in hactibus</i> <i>doctrinisque profluus.</i>
16. <i>Tutare plebem</i> <i>Corda perlustra</i> <i>Ut solidata</i> <i>Floreant verbo,</i> <i>Adstant cuncti</i>	<i>hanc sanctis suffragibus,</i> <i>ex celicis donibus²,</i> <i>in pacis dogmatibus</i> <i>fecundi in fructibus</i> <i>in supernis sedibus.</i>
17. <i>Presta, tu Pater,</i> <i>Unus cum Prole</i> <i>Sancto qui cuncta</i> <i>Iugiter, Semper</i> <i>Per infinito</i>	<i>Deus clementissime,</i> <i>simul cum Spiritu</i> <i>gubernas imperio</i> <i>per evi spatio</i> <i>seculorum numero.</i>

[TRADUÇÃO]

1. Cristo é o poder do Pai, a sabedoria que enche todos os homens de sua graça espiritual, para que possam expor bem a lei e ilus-

¹ **annuens tibi quisquis** (sc. est). SINTAXE – O participio presente com *sum* pode substituir o verbo simples no latim tardio, em que se diz frequentemente, por exemplo, *sacrificans est* por *sacrificat*. Além disso, permite-se omitir *est* nesta frase, servindo-se do participio presente sozinho no lugar de uma forma pessoal. Este uso é encontrado em orações principais, mas também em subordinadas, sobretudo adjetivas e adverbiais temporais. Cf. Gregório de Tours, *Histoire des Francs*, X,10 *Multum se ex hoc deinceps rex paenitens, ut sic eum ira praecipitem reddidisset*; VI,6 *Dehinc mulier quaedam, quae, ut ipsa declamabat, tria habens daemona, ad eum adducta est*; Vit. Patr., 19,1 *In quo (evidentemente viridario) ingressa dum intuens herbas loci deambulans, mulier eam... prospexit*.

² **suffragibus, donibus**. MORFOLOGIA – A terminação em *-ibus*, depois de muito tempo caiu em desuso, é aqui acrescida por uma espécie de hiperurbanismo aos dois substantivos pertencentes à segunda declinação.

trar os espíritos obscuros dos próximos, permitindo-lhes assim merecer o céu.

2. Inspirado pelo dom de Cristo, nosso célebre pai Jerônimo, conhecendo todas as fontes da doutrina e levando a todos a onda vivificante dos dogmas, brilhou como o sol nascente, como a labareda de fogo.

3. Jerônimo enviou para longe de si todos os cargos desse mundo, comprimindo-os a seus pés, como coisas impuras e vergonhosas, para nutrir os corpos necessitados dos pobres e merecer assim uma recompensa eterna.

4. Jerônimo entregou-se à vida monástica e se submeteu totalmente à regra. Deixou seus pais, sua casa e seu país e veio a Belém, bem-aventurada entre todas as terras, onde acabou suas obras.

5. Como ele era de espírito fogoso e vivo e estudava com o maior interesse as obras pagãs por causa da elegância de sua prosa, foi punido por esta revelação:

6. Eis que a doença invade seu corpo e, já prostrado sobre um leito de dor, como para simples funerais, ia entregar a alma a Deus e os membros ao túmulo,

7. quando, subitamente, é conduzido espiritualmente ao mais alto dos céus. Ele se vê colocado na presença do Príncipe Etéreo, perante quem se encontravam legiões inumeráveis, louvando a Deus.

8. Tomando logo a palavra o Todo Poderoso, abriu-se logo o interrogatório e, quando compreendeu que o acusado se dizia cristão, afirmou que esse protesto não tinha fundamento. Ele o julgou e revelou o tesouro de seu coração, e o declarou inteiramente retórico.

9. Ele espancou seus membros e supliciou-se com chicote. Jerônimo soltou gritos de dor e protestou: "Se jamais tento ler esse autor, eu o reneguei, Senhor!"

10. Então, as legiões de anjos que estavam presentes se prostraram, implorando a graça pelo suplicante. Assim ele pôde voltar e mostrar a todos seu corpo dilacerado,

11. Para que fosse demonstrado que se tratava de coisas reais e não desses falsos e ilusórios sonhos que freqüentemente nos enganam. Aperfeiçoado pela majestade divina, ele se consagrou aos mais elevados, celestes e divinos estudos e não procurou mais imitar os livros profanos.

12. Doravante é tão grande a luz de sua doutrina, tão vasta e brilhante sua erudição, que, graças a seu ensinamento, um magnífico clarão ilumina o povo resgatado pelo sangue de Cristo. Senhor, reconfortai-nos por seu dom.

13. Tu és nosso esplendor, tu és nosso sustentáculo, graças a ti a Igreja brilha por toda a parte, tu és o campeão da fé católica, imenso cordeiro, por teus profundos conhecimentos dogmáticos, tu derrubas a muralha dos hereges.

14. És tu que persegues a ação dos invejosos, tu que incriminas o partido dos loucos, tu que fazes ceder a exegese mentirosa, tentativa pífida, sem qualquer poder, porque vazia de sentido cai em seu nada. 15. O que te resiste é convencido de heresia, e, cedo refutada, passa por ignorante. Quem adota o teu conselho é reconhecido pouco depois como católico, ativo, íntegro e erudito.

16. Defende nosso povo por teu santo auxílio, ilumina nossos corações com os dons celestes para que eles se alegrem nos dogmas

da paz e que todos os homens tenham lugar nas celestiais moradas, fortalecidos por tuas palavras, graças ao fruto de suas boas obras.

17. Atende-nos, Pai, Deus clementíssimo, que, com o Filho e o Espírito Santo, regulas sempre todas as coisas por tuas ordens perpétuas, pela eternidade, por infinito número de séculos.

VERSIFICAÇÃO. -- Este hino está escrito em versos rítmicos que imitam a estrutura dos trimetros jâmbicos. O autor deve ter lido poemas como este de Bráulio de Saracusa em honra de São Milão, que começa por *O magne rerum, Christe, rector inclite* (*Analecta Hymnica*, XXVII, 87). É um hino escrito em trimetros jâmbicos segundo as regras clássicas, segundo o esquema: B L B L B / B L B L B L. Mas esses versos têm sido recitados com os acentos ordinários dos vocábulos:

*O magne rerum, / Christe, rector inclite,
Parent olympi / perpetim cui sidera,
Tu vota festis / annuis faventia
Largire nobis, / casta praebe et sobria,
Placare possint / quae tuam clementiam.*

Se esses versos são recitados com acentos de intensidade e segundo as regras da prosa, não se entende o esquema métrico, mas o ritmo seguinte: _ _ _ ' _ / _ _ _ _ ' _ _ , isto é, um verso que se compõe de dois hemistíquios, dos quais o primeiro tem cinco sílabas com uma cadência final sempre paroxítona e o segundo sete sílabas com um fim sempre proparoxítono. Designamos esse verso por 5p+7pp. É um verso rítmico do tipo que Paulo Álvaro tentou escrever e que, no conjunto, foi bastante eficiente. Deste modo, respeita cuidadosamente o número de sílabas. Os hemistíquios 3,2 *velut spurcissima*, 4,2 *strinxit ad regulam*, 5,2 *summo cum studio*, 6,4 *tantum ut spiritum*,

12,3 *rutilet splendide* e 14,2 *stultorum factio* que parecem conter seis sílabas, compõem-se, de fato, de sete, porque é necessário, na recitação, acrescentar uma vogal protética diante de *sp* e *st*: *velut espurcissima* etc. O pronome *cui* (7,4) deve ser lido com diérese, enquanto que *deifica* (11,4) e *idoneus*(15,5) são trissilábicos. Duas vezes (11,5 e 12,3) o poeta admitiu uma elisão. No que diz respeito à acentuação, o autor leu, provavelmente, com recomposição, *inrígans* (2,4) e *inópum* (3,4), enquanto que *fuéro* (9,5) é comparável com o espanhol *fuéra* (< latim *fúeram*). Duas vezes parece ter fracassado: 1,4 *inlustrare opaca* e 8,1 *feriendo conquerit*, mas não pode ser excluída a possibilidade de que ele tenha desprezado a prosódia desses vocábulos e tenha acentuado *ópaca* e *cónquerit*. De fato, em seus hexâmetros são encontrados exemplos de uma prosódia extremamente incomum, como *adêquans*, *venérat*, *locôrum*, *ignéus* (^ = breve e ' = longa). Notamos, enfim, que em cada estrofe, todos os versos são rimados: *-a* e *-am* rimam freqüentemente, assim como *-o*, *-u* e *-um*. Somente no verso 17,1 é que o poeta faz uma exceção a esta regra.

5. *Aldelmo*

Escolhemos Aldelmo (morto em 709) como representante da latinidade insular, beneficiado pelo ensino dos mestres irlandeses, assim como pelo dos emissários do Papa Teodoro e Adriano. Em matéria de gramática, seu latim é correto, não oferecendo oportunidades para muitas observações. Mas seu estilo e seu vocabulário são muito particulares e revelam sua origem insular. Aldelmo compôs, entre outras, uma obra chamada *De virginitate* que escreveu, segundo o modelo de Sédulio, primeiramente em prosa e depois em versos. A versão em prosa é, freqüentemente, muito mais pomposa que os hexâmetros, como mostram os dois fragmentos seguintes, que tratam da vida de Santa Justina.¹

¹ Aldelmo, *De virginitate*, 43, *MGH, Auct. ant.*, XV, p. 295 e ss. e a obra poética do mesmo título, *ibidem*, p. 429-430, vv. 1842-1868.

Denique Iustina, iustitiae bernacula¹, ab orthodoxis non contemnenda virago², cum Dioclitianus imperii sceptris infeliciter fungeretur, quanta vel qualia apud Antiochiam³ pro virginitate servanda pertulerit, quis mediocri fretus ingenio expedire se posse gloriatur, ni cuncta signorum et prodigiorum gesta, quae litterarum apicibus inserta leguntur, diligenter didicerit⁴? Quam neque procus ab integritatis arce detrudere nec magica maleficorum ne-

¹ **Iustina iustitiae bernacula.** ESTILÍSTICA – Adelmo acrescentou a explicação *iustitiae vernacula* para sublinhar a etimologia do nome próprio. Na Idade Média, apreciam-se os jogos de palavras desse gênero. Cf., por exemplo, *Analecta Hymnica*, LI, n° 208,1 *Ianuari, ianua caeli*, LII, 161,1 *O Clara luce clarior*, 91,1 *agnes, agna, quae in laeta agni domo habitas*. FONÉTICA – Aproximou-se *bernacula* por *vernacula* à linha 33 *sevo* por *sebo* (*sebum, i* = sebo) e, no poema, no verso 20 *fribula* por *frivola*.

² **virago.** LEXICOGRAFIA – Popular na Idade Média, o vocábulo arcaico *virago*, derivado de *vir*, é condenado na poesia da época imperial e seguinte, assim como numerosas curiosidades.

³ **apud Antiochiam.** SINTAXE – No latim falado, o locativo está em vias de desaparecimento desde a época clássica, porque é substituído quase sempre pelo ablativo ou por preposições, principalmente *apud*. Isto explica também a causa de ser o locativo empregado de maneira nova. A partir do modelo *Romae*, escreve-se, por exemplo, *Italiae* e *Africae*.

⁴ **diligenter didicerit.** ESTILÍSTICA – O emprego freqüente da aliteração é característica do estilo dos irlandeses e dos ingleses. Adelmo une freqüentemente dois vocábulos que começam pelo mesmo fonema: *magica maleficorum, vincere valuerunt, fatasmate falsi, finetenus favorabiliter, praedita permansit* etc.; às vezes as figuras são mais complicadas: *ut in tanto tormento tenerrima virgo torreretur*. Já assinalamos que nesta época os irlandeses e os ingleses pronunciavam *ce* e *ci* como *ke* e *ki*. Temos, portanto, um sistema de aliterações perfeito em 20 *catholicorum coetibus*, 40 *caerimonias cogente*, ou 21 *versa vice supernorum sacramenta caelitibus cognosceret*. Além do mais, *v* e *f* eram pronunciados da mesma maneira. Logo, parece que, no verso 4 do poema, *florida mundanae calcans commercia vitae*, há duas aliterações porque as palavras *florida* e *vita* estão aproximadas. Expressões como *infeliciter fungeretur* (linha 2), *petrae im-posuit* (linha 31) ou *feliciter per-veniret* (linha 24) nos fazem crer que Adelmo, às vezes, decompôs os vocábulos, fazendo aliterar o som inicial do vocábulo simples com o vocábulo precedente ou seguinte. Posto isto, a seqüência de aliterações é absolutamente regular, inclusive na linha 20 *magorum molimina funditus e-verteret et medullitus a-mitteret*.

cromantia ullatenus vincere valuerunt, sed omnis praestigiarum scena, quam callido fantasmate falsi nebulones scematizarunt, ut famus evanescens disparuit, ut cera liquescens emarcuit, ut umbra fatescens¹ dicto citius dissolvebatur. Hanc, inquam, cum Cyprianus, qui per idem tempus aruspicum celeberrimus et post Soroastren et Simonem magorum praestantissimus fuisse memoratur, adhibitis Leviathan² argumentis strofosisque deceptionum muscipulis ad thalami copulam et maritalia consortia flectere nequiret, ilico per castissimam Iustinae virginitatem, qua omnes contrariarum virium machinas exterminans eliminaverat, invictum Christi tropeum et ineluctabile bravium licet paganus prudenter intellexit ita prorsus, ut actutum ecclesiastico exorcismo catacizatus³ et parturientis gratiae vulva in baptisterio regeneratus, ubi seni vel bis terni gradus⁴ collocantur, catholicorum coetibus adscisceretur, quate-

¹ **evanescens, liquescens, fatescens.** ESTILÍSTICA – Adelmo aprecia não somente as aliterações, mas também os membros paralelos com que ele ornamenta frequentemente de rimas ou de outros artifícios retóricos. Aqui é fácil ver que os três participios em *-escens* foram escolhidos para pôr em destaque o paralelismo; à linha 14 *ad thalami copulam et maritalia consortia*, as duas sílabas *t(h)al* e *co* foram repetidas em cada membro, à linha 16 *invictum Christi tropeum* (= *tropaeum*) e *ineluctabile bravium* (= *brabium*), o adjetivo incomum *ineluctabile* é acrescido por causa do paralelismo e da aliteração.

² **Leviathan.** MORFOLOGIA – O nome hebraico que é indeclinável deve ser interpretado aqui como um genitivo possessivo. *Leviathan* designa um monstro, aqui o diabo, que, paralelamente, é chamado *strofusus* (*strophos* = "pantomima", "peça que se prega nas pantomimas", "astúcia").

³ **catacizatus.** FONÉTICA – Pode-se explicar a forma *catacizatus* por *catechizatus* de duas maneiras: ou Adelmo foi influenciado pelas palavras que começam por *ca-*, ou então se trata de um traço de empréstimo tomado dos irlandeses, onde se revelaram formas como *maladico*, *kalandas*, *idiama*, *Alaxander*, *ortagrafia*, *manachus* (cf. irlandês *Alaxandir*, *manach* "monge" etc.) (Ver B. Löfstedt, *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*, p. 97, que sublinha também a existência do fenômeno inverso: *monochus* por *monachus*, *colophizo* por *colaphizo* etc.).

⁴ **seni vel bis terni gradus.** FONTE – A exposição dos seis graus do batismo e dos sétimo grau do episcopado é compreendida se se considerar a fonte de Adelmo, Isi-

nus, qui magorum molimina funditus everteret et medullitus amitteret, versa vice supernorum sacramenta caelitus cognosceret et efficeretur impavidus praedicator, qui fuit pervicax fidei refragator, sicque per septenos ecclesiae gradus paulatim proficiens ad summum pontificatus apicem feliciter perveniret.

Iustina vero non solum integritatis gloria fine tenus favorabiliter praedita permansit, verum etiam ad capissendam¹ passionis palmam adamante durior diversis tormentorum cruciatibus macerata non cessit, quia invictae mentis fundamina nequaquam arenosis² sablonum glareis ultro citroque nutabundis subdiderat, sed editam aulae structuram, ut ille sapiens, quem evangelicum describit oraculum, robustissimae petrae imposuit. Quae dum crudis nervorum flagris truciter caederetur et crebris palmarum contusionibus exalparetur, tandem in sartagine ferream sevo et pice crepitantem, ut in tanto tormento tenerrima virgo torreretur, scandere iussa est. Sed Christus clementia sua solita, qua mediocribus consulens et contritis corde ultro misereri scit, flammantis foci³ potestatem

doro, *De officiis*, II,25,4 *Fons autem origo omnium gratiarum est, cuius septem gradus sunt: tres in descensu propter tria quibus renunciamus, tres alii in ascensu propter tria quae confitemur; septimus vero, id est qui et quartus, similis filii hominis, extinguens fornacem ignis, stabilimentum pedum, in quo omnis plenitudo divinitatis habitat corporaliter.*

¹ **capissendam.** MORFOLOGIA – Parece que Adelmo confundiu as formações em -*essere* e em -*issere* (*capessere*, *incipessere*), confusão bastante desculpável, se for levada em conta a existência das formas *capescere* e *capiscere* no latim medieval (Cf. B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*, p. 32 e ss.).

² **arenosis sablonum glareis.** ESTILÍSTICA – Sabe-se que os vocábulos *arena*, *sablon* e *glarea* têm o sentido de "areia", "saibro" e "cascalho". Esta redundância, característica do estilo pomposo de Adelmo, corresponde à simples expressão bíblica, Mateus 7,26 (*vir stultus*) *qui aedificavit domum suam super arenam*.

³ **flammantis foci.** LEXICOGRAFIA – No latim falado, *focus* "lareira", tomou logo cedo o sentido de "fogo", como o mostram as línguas românicas e numerosos textos, desde a época imperial. Aqui, sem dúvida, Adelmo escolheu *focus* para fazer aliterar

compressit et ad inclitam nominis sui gloriam virgineos artus ab ingruenti sartaginis exitio potenter protexit. Postremo Claudio Cesare ultroneos Dei martires ergastuli squaloribus cruciante et edictis crudelibus ad delubrorum caeremonias cogente sententiam decollationis accipiens una cum Cypriano non iam necromantia freto, sed pontificatu praedito sacrosancto cruoris ostro purpurescit.

[TRADUÇÃO]

Enfim, foi sob o reino fatal do imperador Diocleciano que viveu Justina, a servidora da justiça, uma virgem que os ortodoxos não devem negligenciar. Que homem comum poderia gabar-se de explicar tudo que ela suportou em Antioquia para guardar sua virgindade, a menos que tenha tomado por base tudo que se pode ler na literatura sobre sua vida plena de milagres e de prodígios? Seu noivo não pôde fazer cair a cidadela de sua castidade, nem a necromancia dos malfeitores vencê-la, mas toda a encenação fantasmagórica que os charlatães mentirosos tinham montado com uma astuciosa imaginação desapareceu como a fumaça que se desvanece, afastou-se como o círio que derrete, dissipou-se, em menos tempo que o necessário para dizê-lo, como a sombra que se desfaz. Cipriano (segundo a tradição), o mais célebre feiticeiro desta época e o mais hábil mágico depois de Zoroastro e Simão, não sendo bem sucedido em conduzi-la aos laços do matrimônio e à união conjugal, apesar dos argumentos de Leviatã

o substantivo com o particípio *flamantis*. No latim insular, a mudança de sentido de *focus* tomou os sentidos de "lar", "lareira", "casa", ao invés de *ignis*. Encontram-se exemplos nas *Hisperica famina*, A 439, em Adelmo, *Aenigmata*, 52,5 e, ainda, em Beda, *De psalmo LXXXIII,6 turicremo purgans crimina cuncta lare* (*Corpus Christianorum*, CXXII, p. 449. Cf. também *ibidem*, p. 415:11,3 e p. 425:9,2).

e as sedutoras bruxarias do Maligno, a castidade virginal de Justina, graças à qual ela havia afastado e destruído todas as maquinações diabólicas fê-lo compreender, enfim, embora fosse pagão, que o troféu de Cristo era indestrutível e que sua vitória era fatal. Assim, imediatamente libertado pelo exorcismo da Igreja, e introduzido numa nova vida pelo canal da graça fecunda, no batistério aos seis, ou duas vezes três graus, foi admitido na assembléia dos católicos, de modo que, invertendo inteiramente as maquinações diabólicas e enxotando-as do mais profundo de si mesmo, aprendeu em contrapartida as verdades religiosas sob a inspiração celeste; ele que havia recusado obstinadamente a fé, torna-se um pregador audacioso e escalando pouco a pouco os sete graus da Igreja, teve a glória de chegar à dignidade suprema do episcopado.

Quanto a Justina, não somente conseguiu perseverar até o fim em sua gloriosa virgindade, mas ainda obteve a palma do martírio: mais dura que o aço, ela não cedeu às mil torturas que lhe impuseram, porque não tinha colocado os fundamentos de sua alma invencível num terreno arenoso e instável em todos os sentidos, mas tal qual o sábio de que fala o Evangelho, ela construiu sobre a rocha a mais sólida arquitetura de sua casa. Depois de ter sido cruelmente fustigada por rudes golpes de chicote e esbofeteada numerosas vezes, recebeu a ordem para descer numa caldeira de ferro, toda crepitante de sebo e pez, para que, a tenra menina fosse torturada por um tormento tão grande. Mas o Cristo que em sua clemência habitual tem piedade dos humildes e dos aflitos sufocou as chamas e preservou por seu poder, para glória de seu nome, o corpo virginal da morte que a esperava na caldeira. Enfim, quando o imperador Cláudio torturava os mártires voluntários de Deus em sua horrível prisão e os forçava por editos cruéis a participar das cerimônias dos templos pa-

gãos, ela foi condenada a ser decapitada, quando Cipriano já não era feiticeiro, mas bispo, sendo pintada de vermelho pela santa púrpura de seu sangue.

*Sic quoque Iustinam modulabor carmine castam¹
Aurea virgineo lucrem regan pudore,
Quae terrena tori disrupti vincula iugalis
Florida mundanae calcans commercia vitae.
Huic procius illustris pravo succensus amore
Nectere non cessat verborum retia frustra,
Ut sibi forte foret dotalis virgo per aevum,
De qua posteritas esset ventura nepotum.
Sed cum tale nefas gestiret mente malignus*

*Nec tamen insontem posset pervertere fallax
Virginis aut fibras caecis incendere flammis,
Nititur egregiam magicis maculare venenis.
Tunc famosus erat Cyprianus fraude nugaci
Doctus in horrenda sceleratorum arte magorum,
Qui tunc auxilium spondebat ferre potenti
Plurima scematizans² sacrae molimina menti*

¹ **carmine castam.** ESTILÍSTICA – Na maior parte dos hexâmetros, Adelmo emprega aliterações desse tipo. Às regras que já demos, podemos acrescentar agora que pode haver aí uma aliteração entre duas vogais quaisquer. Cf. v. 14 *doctus in (h)orrenda sceleratorum arte magorum* em que há uma correspondência entre *i*, *o* e *a* (*in horrenda arte*). Exemplos mais seguros são encontrados em Alcuíno, *M-GH,PAC*, I, p. 303:

Te (h)omo laudet,
alme creator,
Pectore mente
pacis amore:
Non modo parva
pars quia mundi est.

² **scematizans.** MÉTRICA – Nos poetas clássicos, *sc* e *sp* no início de um vocábulo, não tornam longa por posição, necessariamente, a sílaba precedente. Do mesmo modo, Adelmo escreve, por exemplo, *fastigi`á scandit, sign`á stupendus*. Mas, ele vai

*In tantum, ut diris certaret demonis armis.
 Quos¹ magus assidue strososus misit ad almam,
 Ut pia pulsarent stimulis praecordia stupri.
 Sed cum virgo Dei sprevisset fribula carnis
 Lurida tetrorum confringens tela latronum,
 Credidit altithronum salvantem saecula Christum
 Ad dominum tota conversus mente fidelis:
 Poenituit² tandem magus idola spurca relinquens
 Expertus, virgo quid posset ferre pericli,
 Quae numquam valuit superari mille nocendi
 Artibus, incesti sed fugit crimen iniquum.*

[TRADUÇÃO]

mais longe, dispensando-se da regra da posição até mesmo entre vocábulos: *r`éstaurans, g`éstat, r`éstat, n`ésciat*, permitindo-se que a prosódia *scemat`ízans* seja um fenômeno análogo. Por outro lado, a sílaba que precede *qu* é longa, por vezes, em Adelmo: *calc`eque, qu`oque* etc. Além disso, podem ser notadas nesse autor as extravagâncias seguintes: *`égrotum, lor`íca, clandest`ína, quint`ílis, rad`íce, Chald`éa regna, fid`éi, ind`olis* (Ver a edição de Ehwald, *MGH, Auct. ant.*, XV, p. 754 e ss.).

Mesmo um autor erudito como Beda, o Venerável, escreve *Chald`éa, Iud`éa, form`ides, persev`erat, fid`éi* etc., e encontramos casos parecidos durante toda a Idade Média (Ver *Corpus Christianorum*, CXXII, p. 408:12,1 e 2, p. 413:9,1, p. 414:5,3 e p. 425:14,3).

¹ **quos.** SINTAXE – *Quos* se relaciona com a expressão *plurima scematizans molimina* como se Adelmo tivesse escrito "ele enganou vários mágicos".

² **poenituit.** SINTAXE – Expressões impessoais do tipo *me paenitet, me piget* tendiam, desde o início da literatura latina, a ser suplantadas pelas construções pessoais *paeniteo* (na Idade Média, *me paeniteo*), *pigeo*. Cf. no latim medieval *Visio Baronti, MGH, Mer.*, V, p. 388,9 *multum... te penitebis; Vita Eucherii*, prólogo, *ibidem*, VII, p. 46,39 *non pigeamus; PAC*, IV, p. 205:234 *presens tedet tibi vita; Concilium Matisonense* a. 585,11 *unusquis nostrum oportet... hortari*.

O latim tardio também nos oferece exemplos do fenômeno inverso. Assim *PAC*, IV, p. 594:5,5 *ipse te ammonet quod debet facere*, onde *debet* seguiu o modelo de *oportet*. Do mesmo modo se chega à conclusão de que se encontra o emprego impessoal de *potest, dicit* e de outros verbos (Cf. E. Löfsted, *Vermischte Studien*, p. 130 e ss.).

Celebrarei também em meu canto a casta Justina que ganhou o reino eterno por seu virginal pudor. Ela quebrou os laços profanos do casamento, desdenhando a prosperidade de uma vida terrestre. Seu nobre noivo, inflamado por um amor impuro, insiste, sem sucesso, em lhe pedir que se decidisse a se tornar para sempre sua mulher, de quem nasceriam as gerações futuras. Mas como esse homem perigoso, animado por seu desejo sacrílego, não podia mesmo seduzir a inocência da virgem por meio de suas mentiras, nem inflamar seu coração de uma paixão cega, tenta corromper sua virtude por meio de bebidas mágicas. Havia naquele tempo um bruxo famoso, Cipriano, instruído na arte horrível dos mágicos perversos. Sobre seu pedido, promete ajudá-lo e organizou vários atentados contra esta alma santa que teve de lutar contra as armas horríveis do diabo. O mágico artificioso enviava sempre sedutores à santa para tentar suas piedosas resoluções, incitando-a a relações culpáveis. Mas, como a virgem de Deus fugia dos prazeres da carne, pondo em ridículo as armas lívidas dos odiosos bandidos, ele creu em Cristo, o celeste soberano, salvador do mundo, e se converteu de todo o coração ao serviço do Senhor. O mágico se arrependeu e abandonou os ídolos imundos, quando viu os perigos que podia suportar a virgem que, sem nunca ter sido vencida por seus mil estratagemas, soubera escapar à injusta acusação de libertina.

6. O juízo final

A célebre seqüência da missa de exéquias *Dies irae, dies illa*, atribuída a Tomás de Celano, e em todo caso composto no século XI-II, é justamente considerado como uma das obras primas da poesia latina da Idade Média. Esta seqüência é o resultado de uma longa série de poemas: o assunto sempre tentou os escritores medievais. Há, entre outros, em manuscritos de época carolíngia, um poema que apresenta semelhanças surpreendentes com a seqüência. A versificação desse poema é imperfeita, e seu latim pertence mais à barbárie merovíngia do que à escola carolíngia; mas é o fato de um verdadeiro poeta ter encontrado aqui o tom digno de um assunto majestoso, e a rudeza da versificação e da língua que destaca de modo feliz a austeridade do conteúdo. Damos aqui o texto a partir de um manuscrito de Clermont-Ferrand que respeitou os originais, segundo nosso ponto de vista, melhor que outros testemunhos¹.

¹ Este poema foi publicado por K. Strecker, *MGH, PAC*, IV, p. 521 e ss. que, entretanto, prefere o texto de um outro manuscrito.

*Qui de morte estis redempti¹
Et per crucem liberati,
Pretioso comparati
Sanguine filii Dei,
Sursum corda sublevate
Et Iesum desiderate.*

*Diem magnum formidate,
Quando mundum iudicare
Christus, imperator caeli,
Venit, fulgens in virtute,
Et in magna claritate
Regnum sanctis preparare²,*

*Cum, aperta astra caeli³,
Fulgorans ab arce patris*

¹ **redempti** etc. FONTES – O poeta se inspirou em *I Pedro*, 1,18 e seguintes *redempti estis... pretioso sanguine... Christi* e no prefácio da missa: *sursum corda*. Nas estrofes seguintes, é sobretudo a narração de *Mateus*, 25,31 e seguintes que inspira o poeta, acrescentando-lhe imagens e fórmulas tiradas das profecias do *Antigo Testamento* e do *Apocalipse*.

² **iudicare... venit... et... preparare**. SINTAXE. – Desde a Antiguidade, o infinitivo final e o gerúndio precedido da preposição *ad* são encontrados em concorrência. Podia-se dizer *venio petere* ou *venio ad petendum*, *do bibere* ou *do ad bibendum*, *facilis facere* ou *facilis ad faciendum*. As duas construções são influenciadas mutuamente e se começou a dizer por um lado *venio ad petere* e de outro *venio petendum*. Na língua corrente, é o infinitivo que conseguiu a vitória. Isto se reflete frequentemente nos textos medievais em que encontramos exemplos como *Analecta Hymnica*, LIII, nº 73,11 *ad monumentum videre properant*; *Vita Landiberti*, 23, *MGH, Mer.*, p. 375,15 *concurreret mixtus vulgus utriusque sexus... ad basilica (= basilicam) in honore ipsius sancti aedificare*; *Itala*, Joh., 6,52 (cod. Verc.) *carnem dare ad manducare*; *Vita Audoini*, 12, *MGH, Mer.*, V, p. 562,2 *perlongum est ad enarrare* (Para outros exemplos, vide meus *Syntaktische Forschungen*, p. 206 e ss.; J. Bastardas Parera, *Particularidades sintácticas*, p. 167 e ss.; M. Bassols de Climent, *Glossarium Mediae Latinitatis Cataloniae*, I, p. 29 e ss.; E. Svenberg, *Lunaria et zodiologia Latina*, Göteborg, 1963, p. 30, *Mittellateinisches Wörterbuch*, I, p. 151,30 e ss.).

³ **aperta astra caeli**. SINTAXE. – A imagem surpreendente torna-se facilmente compreensível, desde que se dê conta do fato de que *astra* é quase sempre sinônimo de *caelum* nos hinos. *Aperta astra* é um nominativo ou um acusativo absoluto.

*Lucens vultus Iesu Christi
Apparebit¹ mundo omni,
Obviam volabunt sancti
Suo pio redemptori,*

*Cum mundi rota² ab igne
Tota coeperit ardere
Sive flamma concremare,
Caelum ut liber plicare³,*

¹ **fulgorans ab arce patris... apparebit.** FONTES. – Parece que o poeta tenha-se lembrado do antigo hino *Apparebit repentina*, onde lemos, nas estrofes 4 e 6, *MGH, PAC, IV, p. 508: De caeleste iudex arce maiestate fulgidus... aderit et Flamma ignis anteibit iusti vultum iudicis.*

² **rota mundi.** LEXICOGRAFIA. – Esta expressão é formada a partir de *orbis terrae* "o círculo do mundo".

³ **concremare, plicare,** intr. SINTAXE. – Um particípio presente como *vertens* pode ter dois significados: "girando (alguma coisa)" e "girando-se", isto quer dizer que se refere seja a *verto*, seja ao meio *vector* "eu me giro". Este duplo sentido do particípio presente ainda se observa na Idade Média, em que podemos, por exemplo encontrar *tribulans* e *vexans* como particípios de *tribulor* e de *vexor*; cf. Grégoire le Grand, *Epist.*, X,20, *fraternitatis vestrae doctrina tribulantibus sit solamen; Vita Richarii*, 12, *MGH, Mer.*, VII, p. 452,5 *illic vidimus daemoniacos nimis vexantes*. Por causa deste uso dos particípios presentes, também se têm empregado as formas conjugadas dos verbos ativos num sentido neutro ou intransitivo. Assim, *vertere* já se emprega, na época clássica por *verti* ou *se vertere* e, mais tarde, encontramos toda uma série de verbos desse gênero: *minuere, mollire, recreare, sanare, siccare, iustificare, praesentare, coniungere, levare* por *se minuere* etc. Cf. *MGH, PAC, IV, P. 536 14,2 Beatus Victor... pro cuius laude hodie coniunximus; Vita Geretrudis*, A, 5, *MGH, Mer.*, II, p. 458, 33 *Cum autem adpropinquasset, levavit magna tempestas*. Portanto, é possível dar ao infinitivo *plicare* o sentido de *se plicare*. Como os versos 2 a 6 da estrofe terminem por um infinitivo ativo com um significado intransitivo ou neutro, uma interpretação parecida de *concremare* é também preferível ("quando o mundo começará a queimar-se pela chama"). Efetivamente, os verbos transitivos *incendere, accendere, concremare, exurere* são empregados, às vezes, como intransitivos na Idade Média e, por outro lado, *ardere* se tornou, às vezes, transitivo. Eis alguns exemplos: Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, 8,15 *ex hoc mihi miraculi lumine animus magis accendit; Vita Sulpicii*, A, 2, *MGH, Mer.*, p. 373,14 *casu contigit ut domus illius concremaret*; Gregório de Tours, *Vitae patr.*, 8,11 *At ille correptus febre, sicut vino, ita divino exurebat incendio; Andrade*, 3, 232, *PAC, III, p. 108:*

Et gladio obruncans bis denos caelicolarum,

*Sidera tota cadere*¹,
*Finem seculi*² *venire*,

Cum a voce regis magni
Resurgent omnes defuncti
Recepturi unusquisque
Prout gesserat in carne,
Et praesentabuntur omnes
Ante thronum maiestatis.

*Dies ille dies irae*³,
Dies nebulae et caliginis,
Dies tubae et clangoris,
Dies luctus et tremoris,
Quando tenebrarum ignis
*Supercadet*⁴ *in iniquis.*

Septem germanos arsit pro nomine Christi (Cf. Hofmann-Szantyr, p. 295 e ss., e meus *Syntaktisches Forschungen*, p. 195 e ss.).

¹ **sidera tota cadere.** LEXICOGRAFIA. – O uso de *toti* "todos", por *omnes* já pertence à época imperial.

MORFOLOGIA. – *Cadere* deve ser acentuada, aqui, na penúltima sílaba, isto quer dizer que o verbo passa da terceira para a segunda conjugação: *cadére* é o ponto de partida de todas as formas românicas: italiano *cadere*, espanhol *caer*, antigo francês *cheoir* etc.

FONTES – É ao *Apocalipse*, 6,13, que o poeta tomou o conteúdo desta estrofe: *stella de caelo ceciderunt super terram... et caelum recessit sicut liber involutus.*

² **finem seculi venire.** SINTAXE. – Parece que o acusativo *finem* por *finis* resulta de uma confusão de construções: o poeta começou com sujeitos no nominativo *cum rota coeperit ardere, caelum plicare, sidera cadere*, mas acrescentou um acusativo no fim, como se se tratasse de proposições infinitivas. O poema foi escrito realmente na França, onde sempre se conservou uma distinção clara entre o caso reto (ou caso sujeito) e o caso oblíquo (ou caso regime).

³ **dies irae.** FONTE. – O poeta teve sob os olhos a profecia de *Sofonias*, 1,15 *Dies irae dies illa, dies tribulationis et angustiae, dies calamitatis et miseriae, dies tenebrarum et caliginis, dies nebulae et turbinis, dies tubae et clangoris.*

⁴ **tenebrarum ignis supercadet.** LEXICOGRAFIA. – A expressão *tenebrarum ignis*, isto é, *inferni ignis*, deve ser aproximada de *Mateus*, 25,30 *inutilem servum eici-*

*Qualis pavor tunc aderit¹,
Quando rex iratus venit
Et infernus apparebit
Impiosque absorbebit,
Sulphur, flamma atque vermes
Cruciabunt peccatores?*

*Quid acturi erunt mali,
Quando ipsi tremant sancti
Ante tantam maiestatem
Iesu Christi filii Dei?
Et si iustus² vix evadit,
Impius ubi parebit?*

te in tenebras exteriores, illic erit fletus et stridor dentium. O verbo *supercado* foi tomado do Salmo 57,9 *supercecidit ignis et non viderunt (scilicet iniqui) solem.*

¹ **aderit.** LEXICOGRAFIA. – Aqui a raiz de um verbo simples (ou primitivo) leva o acento: *adérit*. Na poesia rítmica, é possível constatar frequentemente esta forma de recomposição. Quando lemos *Tunc videbit quid proderunt* num verso em que o final é sempre paroxítono, é evidente que se deve ler *prodérunt*. Dessa maneira se revelaram, entre outras, as acentuações *ablúit, concútit, detúlit, indúit, protégat, resónant, retúlit, sustúlit, invócans, circúitus, duodécim, exítus, invícem*. A vogal do verbo simples (ou primitivo) é quase sempre reconstituída: *resédens, deprémit* etc. (Ver *MGH, PAC, IV*, p. 1163 e ss.).

Além disso, o verbo composto (ou derivado) tem aqui o sentido do verbo simples (ou primitivo), como na estrofe 11,3 *quid aderunt tunc dicturi*. Cf. *Vita Gangulfí, 2, MGH, Mer., VII*, p. 158,2 *Quae licet nobilissimis adforet (= foret) orta natalibus, dissimilis tamen extitit moribus; Carmina Centulensia, PAC, III*, p. 322:15 *sollicitus, moneo, quapropter semper adesto (= esto)*. É bem conhecido o fato de um prefixo (preposição ou partícula) de um verbo composto não modificar o sentido do verbo simples. Assim como *re* em francês perdeu sua função original em *remercier*, ou *remplir*, também o latim tardio emprega, por exemplo, *repraesentare* por *praesentare*, *recludere* por *claudere* etc.; cf. Ven. Fort., *Vita Radegundis*, 37,85 *reclusa post se mox ianua* (Cf., por exemplo, S. Blongren, *Studia Fortunatiana*, Upsala, 1933, p. 154 e ss.).

² **et si iustus** etc. FONTE. – Cf. *I Pedro*, 4,18 *Et si iustus vix salvabitur impius et peccator ubi parebunt?*

*Ibi Angeli¹ timebunt
Archangeli formidabunt,
Throni atque Potestates,
Principatus et Virtutes,
Cherubim atque Seraphim²
Sive Dominationes.*

*Tunc sedente Iesu Christo
In aeternitatis throno,
Adstante choro sanctorum
Omnium patriarcharum,
Prophetarum, apostolorum,*

¹ **angeli etc.** FONTE. – Sabe-se que a "hierarquia celeste" é dividida em três grupos, descritos em latim já por Gregório, o Grande, *In evang.*, II,34,10 *angeli, archangeli, virtutes; potestates, principatus, dominationes; throni, cherubim, seraphim*. Aqui a ordem é modificada por causa da versificação.

² **Seraphim.** FONOLOGIA. – Segundo a gramática de Alexandre de Ville-Dieu, os nomes próprios de origem hebraica devem ser acentuados na última sílaba, se estiverem indeclinados:

*Omnis barbara vox non declinata latine
Accentum super extremam servabit acutum.*

Já muito mais cedo se havia prescrito a acentuação *Adám, Joséph, Jesús, Abrahám* etc., e se havia praticado esta acentuação na versificação. Cf., por exemplo, a estrofe seguinte de um guia bem conhecido de Pierre de Corbeil:

*Hic in collibus Sichén
Enutritus sub Rubén
Transiit per Iordaném,
Saliit in Bethlehém,
Hez, Sir asne, hez.*

Mas, freqüentemente os nomes hebraicos têm sido acentuados segundo as necessidades do verso. *María, Iacóbus, Gabríel, Hierusálem* não são menos freqüentes do que *Mária, Iácobus, Gábríel, Hierúsalem* na poesia quantitativa, e a mesma alteração se produz nos versos rítmicos. Cf. PAC, IVm o. 509:20,1 *Urbis summae Hierusálem introibunt gloriam*; p. 562:14,2 *Quem rex Pháráo adflixit in Égypto*; Gautier de Châtillon, *Poèmes satiriques*, publicados por Strecker, p. 40:2,4 *Letare Ierúsalem et conventum facite*; p. 84:10,2 *si tot plagis Pháráo durum cor indurat* (Ver Ch. Thurot, *Notices et extraites*, p. 400, e minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 19.). A acentuação *Seráphim* em nosso poema, nada tem de extraordinário para quem conhece a prática lingüística da Idade Média.

Martyrum et confessorum,

*Tunc videbunt omnes Christum
Pro hominibus crucifixum.
Quid aderunt tunc dicturi,
Qui se nolunt emendare
Et videbunt plagas ferri
In corpore Iesu Christi?*

*Iam quod oculus non vidit¹
Neque auris audivit
Nec in cor hominis ascendit,
Quanta Deus preparavit
Sanctis suis, quos dilexit
Et de hoc mundo elegit.*

[TRADUÇÃO]

Vós, que estais salvos da morte e libertados pela Cruz, resgatados pelo sangue precioso do Filho de Deus, elevai vossos corações e orai fervorosamente a Jesus.

Temei o grande dia em que o Cristo, o imperador do céu, virá para julgar o mundo, resplandecendo em sua majestade, e para preparar o reino aos santos em sua glória infinita,

quando o céu se abrirá e, refletindo o clarão da morada paterna, a face de Jesus Cristo aparecerá em seu esplendor ao mundo inteiro, enquanto os santos se lançarão diante de seu redentor cheio de bondade,

¹ **quod oculus non vidit** etc. FONTE. – O poeta transcreveu literalmente *I Coríntios*, 2,9 *sed sicut scriptum est: Quod oculus non vidit nec auris audivit, nec in cor hominis ascendit, quae praeparavit Deus iis qui diligunt illum; nobis autem revelavit Deus per Spiritum suum.*

então o disco do mundo se abrasará e se consumirá nas chamas, o céu se dobrará como um livro, todas as estrelas cairão e virá o fim do mundo,

quando, ao chamado do grande rei, todos os mortos ressuscitarão para receber cada um o salário de sua vida terrestre, sendo todos conduzidos perante o trono de majestade.

Aquele será um dia de ira, dia de tristeza e escuridão, dia de trombeta e clamor, dia de luto e terror, quando o fogo das trevas se abaterá sobre os injustos.

Qual será sua angústia, quando vier o rei em seu furor, quando o inferno aparecer para engolir os ímpios e quando o enxofre, a chama e os vermes roedores atormentarem os pecadores?

Que farão os maus, quando até os santos tremerão diante da imensa majestade de Jesus Cristo, o Filho de Deus? E se apenas o justo escapa, onde ficará o ímpio?

Ali é que os anjos terão medo, ali é que tremerão os arcanjos, os tronos e as potestades, os principados e as virtudes, os querubins, os serafins e as dominações.

Então, Jesus Cristo se sentará no trono da eternidade e o coro de todos os santos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires e confesores será reunido diante de si.

Então, todos verão o Cristo, crucificado pelos homens. Que dirão, então, os que não querem se emendar, quando virem as chagas feitas a ferro no corpo de Jesus Cristo?

Tudo que os olhos viram, os ouvidos não ouviram e não chegou ao coração do homem, Deus preparou para os santos, que Ele ama, selecionando-os deste mundo.

VERSIFICAÇÃO -- A versificação deste canto rítmico é muito simples. Cada estrofe se compõe de seis versos, cada um dos quais tem oito sílabas e um final paroxítono (8 p.). O poeta acrescentou uma sílaba aos versos 1,1; 10,5; 11,2 e 12,3 e duas sílabas ao verso 6,2. Nos dois últimos casos, é justificável por causa da dificuldade de inserir citações literais da Bíblia. É também por causa disso que o verso 6,2 apresenta um final proparoxítono. Mas, apesar disso, a versificação é regular: *fílii* (8,4) deve ser lido com sinérese, *auris* (12,2) com diérese, *cadére*, *adérit* e *Seráphim* são acentuados na penúltima (ver o comentário). Quanto à cadência final, os acentos alternam quase sempre regularmente: *ét per crúcem liberáti*, *pétíoso cómparáti* etc., mas o poeta não se mortifica por escrever *ságuine fílii Déi* (1,4), *cáelum ut líber plicáre* (4,4) etc. (ver 4,1; 4,5; 5,2; 6,2; 8,6; 9,2; 10,3; 11,6; 12,6); somente a acentuação final é invariável (com apenas uma exceção). O autor se serve da técnica merovíngia de rima ou de assonância: *caeli* forma uma rima monossilábica com *virtute*, *mundi* com *ardere*, *omnes* com *maiestatis*, *dicturi* com *emendare* etc.; e, por vezes, somente as vogais da sílaba final são contadas; cf. *caeli: patris, irae caliginis, maiestatem: Dei, Seraphim: Dominatio- nes*. Mas há também versos em que a rima é dissilábica, como *suble- vate: desiderate* etc.

7. A batalha de Fontenoy aos 25 de junho de 841

Após a morte de Luís, o Piedoso, seus filhos começaram imediatamente a intrigar uns com os outros. Carlos, o mais jovem, se viu obrigado a fazer aliança com Luís, o Germânico, para resistir aos ataques de Lotário. Os dois reis tentaram negociar com o irmão mais velho, mas, como Lotário se recusava a negociar, Carlos e Luís travaram com ele uma batalha em Fontenoy-en-Puisaye, ao sul de Auxerre, no dia 25 de junho de 841, onde o exército de Lotário teve de se render. A batalha foi descrita num poema rítmico por certo Angiberto, que havia lutado no exército de Lotário e que nos deu uma descrição detalhada dela¹.

1. *Aurora cum primo mane*² *tetra noctis dividit,*
*Sabbati*³ *non illud fuit* *sed Saturni dolium*¹.

¹ O poema está publicado nos *MGH, PAC*, II, p. 138 e ss. Para a crítica do texto, ver também K. Strecker, *Zum Planctus Lotharii*, *Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtsforschung*, XLV, 1923, p. 360 e ss.

² **primo mane.** LEXICOGRAFIA. — O advérbio *mane*, que foi reforçado pela preposição *de* numa época tardia: *de mane* (italiano *domani*, francês *demain*), pode ser também um substantivo indeclinável, como aqui.

³ **sabbati.** SINTAXE. — Aqui é necessário subentender *dies*. Semelhantemente se lê na Regra de São Bento, 13 *sabbatorum* (sc. *die*), e *Vita Caesarii Arelat.*, 2,48, *MGH, Mer.*, III, p. 500,22 *post sancti Genesi* (sc. *festum* que o editor inseriu a partir de um manuscrito interpolado) e assim freqüentemente na Idade Média. Cf. também *lunis*,

- | | | |
|----|--------------------------------------|--|
| | <i>De fraterna rupta pace</i> | <i>gaudet demon impius.</i> |
| 2. | <i>Bella clamant. Hinc et inde</i> | <i>pugna gravis oritur.</i> |
| | <i>Frater fratri mortem parat,</i> | <i>nepoti avunculus,</i> |
| | <i>Filius nec patri suo</i> | <i>exhibet quod meruit.</i> |
| 3. | <i>Cedes nulla peior fuit</i> | <i>campo nec² in Marcio.</i> |
| | <i>Fracta est lex christianorum,</i> | <i>sanguinis hic profluit</i> |
| | <i>Unda manans, inferorum</i> | <i>gaudet gula Cerberi.</i> |
| 4. | <i>Dextera prepotens Dei</i> | <i>Protexit Hlotharium,</i> |
| | <i>Victor ille manu sua</i> | <i>pugnavitque³ fortiter.</i> |
| | <i>Ceteri si sic pugnassent,</i> | <i>mox foret⁴ victoria.</i> |
| 5. | <i>Ecce olim velut Iudas</i> | <i>salvatorem tradidit,</i> |

Martis, Mercuris etc. (sc. *dies*) > espanhol *lunes, martes, miércoles* etc. Em princípio, esta elipse não difere do tipo bem conhecido *ventum erat ad Vestae* (sc. *templum*) ou *in Regnorum* (sc. *libris*); *ut Cato Originum* (sc. *in libris*) *ait* etc. (Ver E. Löfstedt, *Syntactica*, II, p. 249 e ss.).

¹ **Saturni dolium.** LEXICOGRAFIA. — Destaque-se prioritariamente que o poeta conhecia bastante bem a mitologia antiga: ele sabia que Marte era o deus da guerra, que Cérbero guardava a entrada do reino dos mortos e que Saturno era um deus que exercia um poder sinistro. Noutros casos, podemos constatar que tudo isto havia sido esquecido, salvo que os nomes dos dias da semana remontavam à mitologia pagã. Cf. *Versus de Verona, MGH, PAC, I, p. 120:5 Fana et templa constructa ad deorum nomina: Lunis, Martis et Minervis* (assim mesmo, ao invés de *Mercuris*) *Iovis atque Veneris et Saturni sive Solis, que prefulget omnibus*. Mas, o que é mais interessante em nosso poema, é a antítese entre *Sabbati* e *Saturni*. Parece que nesta época ainda concorriam os dois nomes do sábado. Sabe-se que o inglês conservou o nome pagão, em *Saturday*, enquanto que o alemão e as línguas românicas cederam à pregação dos bispos; cf. alemão *Samstag*, francês *samedi* (de *sambati dies*), italiano *sabato* etc. Seria esperada a expressão *Saturni dies*, mas o poeta recorreu à imagem do caldeirão do inferno, de que fala, entre outras, Valério do Bierzo *vereantur voraginis urnam sine fine urentem* (M. C. Díaz, *Anecdota Wisigothica*, I, Salamanca, 1958, p. 113).

² **nulla... nec.** SINTAXE. — Uma das duas negações é supérflua, pleonasma que estudamos mais atrás.

³ **pugnavitque.** SINTAXE. — Na poesia, a conjunção *-que* pode ser colocada longe do fim da proposição. Cf. também 5,2 *tuique* = *tui*.

⁴ **foret = fuisset.** SINTAXE. — Temos aqui uma construção que pode ser interpretada como um hiperurbanismo. Nas línguas românicas, em geral, é o mais-que-perfeito do subjuntivo que substitui o imperfeito, e os textos tardios apresentam inúmeros exemplos desse pleonasma. Têm sido notados, por exemplo, em Lúçifer de Cagliari: *timui ne inter nos bella fuissent orta e hortatus... ut dignum fructum fecissent paenitentiae* (Ver H. Rönsch, *Itala und Vulgata*, Malburg, 1875, p. 431).

- | | |
|---|--|
| <p><i>Sic te, rex, tuique duces
Esto cautus, ne frauderis</i></p> <p>6. <i>Fontaneto fontem dicunt,
Ubi strages et ruina
ne.</i></p> <p><i>Orrent campi, orrent silve,</i></p> <p>7. <i>Gramen illud ros et ymber
In quo fortes ceciderunt,
Pater, mater, soror, frater,</i></p> <p>8. <i>Hoc autem scelus peractum,
Angelbertus ego vidi,
Solus de multis remansi</i></p> <p>9. <i>Ima vallis retrospexi
Ubi suos inimicos
Debellabat gigantes</i></p> | <p><i>tradiderun gladio.
agnus lupo previus.
villam quoque rustice¹,
Francorum de sanguine.</i></p> <p><i>orrent ipsi paludes.
nec humectet pluvia²,
prelio doctissimi,
quos amici fleverant,
quod descripsi ritmice,
pugnansque cum aliis
prima frontis acie.
in collis cacumine,
rex fortis Hlotharius³.
usque foras rivulum³.</i></p> |
|---|--|

¹ **rustice.** LEXICOGRAFIA. — Parece-nos que *rustice* quer dizer "em língua vulgar" ou "em francês antigo". De vez em quando tem sido lembrado o célebre cânon do Concílio de Tours, em 813, segundo o qual os bispos deviam traduzir seus sermões em *rustica Romana lingua* ou em alemão.

² **ros et ymber nec humectet pluvia.** SINTAXE. — O verso é inspirado em Paulino de Aquiléia, *De Herico*, 8,3 *Vos super unquam imber, ros nec pluvia descendant*. O emprego considerável de *nec* somente diante do último membro (para *nec ros nec imber nec pluvia*) se repete na maldição de 12,3, onde seria esperada a construção *nec iubar nec solis nec aurore crepusculum illustret sc. eum*. Estudamos várias vezes esta construção que reaparece freqüentemente na Idade Média (Cf. *Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 105, *La poésie latine rythmique*, p. 102). Além disso, confirma a coleção de provérbios e sentenças, publicada por Walther, 9187a *Femina quod fallit vos, est novitas neque mirum* (= *neque novitas neque mirum*); 10687 *herba nec antidotum poterit depellere letum* (= *nec herba nec antidotum*).

³ **foras rivulum.** SINTAXE. — *Foras* é aqui uma preposição construída com acusativo = *ultra*; cf. o mesmo uso de *foris* e *foris de* = *extra*, Apulée, *Met.*, 1,21,4 *foris urbem prospiciunt*; Gregório, o Grande, *Epist.*, IX, 128 *foris de massa... habitare*. Como outros advérbios tornados preposições, citemos *subtus* e *desubtus* (italiano *dissotto*, francês *dessous*), por exemplo, em Quirão, *Mulomed.*, 455 *desubtus pedes e retro, deretro* (italiano *dietro*, francês *derrière*). Parte das novas preposições desenvolveu-se também a partir dos participios; cf. *Lex Curiensis*, 4,7 *presente sacerdotes vel plebem*; 8,5,1 *a presente bonos homines*; Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, 5,14 *excepto filiabus*; *Édit de Rothari*, 78 *excepto operas et mercedes medici*. Enfim substantivos são passados para a classe das preposições. Podem ser encontradas construções como *in gyro*, *de latus* e *latus* (antigo francês *lez*) seguidos de um acusa-

- | | |
|--|---|
| <p>10. <i>Karoli de parte vero,
Albescunt campi vestimentis
Velut solent in autumno</i></p> | <p><i>Hludovici pariter
mortuorum lineis,
albescere avibus.</i></p> |
| <p>11. <i>Laude pugna non est digna,
Oriens, meridianus,
Plangent illos qui fuerunt</i></p> | <p><i>nec canatur melode.
occidens et aquilo
tali pena mortui.</i></p> |
| <p>12. <i>Maledictus¹ ille dies,
Numeretur, sed radatur
Iubar solis nec illustrat</i></p> | <p><i>nec in anni circulo
ab omni memoria,
aurore crepusculum.</i></p> |
| <p>13. <i>Nox et sequens dies illam,
Nox illa que planctum mixta
Hic obit et ille gemit</i></p> | <p><i>nox que dira nimium,
et dolore pariter,
cum in gravi penuria.</i></p> |
| <p>14. <i>O luctum atque lamentum!
Illorum carnes vultur, corvus
Orrent, carent sepulturis,</i></p> | <p><i>Nudati sunt mortui,
lupus vorant acriter.
vanum iacet cadaver.</i></p> |
| <p>15. <i>Ploratum et ululatum
Unusquisque quantum potest
Pro illorum animabus</i></p> | <p><i>nec describo amplius.
restringatque lacrimas.
deprececur Dominum.</i></p> |

[TRADUÇÃO]

1. Quando a aurora, no início da manhã, dissipou os horrores da noite, este não foi o dia de Sabá, mas a caldeira de Saturno. O demônio ímpio se regozija com a ruptura da paz entre os irmãos.

tivo; cf. *Peregr. Eger.*, 3,8 *in giro parietes ecclesiae*; Gromatici, p. 324,3 *de latus montem*; *ibid.*, p. 313,6 *latus se*. O substantivo *litus* tomava o mesmo valor, como mostra o Geógrafo de Ravena, IV,6 *hae civitates litus maris Pontici sunt* e IV,8 *litus mare*. Cf. o uso de *ripa*, *Epist. Desiderii*, II, 12,9 *post ripa Reno pergit = postea secundum Rhenum pergit* (Ver E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 124 e ss., J. Svennung, *Untersuchungen zu Palladius und zur lateinischen Fach- und Volkssprache*, Lund, 1935, p. 332 e ss.).

¹ **maledictus dies ille**. FONTE. — Cf. *Jó*, 3,4 e ss. *Dies ille... non illustretur lumine... Noctem illam tenebrosus turbo possideat; non computetur in diebus anni... Sit nox illa solitaria nec laude digna.*

2. A guerra uiva. Aqui e ali um combate sanguinolento se inicia. O irmão faz morrer seu irmão e o tio seu sobrinho, e o filho não reserva a seu pai o tratamento que lhe deve.

3. Jamais houve massacre mais horrível no campo de Marte. A lei dos cristãos é violada, o sangue corre em grande quantidade e Cérbero se alegra na porta do inferno.

4. A mão onipotente de Deus protegeu Lotário que fez pessoalmente uma bela resistência. Se os outros tivessem lutado da mesma maneira, a vitória teria sido conseguida imediatamente.

5. Mas assim como Judas outrora vendeu o Salvador, vossos generais, Senhor, vos traíram. Tomai cuidado para não ser ingênuo, ovelha que anda diante do lobo.

6. Na fala dos camponeses, Fontenoy é uma fonte e uma aldeia onde os francos foram massacrados e cortados em pedaços. Os campos, as florestas, os próprios pântanos tremem de horror.

7. Que jamais caia orvalho, aguaceiro nem chuva sobre os prados onde os guerreiros mais exercitados no combate pereceram e foram chorados por seus pais, mães, irmãs, irmãos e amigos.

8. Eu, Angilberto, vi com meus próprios olhos a realização desse enorme crime, que descrevi em versos rítmicos; eu me bati ao lado de meus camaradas, na primeira linha, e sou o único que sobrevive.

9. Do cume da colina eu olhei a planície, quando o corajoso rei Lotário resistia seus inimigos e os fazia fugir até a margem oposta da torrente.

10. Do lado de Carlos e de Luís, também vi que os campos estão brancos das vestes de linho dos mortos, como no outono ficam frequentemente brancos de passarinhos.

11. Esta batalha não é digna de ser celebrada num canto melodioso. Que o leste, o sul, o oeste e o norte chorem todos os que foram mortos deste modo.

12. Maldito seja aquele dia, que não seja mais contado no círculo do ano, que desapareça de qualquer memória, que não seja iluminado nem pelos raios do sol nem pela alvorada matinal.

13. A noite do dia seguinte — Ah! aquela foi uma noite execrável, cheia de gritos de dor, quando um morria e outro gemia em grave penúria.

14. Que dor! Que miséria! Os mortos são postos a nu, os abutres, os corvos e os lobos devoram avidamente sua carne, seus cadáveres jazem lá rígidos, sem sepultura, abandonados.

15. Mas eu não quero descrever a choradeira e as lamentações. Que cada um retenha suas armas, se lhe for possível. Rezemos ao Senhor por suas almas.

VERSIFICAÇÃO. — O poeta não faz qualquer diferença entre as sílabas longas e breves. Ele emprega, por exemplo, diante da pausa, dissílabos trocaicos como *mane* ou pirríquios (ou pariambos) e jâmbicos como *fűit* e *sűo* indiscriminadamente. Nosso poema não é, portanto, quantitativo, mas rítmico. No caso presente, deparamo-nos com uma imitação do verso métrico que se chama setenário trocaico. Como esse verso pode ter estruturas diversas, o resultado da

imitação rítmica varia a partir do modelo que se escolheu. O tipo clássico — — — — — — — — — — — — — —¹ se encontra, por exemplo em Prudêncio, que compôs um hino conhecido que começa assim:

Dá, púer, pléctrum, choréis ut cánam fidélibus
Dúlce cármen ét melódum, gésta Chrísti insígnia.
Húnc Caména nóstra sólum pángat, húnc láudet l'yra.

Quando os versos são lidos com os acentos da prosa, observa-se que eles se alternam de uma maneira regular no segundo verso, enquanto há irregularidades no primeiro e no terceiro. A estrutura do primeiro hemistíquio *Dá púer pléctrum choréis* retorna no canto rítmico 14,1 *ó lúctum átque laméntum* e a acentuação do segundo *ut cánam fidélibus* nos casos seguintes: 4,3 *mox fóret victória*, e 2,2 *ne-póti avínculus*, 4,1 *protéxit Hlothárium*, 6,2 *Francórum de ságuine*, 8,2 *pugnánsque cum áliis*, 10,3 *albéscere ávibus*, 12,2 *ab ómni me-mória*, 12,3 *aurórae crepúsculum*, 13,3 *in grávi penúria*, 14,1 *nudáti sunt mórtui*. Os outros tipos de acentuação correspondem da mesma maneira em Prudêncio e em Angilberto. O hemistíquio de Prudêncio *et púer redémptor orbis* é imitado em 1,1 *auróra cum prímo máne* e, certamente, em 13,3 *híc óbit et ille gémit*, 15,1 *plorátum et ululátum*; aquele *édidit nóstram salútem* no verso 8,1 *hóc áutem scélus perác-tum*; cf. ainda 8,3; ainda existe certa semelhança entre Prudêncio *pángat húnc láudet l'yra* e Angilberto 6,3 *órrént ípsi palúdes*, 11,1 *nec canátur melóde*, 14,3 *vánum iácet cadáver*. Aqueles são os únicos versos do canto rítmico em que o final seja paroxítono.

Angilberto tentou tomar o esquema acentual que entendeu, lendo um poema quantitativo do tipo clássico. De fato, a julgar pelas

¹ Talvez esta forma de representação dos pés longos e breves seja mais fácil, apesar de não ser a tradicional.

palavras 11,1 *nec canatur melode*, parece ter conhecido o poema de Prudêncio de que falamos; cf. Prudêncio *dulce carmen et melodum*. Além disso, conheceu o hino pascal de Venâncio Fortunato *Pange lingua gloriosi proelium certaminis* que também é uma poesia quantitativa do mesmo gênero daquela de Prudêncio (mas apenas com vocábulos proparoxítonos no final dos versos); cf. Ven. Fort. 20 *sanguis, unda profuit* e Angilberto 3,2 e ss. *sanguinis hic profluit unda manans*. A estrutura normal do poema de Angilberto é 8p+7pp, mas, se nosso texto está exato, afasta-se 6 vezes desse esquema: colocou 3 vezes um vocábulo paroxítono ao final do verso, como mostramos acima, e 3 vezes acrescentou uma sílaba ao número ordinário: 10,2 *albescunt campi vestimentis* = 9p (cf. também 14,2), e 13,3 *cum in gravi penuria* = 8pp¹.

Um outro tipo de setenário trocaico quantitativo se encontra em Santo Hilário de Poitiers, que compôs um hino de que apresentamos a primeira estrofe²:

*Adae carnis gloriosa et caduci corporis
In caelesti rursus Adam concinamus proelia,
Per quae primum Satanas est Adam victus in novo.*

A métrica deste hino é arcaizante, isto quer dizer que Hilário segue uma doutrina escolar que admite que em todos os pés, salvo o sétimo, o troqueu seja substituído por um espondeu: — ◡ — — ◡ / — ◡ — ◡ / — ◡ — ◡ — — —.³ Mas, o que é mais interessante, em nosso ponto de vista, é que o primeiro hemistíquio é sempre dividido em duas partes iguais por uma pausa secundária. Como não era permiti-

¹ *Christianorum* 3,2 deve ser lido com sinérese.

² *Analecta Hymnica*, L,3.

³ Talvez esta maneira de representar os pés longos e breves seja mais fácil de transcrever e de se decodificar.

do colocar um monossílabo diante da pausa, segue-se, por causa das regras de acentuação, que a alternância dos acentos é efetivamente regular em Hilário: °*dae cárnis / glòriosa / èt-cadúci córporis* (indicamos por ` o acento secundário dos vocábulos). Esse tipo de métrica foi imitado, pouco tempo depois de Hilário (morto em 367) pelo autor anônimo do hino seguinte sobre o Juízo final, citado por Beda, o Venerável¹:

*Apparébit / rēpentina / dies mágna Dómini,
Fúr obscúra / vélut nócte / improvisos óccupans.*

Já nesses dois versos, há muitos tempos fortes em sílabas breves para que se possa tratar de uma poesia quantitativa: *rēpentina, dīes, dōmini, vélut*. Está evidente que o poeta desconhecido seguiu de perto a estrutura acentual dos versos de Hilário, mas sem se preocupar com a métrica. Mais tarde, esse tipo de poema conheceu um enorme sucesso.²

¹ Esse poema está publicado nos *MGH, PAC*, IV, p. 507 e ss. O mesmo autor compôs, sem dúvidas, o poema *Alma fulget in caelesti*, p. 512 e ss. Tem-se admitido a hipótese de que a regularidade desses hinos mostra que eles pertencem à época de Beda, anterior à de Hilário (J. Szövérfy, *Die Annalen der lateinischen Hymnendichtung*, I, Berlim, 1964, p. 176 e ss.). Mas isto é um engano absoluto sobre a situação lingüística. Ninguém era capaz de compor uma poesia tão elegante à época merovíngia.

² Para os problemas do setenário trocaico, cf. minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 73 e ss.

8. *As seqüências*

Não necessitamos de estudar particularmente a prosa da época carolíngia. Nas obras dos melhores autores, essa prosa é escrita a partir das regras gramaticais e, freqüentemente, os escritores são muito bem sucedidos em imitar a língua e o estilo de seus modelos antigos. Mas não podemos nos dispensar de dar aqui alguns exemplos de seqüências, as mais originais criações dessa época. A primeira poesia que estudaremos, o canto do cisne, que é escrita no estilo francês, encontra-se em manuscritos do século X, mas remonta, provavelmente, já ao século precedente; a segunda é um exemplo da arte de Notker, o Gago (morto em 912); enfim, acrescentaremos um célebre exemplo do século XI, época em que a seqüência religiosa se transformou num poema com estrofes regulares¹.

A. *A seqüência do cisne*

1. *Clangam, filii, Ploratione una*

¹ Para uma edição crítica dessas três seqüências, ver *Analecta hymnica*, VII, 230, LIV, 2 e W. von den Steinen, *Notker der Dichter und seine geistige Welt, Editionsband*, Berna, 1948, p. 86.

- 2a *Alitis cygni* b *O quam amare*
qui transfretavit aequora. *Lamentabatur, arida*¹
- 3a *Se dereliquisse florigera* b *Aiens: Infelix sum avicula,*
Et petisse alta maria, *Heu mihi, quid agam misera?*
- 4a *Pennis soluta inniti* b *Undis quatuor, procellis*
Lucida non potero *Hinc inde nunc allidor*
*Hic in stilla*². *Exsulata.*
- 5a *Angor inter arta* b *Cernens copiosa*
Gurgitum cacumina, *Piscium legumina,*
*Gemens alatizo*³ *Non queo in denso*
Intuens mortifera *Gurgitum assumere*
Non conscendens supera. *Alimenta optima.*
- 6a *Ortus, occasus, plagae poli,* b *Sufflagitate Oriona,*
Administrata lucida sidera. *Effugitantes*⁴ *nubes occiduas.*
- 7a *Dum haec cogitaret tacita,* b *Oppitulata afflamine*
Venit rutila *Coepit virium*
*Adminicula*⁵ *aurora.* *Recuperare fortia*¹.

¹ **arida.** LEXICOGRAFIA. — É da Bíblia que se tomou *arida* por *terra* no sentido de "terra" (Ver E. Löfstedt, *Vermischte Studien*, p. 107 e ss.).

² **lucida in stilla.** LEXICOGRAFIA. — O poeta, que escreve num tom simples e que conhece muito pouco o latim literário, escolheu suas palavras, freqüentemente, de uma maneira fora do comum, mas não devemos avaliá-lo a partir da poesia clássica.

³ **alatizo.** LEXICOGRAFIA. — *Alatizo*, "bater as asas", assim como v. 8 *ovatizo*, "soltar gritos de alegria" são neologismos medievais, derivados de *alatus*, "alado", e de *ovatus*, "grito de triunfo".

⁴ **sufflagitate, effugitantes.** LEXICOGRAFIA. — O verbo *sufflagitare* que não está registrado nos léxicos, parece significar "pedir socorro". *Effugitare* é também, talvez, uma inovação do poeta anônimo, que o aproximou, não de *fugio* "fugir", mas de *fugo*, "afugentar", "exotar".

⁵ **adminicula.** LEXICOGRAFIA. — A forma *adminicula*, *-ae*, ao invés de *adminiculum*, *-i*, é devida, evidentemente, à tendência a empregar formas em *-a*. Nas seqüências de origem francesa, os poetas mais atrevidos se permitem as trocas de gê-

8a *Ovatizans*
Iam agebatur
Inter alta
Et consueta nubium
Sidera.

b *Hilarata*
Ac iucundata
Nimis facta,
Penetrabatur² marium
Flumina.

9a *Dulcimode catitans*
Volitavit ad amoena
Arida.

b *Concurrere omnia*
Alitum et conclamate
Agmina:

10 *Regi magno sit gloria.*

[TRADUÇÃO]

1. Eu cantarei, meus filhos, a lamentação

2. do cisne que atravessou as ondas. Ó, como se lamentava amargamente

nero. Empregam, assim, *agmina*, *carmina*, *claustra*, *sollemnia* e muitos outros plurais neutros como femininos; cf. *Analecta Hymnica*, VII, n° 220,1 *En virginum agmina praecellit in gloria*; 209,3 *Vox aeterna et insignis est carmina*; 133,11 *Carceris claustra clausus horrida*; 209,4 *in hac sacra sollemnia*. Menos escandaloso é o emprego feminino de neutros gregos em *-a*, como por exemplo 80,8 *repleti omnes divina pneuma*; 245,10 *plasma redempta redit ad supera* (Cf. L. Elfving, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 26 e ss.).

¹ **fortia**. LEXICOGRAFIA. — Ainda é a necessidade de encontrar rimas em *-a* que levou o poeta a escolher *fortia* ao invés de *fortitudo*. Aqui, *fortia* ainda é um neutro plural; sabe-se, porém, que na língua falada, esse substantivo, tornado feminino, deu origem às formas românicas: italiano *forza*, italiano *fuorza*, francês *force* etc. Eis um exemplo latino deste emprego, tomada de um canto de Modène, *MGN, PAC*, III, p. 704,27 *Te vigilante nulla nocet fortia*.

² **penetrabatur**. MORFOLOGIA. — A forma depoente é devida, possivelmente, à analogia com *proficiscor* ou com *vehor*.

3. por ter deixado a terra florida e ter ganhado o alto mar. Ele dizia: "Eu sou infeliz passarinho. Ai de mim! Que posso fazer em minha infelicidade?"

4. Esgotadas as minhas forças, não posso mais voar daqui na água brilhante. As ondas me sacolejam e os golpes de vento me jogam de um lado para outro, longe de meu país.

5. Entre as cristas das ondas que se batem, eu me apavoro; gemendo, eu bato as asas, quando vejo a morte sem poder me elevar nos ares. Vejo em abundância as ervas que o peixes comem, mas, no movimento das ondas, eu não posso alcançar esse excelente alimento.

6. Ó, Levante, ocaso, regiões celestes, mostrai as claras estrelas e convocai Órion para ajudar, expulsai as nuvens do céu."

7. Quando ele se via livre desses pensamentos, a aurora ruborescente vinha em seu socorro. Reconfortado pela brisa da manhã, começou a recuperar as forças.

8. Com gritos de alegria, levantava-se no meio de regiões bem conhecidas das nuvens e das estrelas. Cheio de alegria e de felicidade, atravessava as ondas do mar.

9. Cantando uma melodia deliciosa, voou para a doce terra. Vinde, vós todos, bandos de passarinhos, e cantai em coro:

10. Glória ao rei supremo.

b. A lamentação de Raquel, de Notker, o Gago

1 Quid tu, virgo,

- 2a *Mater, ploras,
Rachel¹ formosa,* b *Cuius vultus
Iacob delecta?*
- 3a *Ceu sororis aniculae* b *Lippitudo² eum iuuet!*
- 4a *Terge, mater,
Fluentes oculos!* b *Quam te decent³
Genarum rimulae? —*
- 5a *Heu, heu, heu,
Quid me incusatis fletus
Incassum fudisse?* b *Cum sim orbata
Nato, paupertatem meam
Qui solus curaret,*
- 6a *Qui non hostibus cederet* b *Quique stolidis fratribus,
Angustos terminos,
Quos mihi
Iacob adquisiuit,* b *Quos multos, pro dolor,
Extuli,
Esset profuturus. —*
- 7 *Numquid flendus est iste,
Qui regnum possedit caeleste,
Quique prece frequenti
Miseris fratribus
Apud Deum auxiliatur?*

[TRADUÇÃO]

¹ **Rachel.** FONTE. — Notker encontrou o tema de seu poema em *Mateus*, 2,18 *Rachel plorans filios suos et noluit consolari* (= *Jeremias*, 31,15). Era costume celebrar como a festa de um mártir a data de sua morte, isto é, o aniversário de seu nascimento para a vida celeste, e os hinos em honra dos mártires descrevem, em geral, o triunfo do santo e a vitória da Igreja. É uma originalidade de Notker ter partido do motivo contrário. Raquel, que chora seu filho martirizado simboliza a Igreja e é por isso que ela é chamada ao mesmo tempo de *virgo* e de *mater*.

² **lippitudo.** FONTE. — Cf. *Gênesis*, 29,17 *Lia lippis erat oculis, Rachel decora* (= *formosa*) *facie*. Muitas vezes, na Idade Média, Lia simboliza a sinagoga.

³ **quam te decent.** SINTAXE. — *Quam* tem um sentido negativo neste ponto: *quam male te decent*.

1. Por que choras, ó virgem,
2. mãe, bela Raquel, cuja face alegrou Jacó?
3. Como, se os olhos vermelhos de tua irmã mais velha podiam ser-lhe agradáveis!
4. Enxuga os olhos lacrimejantes, mãe! Pega mal teres as faces marcadas pelo pranto. —
5. Ah, ah, ah, por que me acusais de ter vertido lágrimas em vão? Quando me afastaram de meu filho, o único amparo de minha pobreza, 6. que não teria cedido aos inimigos o estreito domínio que Jacó me adquiriu e teria ajudado todos os seus irmãos estúpidos que coloquei no mundo, ai de mim. —
7. Aquele que possui o reino celeste e que, por suas preces a Deus, constantemente ajuda seus miseráveis irmãos, precisa de chorar?

c. A seqüência de Natal, radiante de alegria

- | | |
|--|---|
| <p><i>1a Laetabundus</i>
<i>Exsultet fidelis chorus:</i>
<i>Alleluia.</i></p> | <p><i>b Regem regum</i>
<i>Intactae profundit thorus:</i>
<i>Res miranda.</i></p> |
| <p><i>2a Angelus consilii¹</i>
<i>Natus est de virgine,</i>
<i>Sol de stella,</i></p> | <p><i>b Sol occasum nesciens,</i>
<i>Stella semper rutilans,</i>
<i>Semper clara.</i></p> |
| <p><i>3a Sicut sidus radium</i></p> | <p><i>b Neque sidus radio</i></p> |

¹ **angelus consilii.** LEXICOGRAFIA. — Jesus Cristo é aqui chamado *o enviado do desígnio de Deus*; cf. a expressão "o enviado da vontade de Deus", *angelus voluntatis suae*, que se encontra já nos Padres.

*Profert virgo filium
Pari forma.*

*Neque mater filio
Fit corrupta.*

*4a Cedrus alta Libani
Conformatur hyssopo
Valle nostra,*

*b Verbum, mens altissimi,
Corporari passum est
Carne sumpta.*

*5a Isaias cecinit,
Synagoga meminit,
Numquam tamen desinit
Esse caeca.*

*b Si non suis vatibus,
Credat vel gentilibus
Sibyllinis Versibus¹
Haec praedicta.*

*6a Infelix propera,
Crede vel vetera.*

*b Quem docet littera,
Natum considera.
Cur damnaberis, gens misera? Ipsum genuit puerpera.*

[TRADUÇÃO]

1. Que o coro fiel exulte de alegria, aleluia. O casamento da Virgem imaculada pôs no mundo o rei dos reis, que maravilha!

2. O enviado do plano de Deus nasceu da Virgem, o sol do destino, o sol que não se põe, a estrela rutilante sempre clara.

3. Como a estrela emite um raio da mesma natureza, assim a Virgem dá o dia a seu filho. A estrela não se altera pelo raio de luz nem a mãe pelo filho.

4. O alto cedro do Líbano se transforma em hissopo em nosso vale, o Verbo, o pensamento do Altíssimo, dignou-se tomar um corpo de carne. 5. Isaías o cantou, a Sinagoga se lembra disso, mas não

¹ **Sibyllinis versibus.** SINTAXE. — A construção é: *credat haec vel a gentilibus vatibus in versibus Sibyllinis praedicta esse*. A Idade Média conhecia os versos da Sibila, sobretudo porque o diz Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XVIII, 23.

deixa de ser cega. Se ela não crê em seus próprios profetas, creia ao menos que esse acontecimento foi anunciado pelos pagãos nos versos da Sibila.

6. Infeliz, apressa-te e confia na tradição. Por que serás julgado pobre povo? Saiba que aquele de que fala a Escritura nasceu. A jovem mãe o pôs no mundo.

VERSIFICAÇÃO. — Nas duas primeiras seqüências, o verso depende completamente da música e nada tem a ver com a métrica dos Antigos. Do ponto de vista clássico, trata-se de prosa solene, dividida em períodos e em *cola*. São os salmos e os cânticos bíblicos que se encontram na base desta forma de poesia, embora aqui as condições sejam diferentes por causa da música. Se observarmos primeiramente a seqüência francesa um pouco mais detalhadamente, veremos que cada estrofe termina pela vogal *-a* e, freqüentemente, também os versos do interior das estrofes. Já tentamos explicar isto pela hipótese de que a seqüência francesa era executada, em geral, por um solista, enquanto o coro cantava *alleluia* com muitos melismos sobre a vogal *-a*. Notker, pelo contrário, não se serve dessas rimas, possivelmente porque na Alemanha dois coros cantavam alternadamente as estrofes e as antístrofes das seqüências. A terceira seqüência é característica do início do século XI, época em que os versos desta poesia começaram a ser regularizados pelo modelo da poesia rítmica. Vê-se que a maior parte das estrofes é composta de dois versos: 4p (por exemplo *Laetabundus*) e 7pp (*angelus consilii*). Não encontramos outros versos senão nas estrofes 1,2 (*exsultet fidelis chorus* = 8p), 6,1-2 (*infelix propera* = 6pp) e 6,3 (*cur damnaberis, gens misera* = 9 pp). Antes do fim do século XI, podemos encontrar

seqüências que apresentam estrofes de uma formação completamente regular. Essas estrofes imitam as dos hinos. Adão de São Vítor, um dos mais célebres compositores de seqüências, que vivia no século XII, emprega assim a estrofe ambrosiana em sua seqüência em honra de Santa Genoveva. Ele imitou os dois versos 7pp e 4p que encontramos em *Laetabundus* numa outra seqüência:

<i>Sexta passus feria</i>	<i>Surgens cum victoria</i>
<i>Die Christus tertia</i>	<i>Collocat in gloria</i>
<i>Resurrexit.</i>	<i>Quos dilexit.</i>

O verso de 10 sílabas, 4+6pp, tão amado pelos poetas do século XII, é a base da estrofe que emprega na seqüência em honra de São Martinho:

<i>Gaude Sion quae diem recolis</i>	<i>Hic Martinus, pauper et modicus,</i>
<i>Qua Martinus, compar apostolis,</i>	<i>Servus prudens, fidelis villicus,</i>
<i>Mundum vincens, iunctus caelicolis</i>	<i>Caelo dives civis angelicus</i>
<i>Coronatur.</i>	<i>Sublimatur.</i>

Serve-se também de outros versos, mas, sobretudo do tipo seguinte, que se tornou o verso das seqüências por excelência, depois dele:

<i>Ave, virgo singularis,</i>	<i>Tota virgo sed fecunda,</i>
<i>Porta vitae, stella maris,</i>	<i>Casta corde, carne munda</i>
<i>Ave decus virginum.</i>	<i>Gignens Christum Dominum¹.</i>

Em Adão, as rimas são sempre dissilábicas; esta é a regra desde o fim do século XI.

¹ Ver. F. Wellner, *Adam von Sankt Viktor, Sämtliche Sequenzen*, Munique, 2ª ed., 1955, p. 76, 126, 294, 234.

9. A versificação após o ano 1000

Para ilustrar a técnica dos poetas medievais, estudaremos ainda alguns exemplos de poemas compostos após o ano 1000.

A. Quis est hic

O poema que começa por estas palavras se encontra num comentário sobre o *Cântico dos Cânticos*, escrito na Itália na metade do século XI. O autor é desconhecido; o último editor tentou atribuí-lo a São Bruno de Segni, mas a questão está para se retomar¹

A. *QUIS EST HIC*

1. *Quis est hic*

*qui pulsat ad ostium,
Noctis rumpens somnium?
Me vocat: "O,
virginum pulcherrima,
Soror, coniux
Gemma splendidissima,
Cilo surgens*

¹ O texto se encontra em Migne, *Patr. Lat.*, CLXIV, col. 1266 A. Cf. M. Lokrantz, *L'opera poetica di S. Pier Damiani*, Estocolmo, 1964, p. 214.

aperi, dulcissima!

2. *Ego sum*
summi regis filius,
Primus et novissimus,
Qui de caelo
in has veni tenebras
Liberare
captivorum animas,
Passus mortem
et multas iniurias."

3. *Mox ego*
dereliqui lectulum,
Cucurri ad pessulum,
Ut dilecto
domus mea pateat,
Et mens mea
plenissime videat,
Quem videre
Maxime disiderat.

4. *At ille*
iam inde transierat,
Ostium reliquerat,
Quid ergo, quid
miserrima facerem?
Lacrimando
sum secuta iuvenem,
Cuius manus
plasmaverunt hominem.

5. *Vigiles*
urbis invenerunt me,
Exspoliaverunt me,
Abstulerunt
et dederunt pallium,
Cantaverunt

*mihi novum canticum,
Quo in regis
inducar palatium.*

[TRADUÇÃO]

1. Quem é aquele que bate à porta e rompe o sono da noite? Ele me chama: "Ó mais bela das mulheres, minha irmã, minha esposa, a mais brilhante das gemas, levanta-te imediatamente e abre-me a porta, ó minha dulcíssima amiga.

2. Sou o filho do rei supremo, o primeiro e o último, que veio do céu nessas trevas para libertar as almas dos prisioneiros, submetendo a morte e muitas injustiças."

3. Imediatamente deixei o leito, correndo ao ferrolho para abrir a casa a meu bem amado e para que minha alma veja claramente o que deseja ardentemente ver.

4. Mas ele já se afastava, já tinha deixado a porta. Que podia eu, infeliz, que podia eu fazer? Segui, chorando, meu jovem bem amado cujas mãos fizeram o homem.

5. Os guardas da cidade me encontraram, me despojaram, tiraram meu manto para me dar um outro e me cantaram uma canção nova para me introduzir no palácio do rei.

VERSIFICAÇÃO. — O poema se compõe de cinco estrofes iguais. Observando as rimas, pode-se ver que o poeta dividiu cada estrofe em cinco versos com rimas *aabbb*. Todos os versos têm uma

terminação proparoxítona. O primeiro tem a forma 3+7pp, o segundo 7pp e os três últimos 4+7pp.

Neste canto há uma tendência muito clara para o emprego de rimas dissilábicas. Na primeira estrofe, as rimas em *-ium* e em *-ima* são perfeitas, mas nas outras, encontramos frequentemente assonâncias do tipo *-ius: -imus; -ebras: -imas: -ias; -eat: -erat; -erem: -enem: -inem; -ium: -icum* em que a vogal da primeira sílaba é quase sempre idêntica, mas não as consoantes.

O poeta que tomou as imagens, por vezes até os vocábulos do *Cântico dos Cânticos*, introduz as seguintes personagens: a esposa que simboliza a alma do homem, seu bem amado que se identifica pelas palavras *summi regis filius, primus et novissimus* e *cuius manus plasmaverunt hominem*, e, enfim, os guardas da cidade, que são os padres e os doutores da Igreja. O poema começa por uma espécie de drama. A cena da primeira estrofe, que começa por um monólogo, se passa durante a noite na cama da esposa. Ouve-se seu bem amado chamar de fora da cena. Mas na estrofe 3, o poeta abandona a ação dramática e deixa a esposa contar o que se passou em seguida. Tendo a alma descoberto sua situação, chora, converte-se e recebe o batismo das mãos dos padres que a preparam para a vida celeste no palácio do rei. O poema se move, portanto, em dois planos, um plano simbólico, tomado dos *Cânticos dos Cânticos*, e um plano real, que se deixa entrever de vez em quando. Parece-nos que o efeito do poema depende de algum modo dessa mistura de símbolos e de realidades, assim como de alternância estranha de monólogo, de diálogo e de narração. Notamos também bruscas mudanças no estado de espírito da esposa: revelada sutilmente, ela passa da alegria à dor, que se transforma logo em esperança de ser introduzida no palácio do rei.

B. Hugues d'Orléans (Primas)

Durante a primeira metade do século XII, vivia ao norte da França um poeta erudito, original e de temperamento polêmico, ao qual os contemporâneos davam o nome de *Primas*, título honorífico de que ele mesmo se serve de boa vontade. Exprime-se em hexâmetros e em versos rítmicos com o mesmo talento e a mesma destreza natural. Todos os seus versos são rimados, dos quais damos aqui três epigramas em versos leoninos¹.

*Pontificum spuma, fex cleri, sordida struma,
Qui dedit in bruma michi mantellum sine pluma².*

*"Hoc indumentum tibi quis dedit? An fuit emptum?
Estne tuum?" — "Nostrum. Sed qui dedit, abstulit ostrum."*

—
"Quis dedit hoc munus?" — "Presul michi prebuit unus."

—
*"Qui dedit hoc munus, dedit hoc in munere funus.
Quid valet in bruma clamis absque pilo, sine pluma?"*

¹ Esses epigramas foram publicados recentemente por K. Langosch, *Hymnen und Vagantenlieder*. Bâle, 1954, p. 184.

² **sine pluma**. LEXICOGRAFIA. — Para exprimir que o manto era usado e esfarrapado, o poeta se serve de imagens diversas e se compara a uma ave sem penas, *sine pluma*, a um animal sem pelos, *absque pilo*, ou sem pele, *sine pelle*, a um carneiro sem lã, *vellus*. Todas essas imagens são interpretadas ironicamente, como os vocábulos *abstulit ostrum* v. 4 "o doador retirou a púrpura".

Cernis adesse nives, moriere gelu neque vives."

*"Pauper mantelle, macer, absque pilo, sine pelle,
Si potes, expelle boream rabiemque procelle.
Sis michi pro scuto, ne frigore pungar acuto.
Per te posse puto ventis obsistere tuto." —
Tunc ita mantellus: "Michi nec pilus est neque vellus,
Sum levis absque pilo, tenui sine tegmine filo
Te mordax aquilo per me feriet quasi pilo.
Si notus iratus patulos perflabit hiatus,
Stringet utrumque latus per mille foramina flatus." —
"Frigus adesse vides." — "Video, quia frigore strides,
Sed michi nulla fides, nisi pelliculas clamidi des.
Scis quid ages, Primas? Eme pelles, obstrue rimas.
Tunc bene depellam iuncta michi pelle procellam.
Compatior certe, moveor pietate super te
Et facerem iussum, sed Jacob, non Esau sum."*

[TRADUÇÃO]

Ó espuma dos bispos, lia do clero, chaga hedionda, que em pleno inverno me deu um manto usado.

"Quem te deu esta roupa? Achaste-a? É tua?" "Sim. Mas a que lhe deu tem a púrpura arrancada." — "Quem te deu esse presente?" — Foi um bispo." — "O doador te prejudicou com esse presente. Que valor tem em pleno inverno um manto sem lã e sem pele? Vês que as neves estão vindo, tu morrerás de frio e não viverás mais."

"Pobre manto, tão magro, sem lã e sem pele, se podes, afugenta o vento do norte e o furor da tormenta. Seja meu escudo para que eu não seja trespassado pelo frio agudo. Espero poder resistir o vento, com tua ajuda, sem perigo." Então o manto responde: "Não tenho pele nem lã. Estou usado até à corda, sem lã, e não posso te proteger.

Não seria por mim que o vento do norte te trespassaria como um dardo de arremesso. Se o vento em cólera penetra através dos farrapos boquiabertos, ele te gelará inteiramente pelos mil buracos." — "Vês que já agora faz frio." — "Eu bercebo isto porque bates os dentes. Mas tu não podes te fiar em mim para remendar o teu manto. Sabes o que deves fazer, Primas? Compra uns pedaços de pele, tampa os buracos. Enfeitado com pele, eu desviarei o vento. Bem seguro, eu te vejo com piedade, tocado de compaixão, e gostaria de te obedecer, mas sou Jacó e não Esaú."

VERSIFICAÇÃO. — A disposição das pausas no verso é sempre na quinta sílaba e o corte rima sempre com o vocábulo final do verso. A técnica das rimas é perfeita: todas as rimas são dissilábicas, estabelecido que se leve em conta a pronúncia do latim na França. Primas pronunciou, por exemplo, a última parte de *indumentum* da mesma maneira que *emptum*. Em outros de seus poemas, encontram-se assim as rimas *sanctum: disputantum; contemptu: conventu; velox: Pelops: celos; sancte: diligam te* etc. Como no último caso, ele se diverte, por vezes, brincando com os monossílabos. O monossílabo pode ser um pronome, como por exemplo: *diverse: per se; teste: penes te; infixe: vix se; lite: pati te*; pode ser um substantivo *urus: tegitur sus; cordis: honor dis*; e é, por vezes, um verbo; cf. v. 19 *fides: clamidi des* e v. 23 *iussum: Esau sum*¹. Este exemplo mostra também que ele não diferencia consoantes dobradas de consoantes simples para o que diz respeito a rimas. Uma vogal longa pode também rimar com uma vogal breve: *nives: víves; pūto: túto; lātus: flātus* etc. É necessário observar que esta regra é válida mesmo quando

¹ Ver E. Löfstedt, *Syntactia*, I, p. 255 e ss.

esta diferença de quantidade ocasiona uma diferença de acentuação (caso dos vocábulos polissilábicos; cf. v. 15 *áquilo*: *pílo* e noutros poemas de Primas *rélice*: *amíce*; *láceret*: *quéret*; *púeris*: *véris*; *lácrimas*: *prímas*).

C. O dilema do estudante

Os poemas líricos latinos apresentam as formas mais variadas a partir do século XII, diferenciando-se totalmente da poesia clássica. Ilustraremos aqui a nova lírica por meio de um exemplo tomado das *Carmina Burana*¹.

- | | |
|---|--|
| 1a <i>Vacillantis trutine</i>
<i>Libramine</i>
<i>Mens suspensa fluctuat</i>
<i>Et estuat</i>
<i>Et tumultus anxios</i>
<i>Dum se vertit</i>
<i>Et bipertit</i>
<i>Motus in contrarios.</i>
<i>O languo;</i>
<i>Causam languoris video</i>
<i>Nec caveo</i>
<i>Videns et prudens pereo.</i> | b <i>Me vacare studio</i>
<i>Vult ratio;</i>
<i>Sed dum amor alteram</i>
<i>Vult operam</i>
<i>In diversa rapior.</i>
<i>Ratione</i>
<i>Cum Dione</i>
<i>Dimicante crucior.</i>
<i>O languo;</i>
<i>Causam languoris video</i>
<i>Nec caveo,</i>
<i>Videns et prudens pereo.</i> |
| 2a <i>Sicut in arbore</i>
<i>Frons tremula,</i>
<i>Navicula</i>
<i>Levis in equore</i>
<i>Dum caret ancore</i>
<i>Subsidio,</i> | b <i>Sub libra pondero,</i>
<i>Quid melius,</i>
<i>Et dubius</i>
<i>Mecum delibero.</i>
<i>Nunc menti refero</i>
<i>Delicias</i> |

¹ Ver *Carmina Burana*, ed. A. Hilka e O. Schumann, II, Heidelberg, 1941, n° 108.

<i>Contrario</i>	<i>Venerias;</i>
<i>Flatu concussa fluitat:</i>	<i>Que mea mihi Florula</i>
<i>Sic agitat</i>	<i>Det oscula;</i>
<i>Sic turbine sollicitat</i>	<i>Qui risus, que labellula,</i>
<i>Me dubio</i>	<i>Que facies,</i>
<i>Hinc amor, inde ratio.</i>	<i>Frons, naris aut cesaries.</i>
<i>O languedo;</i>	<i>O languedo;</i>
<i>Causam languoris video</i>	<i>Causam languoris video</i>
<i>Nec caveo,</i>	<i>Nec caveo,</i>
<i>Videns et prudens pereoo.</i>	<i>Videns et prudens pereoo.</i>

3a <i>His invitaa</i>	b <i>Nam solari</i>
<i>Et irritaa</i>	<i>Me scolari</i>
<i>Amor me blanditiis;</i>	<i>Cogitaa exilio.</i>
<i>Sed aliis</i>	<i>Sed, ratio,</i>
<i>Ratio sollicitaa</i>	<i>Procul abi! Vinceris</i>
<i>Et excitaa</i>	<i>Sub Veneris</i>
<i>Me studiis.</i>	<i>Imperio.</i>
<i>O languedo;</i>	<i>O languedo;</i>
<i>Causam languoris video</i>	<i>Causam languoris video</i>
<i>Nec caveo,</i>	<i>Nec caveo,</i>
<i>Videns et prudens pereoo.</i>	<i>Videns et prudens pereoo.</i>

[TRADUÇÃO]

1a Com a incerteza de uma balança oscilante, minha alma está indecisa e flutuante quando, ansiosa, ela retorna sobre sua decisão e se divide em movimentos contrários. Ah, estou perdido, vejo a razão de minha doença, mas não me vejo, com os olhos abertos eu me perco.

1b A razão exige que eu me entregue aos estudos. Mas quando o amor deseja outra coisa, estou aflito e sofro quando a razão e Vênus se batem.

2a Sou como uma folha tremulante sobre a árvore, como um frágil barquinho sobre o mar que sem a ajuda de uma âncora é agitado pelos ventos contrários. É assim que o amor e a razão me jogam de um lado e de outro para um vento mutante.

2b Eu peso na balança e examino, hesitante, o que é melhor, o que me representa o prazer do amor, os beijos de minha pequena Flora, seus risos, seus lábios, sua face, sua testa, seu nariz, seus cabelos.

3a O amor me convida e me tenta para essas delícias, e a razão me solicita e me atira para outros interesses,

3b porque ele quer me consolar, propondo estudos no estrangeiro. Mas, razão, **va-t-en**. O poder de Vênus triunfa de ti.

versificação. — O poema se compõe de três pares de estrofes que se diferenciam umas das outras, o que quer dizer que temos aqui a repetição progressiva característica da seqüência. Embora os versos apresente um aspecto muito variado, eles não são livres como os das primeiras seqüências, mais ritmicamente reguladas. A primeira estrofe se compõe desses versos: 2 X (7pp,4pp), 7pp, 4p, 4p, 7pp; a segunda segue o esquema 6pp, 4pp, 4pp, 6pp+6pp, 4pp, 4pp, 8pp, 4pp, 8pp, 4pp, 8pp, e a terceira 4p, 4p, 7pp, 4pp, 7pp, 4pp, 4pp. O refrão, enfim, pode ser descrito como 2 X (4pp+8pp). Comparando essas fórmulas, vê-se que os elementos rítmicos de que se compõem os versos são em número limitado. Todos os versos são ligados por rimas dissilábicas.

10. A prosa rimada

A retórica, da qual vimos como agiu sobre Adelmo e os autores gauleses da época merovíngia, não parou de exercer uma influência, por vezes nefasta, sobre os espíritos. Característica da última metade da Idade Média é a prosa com rimas dissilábicas e com um emprego generalizado do *cursus* rítmico. Seleccionamos aqui algumas passagens de Benzon, bispo de Alba, na Itália, que é um dos primeiros prosadores a se servir, em princípio sempre, de rimas dissilábicas. Pelo final do século XI, escreveu uma obra *Ad Heinricum IV*, em que defende a política italiana dos imperadores alemães e ataca ferozmente o Papa Gregório VII¹.

Quoniam de impiissima heresi Folleprandelli² volumus et debemus aliquid dicere, / oportet a superioribus paulisper incipere. / Constantinus igitur imperator, divina revelatione / sanctique Sil-

¹ O texto se encontra nos *MGH, Script.*, p. 670, *Bensonis Albensis Ad Heinricum IV*, liber VII,2.

² **Folleprandelli.** LEXICOGRAFIA. — Benzon tenta designar seus adversários por meio de nomes injuriosos. Assim, ele chama Hildebrando-Gregório VII *novus Antichristelus* ou *Prandellus* ou, como aqui, *Folleprandellus* (italiano *folle* = louco), chama Rodolfo por *Merdulfus* e insulta os normandos, escrevendo *Normanni qui melius dicuntur Nullimanni* (Ver P. Lehmann, *Die Parodie im Mittelalter*, 2ª ed., Munique, 1963, p. 65).

vestri digna predicatione / conversus ad culturam christianae religionis, / roboravit catholicam fidem multiphariam¹ multisque modis. / Postquam autem Romanam dignitatem et pene totam Urbem traxit secum ad apostolicae credulitatis fidem, / edicto constituit ut omnes in sacrae fidei professione sentirent unum atque idem. / Ea de causa reliquit Romae suum patricium / ad custodiendam rem publicam, / et de manu papae accipiens apocrissarium², / voluit ut esset Constantinopoli ob disciplinam aecclesiasticam; / quatenus presumentem garrere contra fidem fieret obvius apocrissarius, / et aecclesiae Romanae volenti iniuriam inferre contradiceret patricius.

Et quoniam electio papae fiebat in criptis³ propter metum paganorum, / precepit ut deinceps celebraretur sollempniter⁴ in

¹ **multiphariam.** LEXICOGRAFIA. — *Multifariam* parece ter, aqui, o sentido de "de diversas maneiras" e ser um sinônimo de *multis modis*.

ESTILÍSTICA. — A *multiphariam* Benzon acrescentou *multisque modis* para obter uma assonância dissilábica e uma rima monossilábica com *religionis*. As outras assonâncias ou rimas imperfeitas que se encontram em nosso texto são *orbis: imperatoris: electionis* (linha 28) e *patricium: comissum* (linha 28). Ao contrário, *extra* (linha 20), pronunciado *estra*, forma uma rima completa com *horchestra*, assim como *Otto: toto* (linha 38). Em geral, Benzon agrupa as rimas duas a duas e, algumas vezes, reata pela rima três ou até mais membros de frase (cf. linhas 9 e ss., 20 e ss. e 39 e ss.).

Benzon ainda não tinha aprendido as regras do *cursus* rítmico que, no século XI, só eram praticadas por São Pedro Damião e alguns beneditinos eruditos.

² **apocrissarium.** LEXICOGRAFIA. — A forma correta desse vocábulo híbrido, cuja raiz é grega e a terminação *-arius* latina, é *apocrissarius*, que já se encontra nos textos do século VI para designar o embaixador do papa.

³ **criptis.** LEXICOGRAFIA. — É difícil de precisar aqui o sentido do vocábulo *cripta*. Sabe-se que o vocábulo grego *crypta* > *crupta* está na origem do italiano *grotta* e se questiona se Benzon está pensando ou não em catacumbas.

⁴ **Sollempniter.** FONÉTICA. — A grafia *sollempniter*, que é usual na Idade Média, deve ter causado uma pronúncia escolar do *p*, mas notamos aqui alguns casos em que as rimas mostram que a letra *p* tinha uma função puramente ortográfica.

conventu populorum. / Taliter quidem ut, si esset imperator eo loci quo per unum vel duos menses valuisset Romana legatio ad eum attingere, datis induciis interroganda foret per legatum eius elementia, / utrum placuisset sibi interesse corporali presentia. / Si vero moras ageret cesar in longinquis partibus orbis, / cis mare vel extra, / sedente patricio in sua horchestra¹, / vice imperatoris, / a clero, senatu et populo fiat secundum Deum coniventia huiusmodi electionis. / Consecrari denique nullatenus presumatur, / donec per se aut per suam epistolam imperialis consensus adhibeatur. / Quod a nullo violatum legimus, preter de Pelagio, qui suam non ausus est ad cesarem dirigere legationem, / propter Longobardorum circa Romam frequentissimam discursionem. / Cognoscens autem cesar veritatem rei per patricium, / non grave accepit quod non erat dolo comissum. / Preterea non ignotum credimus episcopis et sapientibus clericis, qualiter beatus Gregorius est inthronizatus, operante Germano patricio, / volente atque iubente imperatore Mauricio. / Usquequo vero hoc perduravit, cui est cura cognoscere, / librum pontificalem dignetur revolvere. / Illic inveniet, qualiter exarsit contra eos imperialis censura, / qui ausi sunt infringere sacrae constitutionis² intemeranda iura. / Nam neque temporibus Grecorum, / sive Francorum, aut Teutonicorum, / qui adepti fuerunt arcem Romani imperii, / evasit penas presumptor huius sacrilegii. / Tercius denique Otto, / cuius magnalia³ predicantur in orbe toto, /

¹ **horchestra.** LEXICOGRAFIA. — *Orchestra* é aqui preferida a *tribunal* por causa da rima.

² **sacrae constitutionis.** LEXICOGRAFIA. — O adjetivo *sacer* foi aplicado durante o baixo-império em tudo que dizia respeito à pessoa do imperador e a sua conversão ao cristianismo não mudou esse uso.

³ **magnalia.** LEXICOGRAFIA. — *Magnalia* "grandes coisas", "maravilhas", "altos feitos" foi introduzida no latim na época cristã.

super cuiusdam pseudopapae nefaria presumptione / ultus est in aurium, linguae nasique detruncatione, / simulque cum oculorum evulsione. / O vir virorum, / o imperator imperatorum, / cuius liberalitas erit memorialis per secula seculorum!

[TRADUÇÃO]

Como não podemos dispensar de mencionar a heresia ímpia de Folleprandellus, devemos retornar um pouco atrás. Quando, sob o efeito da revelação divina e da nobre pregação de São Silvestre, o imperador Constantino se converteu à religião cristã, ele consolidou a fé católica de vários modos. Depois de ter arrastado consigo a aristocracia romana e quase toda a cidade à fé dos apóstolos, ordenou a todos, por um edito, que não houvesse qualquer divergência nas matérias desta santa religião. Por esta razão é que deixou em Roma seu prefeito para defender o Estado e mandou para morar em Constantinopla o núncio que o Papa lhe deu para a fiscalização da disciplina eclesiástica; desse modo, o núncio devia opor-se a todas as pessoas que ousasse tomar a palavra contra a fé, e o prefeito devia combater todos os que quisessem fazer alguma injustiça à igreja romana. Tinha-se o hábito, por medo dos pagãos, de se eleger o papa nas criptas, mas ele ordenou que daquele dia em diante isso se fizesse solenemente na assembléia do povo. Se o imperador se encontrasse num lugar em que os comissários do senado romano pudessem chegar em um ou dois meses, devia-se esperar e perguntar-lhe se ele queria estar presente pessoalmente. Mas, se o imperador estivesse em partes distantes do mundo, deste ou do outro lado do mar, o clero, o senado e o povo elegeriam conjuntamente o papa segundo a vontade de Deus, sob a presidência do prefeito, que representaria o imperador. Mas, de

nenhum modo, devia ser consagrado antes de obter, de viva voz ou por carta, a autorização do imperador. Esta estipulação nunca foi violada por ninguém, pelo que sabemos, à exceção de Pelágio, que nem se atreveu a enviar delegação ao imperador por causa das freqüentes incursões dos lombardos nas proximidades de Roma. Quando o imperador soube, através do prefeito, do que realmente havia acontecido, não se ofendeu porque não se tratava de uma conspiração. Cremos, finalmente, que os bispos e os padres eruditos sabem como São Gregório foi entronizado pelo prefeito germânico, segundo a vontade e sob a ordem do imperador Maurício. Quem deseja conhecer a história desse regulamento pode estudar o *Liber pontificalis*. Ali se aprenderá como os imperadores puniram severamente os que tentaram menosprezar as leis invioláveis desta constituição sagrada. De fato, sejam gregos, francos ou alamanos os que ocuparam o trono do império romano, nenhum daqueles que cometeram esse sacrilégio escapou à punição. Ultimamente, Óton III, cujos altos feitos são proclamados no mundo inteiro, vingou-se da presunção criminosa de um pseudo-papa mandando cortar-lhe as orelhas, a língua e o nariz e arrancar os olhos. Ah, que homem, que imperador — sua nobreza será lembrada em todos os séculos futuros.

11. A prosa narrativa

Ao lado da prosa em que os autores fazem ostentação de seus conhecimentos de retórica, entre outros que terminam os períodos por cadências rítmicas e, muitas vezes, por rimas, existe também na Idade Média uma prosa narrativa escrita num tom bem diferente e com uma sintaxe muito simples. Os autores desta prosa se inspiram freqüentemente nos Evangelhos, que têm um estilo muito diferente do adotado pela prosa artística pagã, mas, para a maior parte dos autores, e sobretudo para os de língua românica, a língua materna era a fonte principal de que eles hauriram o vocabulário, as construções, a ordem das palavras, o emprego da coordenação ao invés da subordinação etc. Em nossa opinião, os escritores italianos são os mestres desta prosa narrativa. Seu latim tem muito pouco em comum com a língua de Cícero. Trata-se, na verdade, de um italiano ligeiramente latinizado, mas de um estilo vivo, claro e mesmo elegante, desde que não se considere o latim clássico como o modelo a partir do qual tudo está para julgar. Para se dar uma idéia disso, escolhemos uma parte da crônica dos frades menores, composta por Salimbeno de Adão pelo final do século XIII¹.

¹ *Cronica fratris Salimbene de Adam*, ed. Holder-Egger, *MGH, Script.*, XXXII, p. 181 e ss.

Iste frater Henricus Pisanos fuit pulcher homo, mediocris tamen stature, largus, curialis¹, liberalis et alacer; cum omnibus bene conversari sciebat condescendendo et conformando se moribus singulorum, fratrum suorum gratiam habens et secularium, quod paucorum est. Item sollemnis² predicator et graciosus clero et populo fuit. Item sciebat scribere, miniare³ — quod aliqui illuminare dicunt, pro eo quod ex minio liber illuminatur —, notare, cantus pulcherrimos et delectabiles invenire, tam modulatos, id est fractos, quam firmos⁴. Sollemnis cantor fuit. Habebat vocem grossam et sonoram, ita ut totum repletet chorum. Quillam⁵ vero habebat subtilem, altissimam et acutam, dulcem, suavem et delectabilem

¹ **curialis.** LEXICOGRAFIA. — *Curia* podia designar, na Idade Média, a corte pontifical ou a corte de um rei e, por conseguinte, *curialis* se emprega por tudo que diz respeito a corte, inclusive com o sentido de "cortês".

² **sollemnis.** LEXICOGRAFIA. — Salimbeno se serve do vocábulo *sollemnis* com o sentido de "eminente" aqui e na linha 8, onde ele chama Henrique de *sollemnis cantor*.

³ **miniare.** Os dois verbos *miniare* e *illuminare* são termos técnicos para designar ilustrar manuscritos com desenhos. Nos mosteiros italianos, uma decoração desse gênero era chamada *miniatura*, vocábulo que conheceu um grande sucesso nas línguas européias.

⁴ **cantus... tam modulatos id est fractos quam firmos.** LEXICOGRAFIA. — *Cantus firmus*, italiano *canto fermo*, era o cantochão litúrgico, *cantus modulatus* ou *fractus*, italiano *canto fratto*, o canto figurado, cujas medidas tinham um valor determinado.

⁵ **quillam.** LEXICOGRAFIA. — *Quilla* é uma latinização do vocábulo *quilio*, "falsete", que se emprega, por exemplo, na expressão *cantare in quilio*. O texto de Salimbeno é cheio de vocábulos provenientes do italiano (ou do francês). Entre estes, encontram-se *apodiare se*, italiano *appoggiarsi*, francês *s'appuyer*; *passagium, potagium*, italiano *passagio, potaggio*; *ribaldus*, italiano *ribaldo*, para não falar de *ravioli*, p. 547,21 *Comedi primo raviolos sine crusta de pasta*.

supra modum. Meus custos fuit in Senensi custodia¹ et meus magister in cantu tempore Gregorii pape noni. Et tunc vivebat frater Lucas Apulus ex ordine fratrum minorum, cuius est sermonum memoria, qui fuit scolasticus et ecclesiasticus et litteratus homo et in Apulia in theologia eximius doctor, nominatus, sollemnis atque famosus; cuius anima per misericordiam Dei requiescat in pace. Amen.

Item iste frater Henricus Pisanus fuit morigeratus homo et Deo devotus et beate virgini et beate Marie Magdalene. Nec mirum, quia ecclesia sue vicinie Pisis habebat vocabulum huius sancte. In civitate etiam Pisana beata virgo vocabulum habet matricis ecclesie². In qua fui a Pisano archiepiscopo diaconus ordinatus. Multas cantilenas fecit frater Henricus et multas sequentias. Nam illam litteram fecit et cantum: "Christe Deus, Christe meus, Christe rex et domine", ad vocem cuiusdam pedisseque, que per maiorem ecclesiam Pisanam ibat cantando³: "Es tu no cure de me / e no coraro de te".

¹ **custodia.** LEXICOGRAFIA. — Na ordem dos frades menores, as províncias eram divididas em *custodiae*, cada uma dirigida por um custódio. Salimbeno pertencia à *custodia* de Siene (Egito), como ele disse, na época do Papa Gregório IX, morto em 1241.

² **matrix ecclesia.** LEXICOGRAFIA. — A catedral é frequentemente chamada *matrix ecclesia* ou, como se diz mais abaixo, *maior ecclesia*. Parece que Salimbeno tenha confundido aqui as seguintes proposições: *ecclesia habet vocabulum beatae virginis* e *beata virgo ecclesiae nomen dedit*.

³ **ibat cantando.** SINTAXE. — No latim tardio, o ablativo do gerundivo pode servir de complemento de verbos como *stare* e *ire*. Cf. Venâncio Fortunato, *Carmina*, V, 14,5 *stat spargendo medelas*; Leo, *Alex.*, III,1 *Alexander nihil aliud optat facere nisi ire preliando et subiugando sibi gentes*. Estas são perífrases que se propagam nas línguas românicas (Ver P. Aalto, *Untersuchungen über das lateinische Gerundium und Gerundivum*. Helsinque, 1949, p. 75 e ss.).

Item illam cantilenam fecit, litteram cum triplici cantu, scilicet: "Miser homo cogita facta Creatoris". Item cantum fecit in illa littera magistri Phylippi cancellarii Parisiensis, scilicet: "Homo quam sit pura / Michi de te cura".

Et quia, cum esset custos et in conventu Senensi in infirmitario iaceret infirmus in lecto et notare non posset, vocavit me, et fui primus qui eo cantante notavi illum cantum. Item in illa alia littera, que est cancellarii similiter, cantum fecit, scilicet: "Crux, de te volo conqueri", et "Virgo, tibi respondeo", et "Centrum capit circulus", et "Quisquis cordis et oculi".

Et in illa sequentia: "Iesse virgam humidavit" delectabilem cantum fecit, et qui libenter cantatur, cum prius haberet cantum rudem et dissonum ad cantandum. Litteram vero illius sequentie fecit Ricardus de Sancto Victore, sicut et multas alias fecit sequentias. Item in hymnis sancte Marie Magdalene, quos fecit predictus cancellarius parisiensis, scilicet: "Pange lingua Magdalene", cum aliis sequentibus hymnis cantum delectabilem fecit. Item de resurrectione Domini fecit sequentiam, litteram et cantum, scilicet: "Natus, passus Dominus surrexit hodie".

Secundum vero cantum, qui ibi est, id est contracantum, fecit frater Vita ex ordine fratrum minorum de civitate Lucensi, melior cantor de mundo¹ tempore suo in utroque cantu, scilicet firmo et fracto. Vocem habebat gracilem sive subtilem et delectabilem ad audiendum.

¹ **melior cantor de mundo.** SINTAXE. — É fácil reconhecer a sintaxe das línguas românicas nesta expressão que o autor tomou da língua falada (Os cantos de Filipe, o Chanceler, mencionados por Salimbeno, foram publicados em *Analecta Hymnica*,

[TRADUÇÃO]

O irmão Henrique de Pisa era um belo rapaz, de estatura mediana, generoso, cortês, liberal e alegre. Sabia conversar bem com todo o mundo, descendo ao nível de cada um, e era tão amado por seus confrades quanto pelos leigos, o que é muito raro. Era um notável orador, muito famoso junto ao clero e ao povo. Sabia escrever, miniar — o que alguns chamam iluminar (ornamentar com iluminuras), já que um livro é iluminado com mínio — munir os livros de notas musicais e compor agradáveis melodias, seja medidas, em *cantus fractus*, seja em *cantus firmus*. Cantava muito bem. Tinha uma voz sonora e de grande volume, que enchia todo o coro, e tinha uma voz de falsete fina, muito alta e aguda, doce, deliciosa e infinitamente agradável. Era o chefe de nossa ordem, na província de Siene¹, assim como meu professor de canto, na época do Papa Gregório IX. Nesta época vivia o Irmão Lucas, o Apulião, da ordem dos irmãos menores — ainda se conserva a lembrança de seus sermões — um homem sábio, piedoso e letrado, que era um distinto, renomado, excelente e célebre doutor em Teologia em Apúlia (na Itália). Que sua alma repouse em paz, pela misericórdia de Deus, amém.

Mas, para voltar ao irmão Henrique de Pisa, este era de um bom caráter, devotado a Deus, à Santa Virgem e a Santa Maria Madalena, o que nada tem de maravilhoso, visto que a igreja vizinha, em Pisa, levava o nome desta santa. Na cidade de Pisa, a catedral em que fui ordenado diácono pelo arcebispo de Pisa, foi nomeada, de-

XX,89, XXI,12,14 e 168, L,363; a seqüência atribuída a Ricardo de São Vítor se encontra no tomo LIV,220.).

¹Cidade do Alto Egito, famosa por seu granito vermelho.

pois, da Santa Virgem. O irmão Henrique compôs muitos cantos e diversas seqüências. Ele compôs, por exemplo, o texto e a melodia de *Christe Deus, Christe meus, / Christe rex et domine*, segundo a canção de uma pequena serva que passeava na catedral de Pisa, cantando "Se tu zombas de mim, eu não zombo de ti". Escreveu ainda o canto seguinte (o texto com três vozes): *Miser homo cogita facta creatoris*. E compôs a melodia para esse texto do maestro Filipe, o chanceler de Paris: *Homo quam sit pura / Michi de te cura*.

Quando era superior provincial e estava doente na enfermaria da Abadia de Siene, sem poder escrever notas musicais, ele me chamou e assim eu fui o primeiro a anotar esta melodia, a partir de seu canto. Além disso, ele musicou outros textos do chanceler, a saber *Crux de te volo conqueri, Virgo tibi respondeo, Centrum capit circulus* e *Quisquis cordis et oculi*.

Pela seqüência *Iesse virgam humidavit*, ele compôs uma melodia deliciosa, que se canta com prazer, enquanto a antiga melodia era bárbara e dissonante. É Ricardo de São Vítor que escreveu o texto desta seqüência, assim como as de muitas outras. Ele compôs ainda uma bela música para os hinos em honra de Santa Maria Madalena, do Chanceler de Paris acima nomeado, principalmente com base em *Pange lingua Magdalene* e noutros hinos. Enfim, escreveu o texto e compôs o método da seqüência seguinte, sobre a ressurreição do Senhor: *Natus, passus Dominus resurrexit hodie*.

A segunda voz desse canto, isto é, os contrapontos, é obra do irmão Vita, da ordem dos frades menores, da cidade de Lucques, nesta época o melhor cantor do mundo nos dois gêneros, cantochão e canto figurado, tinha uma voz aguda, sutil e agradável aos ouvidos.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

A maior parte dos textos citados encontra-se nas seguintes grandes coleções:

Analecta Hymnica = C. Blume, G. M. Deves, H. Bannister, *Analecta hymnica medii aevi*, I-LV, Leipzig, 1886-1922 (citamos os números dos poemas).

Corpus Christianorum, I-. Turnhout, 1953- DIEHL, E. *Inscriptiones Latinae Christianae veteres*, I-III. Berlim, 1924-1930.

MIGNE. *Patr. Lat.* = *Patrologiae cursus completus. Series Latina*.
MGH = *Monumenta Germaniae Historica, Auct. ant.* = *Auctores antiquissimi*.

Dipl. karolin., I = *Die Urkunden der Karolinger*, I.

Epist. = *Epistolae*.

Leg. sect. = *Legum sectiones*.

Mer. = *Scriptores rerum Merovingicarum*.

PAC = *Poetae aevi Carolini*.

Script. = *Scriptores*.

THUROT, Ch. *Notices et extraits de divers manuscrits latins pour servir à l'histoire des doctrines grammaticales au moyen âge*. Paris, 1869.

WALTHER, H. *Proverbia sententiaeque Latinitatis medii aevi*. Göttingue, 1963-

Para os outros textos citados serão encontradas indicações bibliográficas suficientes nas notas de pé de página.

O léxico do latim medieval tem sido objeto de numerosos estudos. Citaremos os títulos dos dicionários mais importantes nas notas das páginas 68 e 69, quando estaremos tratando do "latim medieval após o ano 1000". Os manuais e tratados que mencionaremos mais freqüentemente são os seguintes:

BASTARDAS PARERA, J. *El latín medieval hispánico*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 251-290.

———. *Particularidades sintácticas del latín medieval*. Barcelona, 1953.

BECKMANN, G. A. *Die Nachfolgekonstruktionen des instrumentalen Ablativs im Spätlatein und im Französischen*. Tübingue, 1963.

BONIOLI, M. *La pronuncia del latino nelle scuole dell'Antichità al Rinascimento*, I. Turim, 1962.

BOURCIEZ, E. *Éléments de linguistique romane*. 5ª ed. Paris, 1967.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *El latín de la península ibérica*, *Rasgos lingüísticos*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 153-197.

———. *El latín de la liturgia hispánica*, *Estudios sobre la liturgia mozárabe*. Madri, 1965, p. 55-87.

ELFVING, L. *Étude lexicographique sur les séquences limousines*. Estocolmo, 1962.

FICKERMANN, N. *Thietmar von Merseburg in der lateinischen Sprach-tradition, Jahrbuch für die Geschichte Mittel- und Ostdeutschlands*, VI, 1957, p. 21-76.

HALVARSON, K. *Bernardi Cluniacensis Carmina De trinitate et de fide catholica, De castitate servanda, In libros regum, De octo vitiis*. Estocolmo, 1963.

HOFMANN-SZANTYR = HOFMANN, J. B. *Lateinische Syntax und Stilistik*. 2^a ed. por A. Szantyr. Munique, 1965.

LEHMANN, P. *Erforschung des Mittelalters*, I-IV. Stuttgart, 1959-1962.

LINDHOLM, G. *Studien zum mittellateinischen Prosarhythmus*. Estocolmo, 1963.

LÖFSTEDT, B. *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*. Upsala, 1961.

———. *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*. Upsala, 1965.

LÖFSTEDT, E. *Late Latin*, Oslo, 1959.

———. *Syntactica*, I-II, Lund, 1933-1942.

———. *Vermischte Studien zur lateinischen sprachkunde und Syntax*, Lund, 1936.

MEYER, W. *Gesammelte Abhandlungen zur mittellateinischen Rhythmik*, I-III. Berlin, 1905, 1936.

MOHRMANN, Chr. *Études sur le latin des chrétiens*, I-III. Roma, 1958-1965.

NORBERG, D. *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*. Upsala, 1943.

———. *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*. Upsala, 1944.

———. *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*. Estocolmo, 1958.

———. *La poésie latine rythmique du haut moyen âge*. Estocolmo, 1954.

ÖBERG, J. *Serlon de Wilton, Poèmes latins*, Estocolmo, 1965.

RICHÉ, P. *Éducation et culture dans l'Occident barbare, VI^e- VIII^e siècles*. 2^a ed. Paris, 1967.

THORSBERG, B. *Études sur l'hymnologie mozarabe*. Estocolmo, 1962. VÄÄNÄNEN, V. *Introduction au latin vulgaire*. 2^a ed. Paris, 1967.

WESTERBERGH, U. *Chronicon Salernitanum, A Critical Edition with Studies on Literary and Historical Sources and on Language*. Estocolmo, 1956.